



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO**

YAG CITY

Uma websérie documental sobre a Cena Queer de Aracaju/SE

Mateus Ferreira dos Santos

SÃO CRISTÓVÃO - SE
MARÇO/2025

Mateus Ferreira dos Santos

YAG CITY

Uma websérie documental sobre a Cena Queer de Aracaju/SE

Memorial Descritivo de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, pela Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação da Profª Drª Greice Schneider.

SÃO CRISTÓVÃO - SE

MARÇO/2025

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a mim mesmo. Mais especificamente, ao Mateus de 15-18 anos, que durante o período de execução deste trabalho se mostrou bastante presente. O Mateus que é persistente, criativo e que sabe o que quer e como quer, mas que há muito tempo estava adormecido devido ao cansaço do dia a dia, mas que despertou e me trouxe a vontade e a força necessária para não desistir do projeto.

Agradeço à minha família, em especial à minha mãe, Josefina Ferreira, à minha irmã Merivânia Ferreira e ao meu irmão mais velho, Mailson Ferreira. Vocês tornaram meus caminhos muito mais curtos do que poderiam ter sido e deixaram a minha vida muito mais fácil. Obrigado por sempre terem me apoiado em todas as minhas escolhas. Amo vocês, muito.

Também gostaria de agradecer a todos os meus professores do ensino médio por sempre acreditarem no meu potencial e me incentivarem a cursar o ensino superior. Graças aos conselhos de vocês, mais um aluno de escola pública chegou à Universidade Federal. Mas eu gostaria de agradecer em especial à minha hoje amiga Amanda Souza, minha eterna professora de português, que sempre torceu por mim e pelo meu sucesso, e que ainda um dia desses me mandou mensagem me dando o incentivo que eu tanto precisava. Eu te amo. Você faz muita diferença na vida dos seus alunos.

Queria agradecer também à minha linda equipe, em especial a André Louis, Diego Lima, Fannie Guimarães, Iasmin Santiago, Junior Santos, Julia Medeiros, Kamilly Carvalho, Lillian Pimentel, Murilo Granja, Najela Makio, Vivian Lima e William Balieiro. Obrigado por, mesmo sem me conhecerem, terem aceitado fazer parte de tudo isso, por terem acreditado na Yag City e por terem ficado comigo até o final. Sem vocês nada disso seria possível.

Às minhas amigas de Rio Real, Bárbara de Jesus, Gessy Kelly, Jacilândia Santos, Joelia Almeida, Larissa Karoline, Lorrane Nascimento, Luana Silva, Maria Beatriz de Jesus, Marinalva Soares e Raiane Andrade. Mesmo que a distância tenha nos afastado um pouco, vocês ajudaram a moldar um pouco da pessoa que sou hoje.

À família que eu escolhi (ou nem tanto), meus grandes amigos e irmãos, pessoas com quem dividi casa nesse período da graduação. Enos Goes, Jadilson Duarte, Luciano Gomes, Stéfane

Miranda e Wesley Araujo. Guardo vocês no meu coração, obrigado por terem me acolhido tão bem e por todos os momentos bons e icônicos. Amo vocês.

Aos meus amigos de Universidade, em especial a Amauri Lima, Carolina Cardoso, Heidy Souza, Ianna Mendonça, Franciele Oliveira, Jêisy Ferreira, Marília Gabriely, Vivian Milene, Ronicleiton Paixão, Tatiane Macena, Thaisy Santa Rosa, Viviane Silva, Samara Letícia e Yan Lima. Obrigado pelos quatro anos de histórias. A verdade é que nos divertimos muito e sem vocês, a vida universitária não teria tido a mesma graça.

Ao meu amigo William Silveira, por ter me ajudado nessa caminhada e sempre me tirar risadas.

À minha orientadora Greice Schneider, por toda a ajuda, paciência e pela companhia durante todo esse processo, sempre me dando direcionamentos excelentes. Você é brilhante em tudo o que faz.

Aos professores do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe, por todos os conhecimentos transmitidos e pelo zelo e amor com que exercem sua profissão. Em especial às professoras Liliane Feitoza e Michele Tavares. Sempre tive a impressão de que vocês eram professoras, mas que tinham a alma de alunas e isso sempre me cativou muito.

Aos meus entrevistados Kleber Eduardo, Timmy Tchanga e Samarah Tornado, por terem me recebido tão bem em suas casas e por compartilharem comigo suas experiências.

A todos aqueles que, de perto ou de longe, contribuíram para a existência deste projeto.

RESUMO

Este memorial sintetiza as atividades desenvolvidas para o projeto experimental como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em formato de websérie documental de três episódios, intitulado “Yag City”. Resume-se aqui o processo de produção do projeto, cujo objetivo é fazer um mapeamento dos lugares que formam a Cena Queer da cidade de Aracaju, capital de Sergipe, evidenciando a importância da existência desses locais para a comunidade, apresentando-os como espaços de resistência e de pertencimento, em que os indivíduos da comunidade encontram seus iguais e se sentem seguros e permitidos para ser quem são, sem medos e julgamentos.

Palavras-chave: websérie documental, Cena Queer, direito à cidade, pertencimento, identidade, lazer para população LGBTQIA+.

ABSTRACT

This memorial summarizes the activities developed for the experimental project as a Course Completion Work (TCC), in the form of a three-episode documentary web series, entitled “Yag City”. Here we return to the project's production process, whose objective is to map the places that form the Queer Scene in the city of Aracaju, capital of Sergipe, highlighting the importance of the existence of these places for the community, presenting them as spaces of resistance and belonging, in which individuals in the community find their equals and feel safe and allowed to be who they are, without fear and judgment.

Keywords: documentary web series, Queer Scene, right to the city, belonging, identity, leisure for the LGBTQIA+ population.

Lista de Figuras

Figura 1 - Ensaio fotográfico com Kleber Eduardo. Foto: Vivian Lima.....	46
Figura 2 - Logotipo finalizado, lettering com nome da websérie. Foto: Captura de tela.....	47
Figura 3 - Logotipo finalizado, símbolo da Yag City. Foto: Captura de tela.....	48
Figura 4 - Um dos símbolos que são apresentados na visualidade do álbum “Cromática”, da Lady Gaga. Foto: Captura de tela.....	49
Figura 5 - Logotipo do videoclipe “Stupid Love”, da Lady Gaga. Foto: Captura de tela.....	49
Figura 6 - Logotipo em visualizer da música “Falling 4 U”, da Nicki Minaj. Foto: Captura de tela... 50	
Figura 7 - Logotipo da série de televisão RuPaul’s Drag Race. Ilustração: Google Imagens.....	50
Figura 8 - Logo 3D da série “Bleach”. Ilustração: Google Imagens.....	50
Figura 9 - Fonte “The Last Shuriken”. Foto: Captura de tela.....	51
Figura 10 - Fonte “Panton Trial SemiBold”. Foto: Captura de tela.....	51
Figura 11 - Fonte “Open Sans Regular. Foto: Captura de Tela.....	52
Figura 12 - Fonte “Open Sans Bold”. Foto: Captura de tela.....	52
Figura 13 - Bandeiras da diversidade sexual e de gênero. Foto: Captura de tela do Google Imagens. 53	
Figura 14 - Paleta de cores do projeto. Ilustração: André Carvalho.....	53
Figura 15 - Variação da paleta. Ilustração: André Carvalho.....	54
Figura 16 - Mapa do episódio da Ballroom. Foto: Captura de tela.....	54
Figura 17 - Peça visual presente no videoclipe da música “Brutal”, da Olivia Rodrigo. Foto: Captura de tela.....	55
Figura 18 - Peça visual presente no videoclipe da música “Brutal”, da Olivia Rodrigo. Foto: Captura de tela.....	55
Figura 19 - Peça visual do episódio do Vegas. Foto: Captura de tela.....	56
Figura 20 - Peça visual do episódio do Vegas. Foto: Captura de tela.....	56
Figura 21 - Lyric Video da música “365” da cantora Charli XCX. Foto: Captura de tela.....	57
Figura 22 - Lettering de abertura do episódio da Ballroom. Foto: Captura de tela.....	57
Figura 23 - Tela de edição do Davinci. No node em questão, eram feitas alterações nas configurações das ferramentas destacadas, a fim de alterar a exposição e o contraste dos vídeos. Foto: Captura de tela.....	67

Figura 24 - Antes e depois da aplicação do color grading. Nesse vídeo, a principal alteração feita foi aquela referente às ferramentas de exposição e contraste (o vídeo bruto estava muito opaco). Foto: Capturas de tela.....	67
Figura 25 - Antes e depois do color grading. Nesse vídeo, a cor amarelo estava muito presente, então fiz alterações no balanço de branco, arrastando o offset em direção aos tons mais frios, a fim de neutralizar esse tom, para deixar as demais cores mais visíveis. Foto: Capturas de tela.....	68
Figura 26 - Drags Bombshell (esq) e Cherry (dir) na Pink Nights, 02.08, realizada no Doca Centro. Foto: Thaisy Santa Rosa.....	70
Figura 27 - Pink Nights, 02.08, realizada no Doca Centro. Foto: Thaisy Santa Rosa.....	70
Figura 28 - Pisão 911, um dos DJs da festa. Foto: Thaisy Santa Rosa.....	71

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. Objetivos.....	12
2.1 Geral.....	12
2.2 Específicos.....	12
3. Direito à cidade para a população LGBTQIAPN+, as territorialidades LGBTQIAPN+ e a Cena Queer.....	13
4. Descrição do projeto.....	16
5. Metodologia e Planejamento do produto.....	21
5.1 Pesquisa e Pré-produção.....	22
5.1.1 Análise de Similares.....	22
5.1.1.1 Reportagens da VICE Brasil.....	24
5.1.1.2 Força na Peruca.....	25
5.1.1.3 Queerbrada.....	25
5.1.1.4 Inspire the Night: Batekoo — a festa de Salvador que virou um manifesto.....	26
5.1.1.5 Madrugada Desesperada.....	26
5.1.1.6 Sobre Vivências - Documentário LGBT.....	28
5.1.1.7 Videoclipes e vídeos de plataformas como TikTok.....	28
5.1.2 A pesquisa bibliográfica.....	29
5.1.3 Mapeamento e seleção dos locais.....	30
5.1.4 A ida a campo e a visita de locação.....	31
5.1.5 A escolha dos personagens.....	33
5.1.6 Montagem da equipe.....	34
5.1.7 Produção dos roteiros de gravação.....	36
6. Produção.....	39
6.1 Gravações.....	39
6.1.1 Entrevistas.....	43
6.2 Ensaio fotográfico.....	46

6.3 Criação da identidade e das peças visuais.....	47
6.3.1 Logotipo.....	47
6.3.2 Referências visuais.....	49
6.3.3 Tipografia.....	51
6.2.3 Cor.....	52
6.3.4 Mapas.....	54
6.3.5 Tela de apresentação de personagem.....	55
6.2.6 Lettering Animado.....	56
7. Pós-Produção.....	57
7.1 Trilha Sonora.....	58
7.2 Roteiro de edição e montagem.....	59
7.1.2 Lá na Parada.....	61
7.1.3 O que acontece no Vegas, fica no Vegas.....	63
7.1.4 E POSE!.....	64
7.2 Edição de imagem e som.....	66
8. Prospecção e orçamento.....	68
8. O futuro da Websérie.....	72
9. Considerações finais.....	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	75
APÊNDICES.....	81
ANEXOS.....	137

1. Introdução

Quando eu morava em Rio Real, uma cidade que está localizada no interior do estado da Bahia, sempre tive muita dificuldade para encontrar meus “iguais” – pessoas LGBTQIAPN+¹ com as quais eu pudesse conversar sobre determinadas coisas que faziam parte do meu “mundo”. Lá, ao sair de casa, eu sentia constantemente a sensação de que não era muito bem-vindo nos espaços da cidade. Andar por aquelas ruas me causava ansiedade e desconforto, e tudo deveria ser previamente pensado antes de ir pra qualquer lugar, pois qualquer comportamento que fosse anormal do ponto de vista daquelas pessoas poderia ser motivo de comentários: o tipo de roupa, de cabelo, acessórios ou trejeitos.

Quando eu morava lá, também sentia falta de ter a vivência urbana que as pessoas com quem eu convivia tinham. Tudo isso sempre me fazia pensar que eu estava perdendo os meus melhores anos e que boa parte da minha juventude foi tomada – ou perdida – por essa limitação de vivências. As coisas só começaram a mudar depois dos meus 20 anos, quando mudei de cidade e vim parar em um lugar em que ser Queer não parece ser tão “incomum” assim.

Quando me mudei de cidade, em março de 2022, no mesmo ano fui para a minha primeira Parada LGBTQIAPN+ em Aracaju, para fazer um trabalho da faculdade, da disciplina de Fotojornalismo. Lembro desse dia com muito carinho, pois nunca tinha visto nada igual antes. Aquelas ruas coloridas e cheias de gente feliz, que posavam para a lente da câmera com o maior sorriso do mundo. Fiquei encantado. E quando chegou o momento de escolher um tema para fazer um trabalho de conclusão de curso, pensei que não poderia falar sobre outra coisa que não fosse a minha comunidade.

Foi a partir disso que surgiu a ideia de *elaborar um projeto experimental em formato de websérie documental com três episódios, apresentando os lugares/eventos que constituem a Cena Queer da cidade de Aracaju/SE e evidenciando a importância da existência desses espaços para a comunidade*. A proposta da série é apresentar esses espaços como locais de resistência, de pertencimento, de lazer e de diversão, em que os indivíduos da comunidade encontram seus iguais e se sentem seguros e permitidos para ser quem realmente são. Penso em quantos outros jovens do interior devem ter uma experiência igual à minha e ao meu ver, é isso que torna esse projeto relevante, pois para além do caráter festivo que existe nesses espaços, encontramos ali por algumas horas a liberdade que não temos nos outros espaços da

¹ Sei que existem outras versões da sigla para se referir às pessoas que fazem parte da comunidade, mas neste trabalho, usaremos dois: a última versão da abreviação, ou seja, LGBTQIAPN+ e o termo “Queer”.

cidade e é esse aspecto que torna esses locais símbolos de resistência, e que a depender do lugar, sequer existem.

A websérie aborda o tema em uma perspectiva “tanto ‘de dentro’ quanto ‘de fora’”², ou seja, não é uma narrativa montada através da voz de terceiros que não fazem parte desse universo, mas sim por meio do ponto de vista das pessoas que fazem parte da comunidade e que são frequentadoras desses espaços. Além disso, trata-se de um projeto estruturado com base na metodologia proposta por Guilherme Magnani (2002) ao abordar a antropologia urbana, definida por ele como “a perspectiva de perto e de dentro”. Nessa abordagem, o pesquisador, em vez de se guiar apenas por dados ou estatísticas, baseia-se nas experiências reais das pessoas, por meio de uma prática etnográfica em que está imerso no campo. Esta é uma perspectiva de caráter qualitativo, imersivo e situado, que é “capaz de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos” (MAGNANI, 2002, p. 17).³ Essa metodologia foi escolhida por permitir acompanhar o universo abordado de maneira mais autêntica e sensível, estabelecendo um diálogo com o método jornalístico proposto por Fabiana Moraes.

Vale destacar também que, em um primeiro momento, o projeto não se propõe a abordar os problemas que essa população enfrenta diariamente, porque acredito que isso já é bastante abordado pela grande mídia. Na maioria das vezes em que levam ao ar pautas relacionadas à comunidade, é para evidenciar as atrocidades que esses indivíduos sofrem cotidianamente e quando retratam essa população em produtos como filmes ou novelas, reforçam estereótipos que ajudam a gerar mais preconceitos e violência.

Como exemplo, podemos citar o artigo escrito por Barros (2020), no qual o autor conta que fez uma atividade durante uma roda de conversa utilizando o “Google Imagens” *para ver como a plataforma retratava as pessoas da comunidade*. Durante as discussões dos resultados, os envolvidos perceberam que das 50 primeiras notícias que apareceram sobre o termo “Travesti”, 42 eram negativas (o termo estava muito relacionado com notícias de morte e violência).⁴ Assim, o autor concluiu que a comunidade ainda possui sua imagem vinculada à

² Termo utilizado pela autora Fabiana Moraes (2022) para se referir a produções jornalísticas de caráter subjetivo, que se propõem a construir narrativas mais completas e sensíveis, elaboradas por pessoas que vivenciam a realidade abordada.

MORAES, Fabiana. *A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza*. 1. ed. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

³ MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-30, jun. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/?lang=pt>>. Acesso em: 19 abr. 2025.

⁴ Algo parecido aconteceu com os termos “Gay” e “Lésbica”, onde foram analisados os 32 primeiros resultados de cada pesquisa. No primeiro caso, 28 resultados foram negativos e quatro positivos, e no segundo, 11 negativos

situações de violência e vulnerabilidade social, e que as mídias possuem muita influência na construção de estereótipos que afetam diversos grupos ao apresentar apenas situações relacionadas à violência (BARROS, 2020, p.600). Como um LGBTQIAPN+ pode se ver em outras situações que não sejam de violência, se ao fazer uma busca no Google ou assistir/ler um jornal é esse tipo de conteúdo que ele vai ver sobre si?

Com esse projeto procura-se seguir o caminho contrário, ou seja, tratar o assunto de forma leve e descontraída, a fim de combinar o estilo ao objeto – se são lugares de celebração, nada mais justo que apresentá-los de forma divertida. Afinal, as pessoas da minha comunidade também precisam (e devem) se ver como protagonistas de histórias felizes.

O produto final deste projeto é uma websérie documental com três episódios, denominada *Yag City*⁵, que apresentará, a partir da perspectiva de três pessoas, três locais que fazem parte da Cena Queer da capital sergipana.

2. Objetivos

2.1 Geral

Evidenciar a importância da existência desses espaços para a comunidade, mostrando como eles contribuem para reforçar as identidades daqueles que os frequentam e como podem ajudar a mudar a realidade em que vivemos atualmente, em que temos nossos espaços reduzidos em razão da LGBTfobia.

2.2 Específicos

- Registrar como se dão as relações e as interações entre os indivíduos e esses ambientes, dando espaço para que as pessoas da comunidade falem sobre como se sentem fazendo parte desses locais;
- Evidenciar o caráter político e de resistência que esses espaços possuem;
- Colocar em discussão as opções de lazer disponíveis para a comunidade.

e 15 positivos. Mas o autor destaca que nessa época, o Google havia mudado o algoritmo para o termo lésbica, o que pode ter contribuído para que as notícias positivas aparecessem em maior quantidade em relação às negativas.

⁵ O nome “*Yag City*” busca trazer o conceito de uma cidade alternativa que é povoada por pessoas da comunidade Queer. É a cidade que existe dentro de Aracaju por algumas horas e que é estruturada pelo fluxo das pessoas LGBTQIAPN+, onde estas podem ser quem são, sem medo e sem culpa. *Yag City* é a cidade que qualquer cidade poderia ser.

3. Direito à cidade para a população LGBTQIAPN+, as territorialidades LGBTQIAPN+ e a Cena Queer

Constantemente, os espaços que constituem a cidade são palco para os mais diversos tipos de violência contra as pessoas que não se enquadram nos padrões heteronormativos que a sociedade espera de um indivíduo. De acordo com dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), a mais antiga organização não governamental (ONG) LGBTQIAPN+ da América Latina, no ano de 2023, uma pessoa Queer foi morta violentamente a cada 34 horas como vítima da LGBTfobia. Isso equivale a 257 assassinatos no período de janeiro a dezembro daquele ano, ocorridos nos mais diversos ambientes, como vias públicas, locais de trabalho, cárceres e espaços domésticos. Dos 257 casos, 204 foram homicídios, dos quais 40% aconteceram nas ruas ou espaços externos. Segundo a ONG, esse número pode ser ainda maior se levar em consideração que no Brasil não há dados governamentais sobre a violência cometida contra essa população.

Mas os assassinatos são apenas a camada mais superficial da intolerância contra esse grupo, pois os casos mais comuns são aqueles que se manifestam como ameaças, *bullying* e agressões físicas. Para Silva e Santos, essa lista é bem maior e também devem ser acrescentados os

olhares que repudiam e criminalizam; piadas que ridicularizam; discriminação no trabalho, na família e entre amigos e acusações que não procedem sobre a vida afetivo-sexual dos indivíduos LGBT, como se estivessem à disposição de qualquer tipo de relacionamento. (SILVA; SANTOS, 2015, p. 506)

Diante de tal violência, os indivíduos que fazem parte da comunidade acabam tendo uma série de limitações de experiências no que se refere ao uso e à ocupação dos espaços públicos. Estes, ao sair na rua, muitas vezes se veem na necessidade de evitar e moldar alguns comportamentos — como a demonstração de afetos, formas de se vestir, de falar e até mesmo de andar. Dessa forma, a cidade, que deveria se constituir como um espaço de sociabilização e de igual acesso para todos, acaba se tornando um lugar de exclusão, de invisibilização e de coerção a alguns grupos da sociedade, que têm o seu direito à cidade⁶ sistematicamente violado e que passam a olhar para esses espaços apenas como um lugar de transitoriedade.

⁶ O conceito de “direito à cidade” adotado neste trabalho está fundamentado na proposta de Henri Lefebvre. Na perspectiva do autor, o termo vai muito além do acesso físico à cidade. Para ele, o conceito trata do direito coletivo de vivenciá-la de forma plena, fazendo uso de seus locais e momentos e participando ativamente das suas movimentações — dos encontros, das trocas e dos ritmos de vida (LEFEBVRE, 2001, p. 139). É o direito à apropriação, à integração e à participação das transformações da vida urbana, com um olhar crítico sobre a lógica mercantil da cidade e à exclusão social.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

Carvalho e Macedo explicam que essa repressão em forma de violência acontece porque

A cidade se ergue como um reflexo e como proteção das ideias e valores dominantes. A sociedade, que compõe a cidade, é heteronormativa, isto é, assimila a heterossexualidade como norma sexual legítima e moralmente constituída. Assim, a cidade também se constitui enquanto um ambiente que mitiga subjetividades, rejeitando as sexualidades e identidades de gênero desviantes da norma sexual posta. (CARVALHO; MACEDO, 2017, p. 103)

Essa negação do acesso aos espaços da cidade gera nessa população o apagamento de suas identidades e o sentimento de falta de pertencimento, pois se veem limitados a interagir e se relacionar com seus iguais. Com o avanço das pautas em prol dos direitos das pessoas LGBTQIAPN+ e principalmente após o surgimento e a expansão de um segmento de mercado destinado a essa população, começaram a surgir territórios em que a presença dessa comunidade é permitida (SILVA & SANTOS, 2015, p. 507). Diante disso, é importante começar a olhar para os lugares em que esses indivíduos são aceitos e nos quais possam se reunir com outras pessoas da comunidade sem o receio de sofrer nenhum tipo de discriminação, porque são nesses lugares que são reforçadas a sua força e identidade. E é por esses lugares, que aqui chamaremos de “Territorialidades LGBTQIAPN+”, que este projeto se interessa.

Mas para compreender o que é uma territorialidade LGBT, que é o alicerce deste trabalho, primeiro é necessário saber o significado da palavra “territorialidade”. De acordo com Albagli (2004), este termo foi abordado de diferentes maneiras ao longo do tempo, passando pela área jurídica (em que foi comumente utilizado para se referir à territorialidade das leis e normas aplicadas aos habitantes de um país) e pela etologia (quando passou a ser visto como um sistema de comportamento, pois analisava a conduta de um ser vivo em busca de tomar posse de um território e defendê-lo contra membros de sua própria espécie). Ao chegar às Ciências Humanas e Sociais, o conceito abandona a abordagem animal e se volta para a compreensão do comportamento humano em dimensões espaciais.

Neste momento a territorialidade passa a ser vista como um resultado do processo de interação e convivência entre as pessoas nos espaços físicos em que se reúnem, como explica a autora:

O conceito de territorialidade refere-se, então, às relações entre um indivíduo ou grupo social e seu meio de referência, manifestando-se nas várias escalas geográficas – uma localidade, uma região ou um país – e expressando um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado espaço geográfico. No nível individual, territorialidade refere-se ao espaço pessoal imediato, que em muitos contextos culturais é considerado um espaço inviolável. Em nível coletivo, a territorialidade torna-se também um meio de regular as

interações sociais e reforçar a identidade do grupo ou comunidade. (ALBAGLI, 2004. p. 28)

Albagli ainda chama a atenção para outras três características desse termo. A primeira, diz respeito ao fato de que as pessoas que se reúnem nesses espaços fazem parte dessas comunidades por apresentarem laços que são estabelecidos a partir de interesses comuns, que transmitem para aqueles indivíduos a sensação de pertencer a alguma coisa. É importante ressaltar que a participação dos indivíduos nesses grupos deve acontecer de forma voluntária. A segunda refere ao caráter de “exclusividade” que essas territorialidades podem apresentar aos seus ocupantes, como uma forma de torná-las distintas e de ampliar o controle sobre elas, a fim de constituir o poder territorial por meio da identidade do grupo (IBIDEM, p. 30). A última, por sua vez, diz respeito ao caráter dinâmico que esses espaços apresentam, podendo ser transportados para outras localidades, o que faz com que o termo se distancie daquilo que é chamado de “raízes territoriais”.

Diante disso, o que aqui chamaremos de “Territorialidades LGBTQIAPN+” diz respeito às localidades que pessoas da comunidade se reúnem, em um dado momento, para interagir e compartilhar vivências. São espaços em que esses indivíduos se encontram e se sentem pertencentes àquele grupo e àquele espaço, que por sua vez, os ajudam a reforçar suas identidades.

Quando essas “Territorialidades LGBTQI+” (ou a depender da situação, qualquer espaço geográfico), começam a se estabelecer criando “rotas”, ou seja, gerando um constante fluxo de pessoas que visitam esses locais, surge a ideia de “Cena”. Este conceito diz respeito às fronteiras que se estabelecem pelo conjunto de afinidades e práticas que unem um determinado grupo de pessoas. Elas são pontos de conexão que se estruturam nas cidades como resultado das interações culturais que se manifestam nos espaços geográficos e “criam proximidades, distanciamentos e inauguram rotas de identificação” (ALMEIDA; LUGLI, 2018, p. 751).

De acordo com Will Straw (2006), as cenas são “flexíveis e antiessencializantes”, e apresentam fronteiras “invisíveis e elásticas”, sendo a ideia de “unidade cultural” que as constroem, organizam e lhes dão coerência. Segundo o autor, elas podem se apresentar a partir de diversos fenômenos:

É uma cena: (a) a recorrente congregação de pessoas em um determinado local, (b) o movimento dessas pessoas entre este local e outros espaços, (c) as ruas/faixas ao longo das quais esse movimento ocorre (Allor, 2000), (d) todos os lugares e atividades que rodeiam e alimentam uma determinada preferência cultural, (e) os fenômenos mais amplos e geograficamente dispersos dos quais este movimento ou estas preferências são exemplos locais, ou (f) as redes de atividade microeconômica

que geram a sociabilidade e ligam a cena à cidade. (STRAW, 2006, p. 6, tradução nossa)

O autor ainda aponta que o conceito está intrinsecamente ligado à vida urbana e que seu surgimento está relacionado com a interação entre as pessoas, que ajuda a criar laços e disseminar a cultura praticada:

As cenas surgem a partir dos excessos de sociabilidade que rodeiam a busca de interesses, ou que fomenta a inovação e a experimentação contínuas na vida cultural das cidades. [...] As cenas são esquivas mas podem ser consideradas, mais formalmente, como unidades de cultura urbana (como subculturas ou mundos de arte), como uma das estruturas do evento por meio das quais a vida cultural adquire a sua solidez. As cenas são uma das infraestruturas da cidade para troca, interação e instrução. (STRAW, 2013, p. 13)

Tendo em vista essa definição, podemos dizer que uma “Cena Queer” são os caminhos que levam as pessoas que compartilham da cultura LGBTQIAPN+ a saírem de casa e se reunirem em locais onde possam interagir e trocar ideias. São os espaços geográficos que se materializam a partir da presença desses indivíduos, que lhe dão forma e visibilidade.

4. Descrição do projeto

O produto final deste projeto é uma websérie documental de três episódios, denominada *Yag City*, que apresenta, a partir da perspectiva de três pessoas, três locais que fazem parte da Cena Queer da cidade de Aracaju/SE. Os episódios foram gravados no Las Vegas Karaokê, na Doca Centro (no dia da Mini Ball da Visibilidade⁷) e na Orla de Atalaia (no dia da Parada LGBTQIAPN+), e foram nomeados como “O que acontece no Vegas, fica no Vegas”, “E POSE!” e “Lá na Parada”, respectivamente.

A escolha de fazer um projeto audiovisual, em forma de websérie documental se deu pelo motivo de que o formato permite que tenhamos uma maior imersão nesses mundos, visto que assim poderemos ver as pessoas e suas expressões, cores, texturas e paisagens que compõem essa Cena, ao mesmo tempo em que poderemos ouvir os relatos das experiências desses indivíduos. Um outro motivo diz respeito ao próprio caráter documental que o projeto apresenta, pois segundo Nichols (2005, p. 27) “o vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social”. Não sabemos se no futuro esses lugares ainda irão existir, ou como eles eram nessa época. Muito menos saberemos quem foram as pessoas que fizeram

⁷ Aqui me refiro à gravação do material que estruturou boa parte do episódio, mas também filmei na Universidade Federal de Sergipe, no dia da “Independência ou Ball, ato II” e na praça do Rosa Elze, no dia que aconteceu a “Vogue Night”.

parte dessa cena e talvez elas nem saibam onde encontrar esses registros caso eles não sejam feitos.

O fato de estar realizando um mapeamento da Cena Queer da capital sergipana, que apresenta diferentes lugares e pessoas, me fez acreditar que narrativa seriada funciona melhor para apresentar esses locais e passar a ideia de multiplicidade, visto que são universos diferentes. Além disso, por se tratar de episódios com curta duração, o projeto se torna ainda mais exequível, pois se torna mais acessível.

Mas afinal, o que caracteriza uma websérie documental? O termo diz respeito a um tipo de narrativa documental seriada, que é produzida para plataformas digitais. De acordo com Souza e Cajazeira (2017, p. 2), este é um formato que foi apropriado pelo campo jornalístico e que é oriundo dos webdocumentários, um formato que por sua vez, é derivado dos documentários da TV e do cinema. O formato é recente, mas de acordo com o autor, as webséries “provocam uma reflexão sobre o futuro que o audiovisual percorrerá nos próximos anos, principalmente no campo das ciências da comunicação e em sua abertura para os novos formatos jornalísticos” (Ibidem, p. 7).

Souza (2022, p. 14-15) vai um pouco mais a fundo e afirma que para além de ser um formato produzido especificamente para a internet e plataformas digitais, esse tipo de narrativa possui outras características, que estão relacionadas ao processo de convergência digital, como a

Narrativa hipertextual, interativa e multimidiática, mediação de artefatos tecnológicos, autonomia ao espectador/usuário, fragmentação da narrativa, mobilidade, narrativas de curta duração temporal, diminuição de elementos textuais, cultura participativa, novos formatos jornalísticos, convergência tecnológica e conteúdo especializado. (SOUZA, 2022, p. 14-15)

Em um primeiro momento, de todas essas características, a presente websérie (que futuramente ficará hospedada no *Youtube*) apresenta a cultura participativa, fragmentação das narrativas, possibilita autonomia ao espectador, redução de elementos textuais, conteúdo especializado e episódios com narrativas curtas, com duração de até quinze minutos. E é nesse meio tempo que conheceremos um pouco do mundo dos personagens que irão nos levar até essa Cena, que será composta por ambientes de diferentes estilos. Assim, a narrativa será montada de forma a evidenciar como se dão as relações entre os indivíduos e os territórios, como eles aproveitam o momento e como percebem esses lugares e as pessoas que estão ao seu redor. Os episódios serão montados com base em entrevistas e as imagens mostrarão os detalhes e as pessoas que compõem o cenário desses locais. Textos complementares serão

inseridos na forma de *offs* ou de legendas no vídeo, a fim de contextualizar informações que forem pertinentes.

Para caracterizar o tipo de filme que será produzido, utilizaremos de uma das seis classificações citadas por Bill Nichols (2005), quando ele faz um apontamento sobre quais são os tipos de documentário que existem. De acordo com o autor, esses tipos (ou modos de representação, como ele prefere chamar), podem ser vistos como subgêneros e servem para organizar a estrutura de um filme. São eles: o modo poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. Nichols ainda afirma que embora sejam formas diferentes, todas podem ser combinadas livremente.

O modo escolhido para estruturar esses episódios se aproxima do participativo, que é caracterizado pela participação e interação entre o cineasta/repórter e o tema, um encontro que é possibilitado através da realização de entrevistas. Segundo o autor, no modo participativo

A sensação da presença em carne e osso, em vez da ausência, coloca o cineasta “na cena”. Supomos que o que aprendemos vai depender da natureza e da qualidade do encontro entre cineasta e tema, e não de generalizações sustentadas por imagens que iluminam uma dada perspectiva. Podemos ver e ouvir o cineasta agir e reagir imediatamente, na mesma arena histórica em que estão aqueles que representam o tema do filme. Surgem as possibilidades de servir de mentor, crítico, interrogador, colaborador ou provocador. (IBIDEM, p. 155)

Ao ser incluído no filme o cineasta/repórter automaticamente se torna um personagem, que vai “conhecer” esses locais e os indivíduos que estão ali presentes, como se também fosse um espectador. Ao trazer essa questão para o campo do jornalismo audiovisual, percebemos que a inserção do repórter dentro da narrativa é um recurso bastante comum. Seja em reportagens em telejornais ou em programas jornalísticos (como o Globo Repórter e o Profissão Repórter), o jornalista, que possui o papel de mediador da informação, sempre é inserido na narrativa. Essa inserção pode acontecer de forma mais breve (como no caso da passagem nas reportagens dos telejornais) ou de forma mais prolongada — às vezes até integral — (como no caso de programas jornalísticos como profissão repórter, em que acompanhamos a rotina dos jornalistas durante todo o processo de produção das matérias).

Isso acontece porque a imagem do corpo do repórter no local onde o assunto acontece, interagindo com as pessoas e elementos que estão ao seu redor, dá credibilidade ao discurso que está sendo transmitido, pois não abre brechas para causar dúvidas a quem estiver assistindo o material, como explicam Costa, Costa e Amorim (2017, p. 271) ao discursarem sobre o telejornalismo enquanto narrativa.

O repórter mostra, aponta, chama a atenção para um detalhe, aparece e assina a matéria no lugar onde os fatos estão ocorrendo, sempre que possível, para contar o que vê, ou melhor, para aparecer como testemunha in loco, apta a reportar os fatos.

A comentarista do tempo mostra o mapa. O apresentador aponta para as matérias (produzidas previamente), entradas ao vivo e comentaristas, que são seus elos com a verdade do mundo lá fora. As imagens relativas ao assunto tratado também aparecem como cenário temático (selos) do telejornal a cada mudança de assunto. Outro ponto de contato com o mundo lá fora são os jornalistas trabalhando ao fundo, representando a rotina da apuração e da redação jornalística como processo e relação de trabalho de pessoas comuns que se deslocam ‘naturalmente’ no cenário. (COSTA; COSTA; AMORIM, 2017, p 271)

Ao falarem sobre os estilos de repórter e as mudanças e permanências nos elementos visuais das passagens, Peixoto e Porcello (2016, p. 135), concordam com o discurso das autoras citadas acima e afirmam que “o corpo do repórter in loco, na entrada ao vivo ou na reportagem gravada, agrega um peso simbólico de autenticidade ao relato”. Lima e D’Abreu (2020, p. 1-2), trazem uma outra perspectiva e afirmam que “o corpo do repórter também é uma ferramenta de trabalho”, pois o “os elementos não verbais do conteúdo telejornalístico são fundamentais, não só para a produção da notícia como também para a compreensibilidade dela”. Ao mencionar esses elementos não verbais, as autoras se referem à linguagem corporal e citando Kyrillos, Cotes e Feijó (2003), elas explicam sua posição.

O que realmente prende a atenção de um ouvinte não é tanto o que se diz, mas como se diz. Claro que ter o que dizer também é muito importante, mas fica vazio se não vier acompanhado pela forma de falar. Esses recursos não verbais da comunicação não se limitam àqueles diretamente relacionados à voz e à fala. Num meio audiovisual, a comunicação não verbal envolve também a expressividade do corpo, transmitida por gestos, expressões faciais, mudanças de postura corporal, aparência física e até pela roupa que usamos. (KYRILLOS; COTES; FEIJÓ, 2003, apud LIMA; D’ABREU, 2020, p. 2)

Foi levando esses aspectos em consideração, que foi feita a escolha de inserir o repórter na cena. Ao também se colocar sob o olhar das câmeras, ele age como interrogador e colaborador, mas também se expressa, fica com dúvida, se surpreende, se diverte, interage com seus entrevistados, com os locais e com as pessoas que ali estão. E todo esse conjunto de elementos também comunica.

Mas a inserção do repórter dentro da narrativa não entrega apenas o modo de representação do documentário, mas também o tipo de jornalismo que está sendo feito. Isso porque o repórter e boa parte de sua equipe de filmagem também são pessoas que fazem parte da comunidade e que entendem as necessidades e limitações dessa população, e esse entendimento contribui para que o produto final não traga narrativas espetacularizadas (negativamente falando) e carregadas de estereótipos. É um jornalismo que é feito sobre pessoas Queer e por pessoas Queer, e isso pode gerar em quem assiste sentimentos como familiaridade e representatividade.

Fazendo o uso de termos empregados pela autora Fabiana Moraes (2019), caracterizo o tipo de jornalismo com o qual este projeto versa como sendo aquele que busca a “semelhança” ao invés da “diferença”, que também se interessa pelo “banal”, que procura trazer “representações mais integrais”, que leva a “emoção” em consideração no processo produtivo, que demonstra “ativismo”, que é “humano” e que não exclui a “experiência” do repórter na construção do produto, mas que a traz junto com as perspectivas das pessoas que estão sendo abordadas. Ou seja, é um jornalismo que é construído a partir da visão interna de uma comunidade. É um jornalismo que é “tanto ‘de dentro’ quanto ‘de fora’”, é o jornalismo de subjetividade (MORAES, 2022).

De acordo com a autora, esse tipo de jornalismo surge como uma alternativa ao que é praticado e adotado como referência atualmente, que se baseia em princípios de objetividade, neutralidade e isenção, mas que não mais “dá conta de uma série de questões que receberam mais visibilidade nos últimos anos”, e que “tornaram possível revelar alguns dos limites dessa falsa objetividade jornalística” (MORAES, 2019, p. 205). Moraes enfatiza ainda que os valores-notícia definidos por esse jornalismo objetivo são muitas vezes excludentes, com representações sem profundidade das pessoas, grupos e lugares abordados nas produções e que sob esse tipo de abordagem, a atividade, “mesmo de maneira não intencional, promove a manutenção de violência de vários níveis” (MORAES, 2019, p. 214).

Dessa forma, a autora define essa possibilidade de jornalismo e é por ela que a *Yag City* se estrutura:

Propomos explorar o que chamamos de jornalismo de subjetividade como um instrumento que subverte critérios da noticiabilidade, amplia espaço para novas (ou sufocadas) representações e que pode se assumir ativista sem que haja uma recusa da apuração profunda e da checagem de dados. Entendemos, assim, a subjetividade como caminho para um jornalismo mais íntegro e integral. (MORAES, 2019, p. 205)

Agora, voltando a falar um pouco sobre o modo escolhido para construir esta websérie, o modo participativo, também vale dizer que essa decisão também se deu pelo caráter dinâmico que promete, uma característica que conversa muito bem com o projeto, que se propõe a ser um produto “pop e dinâmico”. O que aqui chamamos de pop e dinâmico diz respeito a um produto que tenha um ritmo um pouco mais acelerado, com uma narrativa montada através de imagens que mesclam material de apoio, entrevistas e *making of*; com uma trilha sonora bastante presente e uma montagem que não siga necessariamente uma linearidade espaço-temporal, e que combine diversas linguagens, como textos, elementos gráficos, fotografias, motions e efeitos de imagem.

Os títulos dos episódios foram criados a partir de diferentes critérios. No caso do Vegas, o nome do episódio faz referência a uma frase que escutei várias vezes das pessoas que frequentam o local, por esse motivo, resolvi trazer isso para a série. No caso do episódio da Ballroom, o título faz referência à série POSE, do Ryan Murphy, que destaca a cultura de bailes underground de Nova Iorque na década de 1980.⁸ Por fim, o nome do episódio da Parada veio depois que terminei de fazer o processo de montagem. Escutei de mim e do meu entrevistado a frase “lá na Parada” tantas vezes durante a entrevista, que pensei que esse deveria ser o nome do episódio.

O nome da websérie (*Yag City*), foi inspirado no álbum “*Pink Friday 2*”, da artista Nicki Minaj, que, durante a divulgação do disco, introduziu o conceito de “*Gag City*”. Não demorou muito e os fãs resolveram criar uma cidade fictícia em que tudo é cor de rosa e onírico, utilizando inteligência artificial para ilustrar as paisagens criadas nas ilustrações da capa do álbum. A partir disso, fiquei curioso para saber o que seria uma “*Gag City*” e após fazer umas pesquisas, descobri que o termo “*Gag*” é uma gíria LGBTQIAPN+, que significa ficar impressionado com algo.

A partir dessa descoberta, percebi que seria possível trazer esse conceito para a websérie, porque já havia algum tempo que refletia sobre um nome que transmitisse a ideia de localidade, mas também que fosse algo que conversasse com a cultura LGBT, e “*Gag City*” parecia ser uma boa escolha. Mas eu queria deixar o nome da websérie um pouco mais próximo dos termos que utilizamos aqui na região. Foi quando lembrei que no Brasil, houve um tempo em que era muito comum chamar pessoas da comunidade (ou homens gays) de “*Yag*”, que é a palavra “*gay*” escrita de trás pra frente. Por esses motivos, resolvi adotar o termo “*Yag City*”, nome que traz o conceito de uma cidade alternativa povoada por pessoas da comunidade Queer.

5. Metodologia e Planejamento do produto

O produto final foi realizado em três etapas: a pesquisa e pré-produção, a produção e a edição.

⁸ Outros motivos me fizeram escolher esse nome. “E pose” foi uma frase que ouvi o público gritar várias vezes na primeira demonstração de Ball que eu vi, que aconteceu no Vegas. Além desse motivo, posar é uma das coisas que os participantes da Ballroom mais fazem.

5.1 Pesquisa e Pré-produção

Nesta etapa foram feitas todas as pesquisas que ajudaram a planejar e executar o projeto, sendo elas referenciais, bibliográficas e de campo, assim como a busca por recursos. Foi a primeira a ser realizada e é subdividida em: análise de similares, pesquisa bibliográfica, mapeamento e seleção dos locais, a ida a campo, escolha dos personagens, montagem da equipe, criação dos roteiros de produção e por fim, prospecção.

5.1.1 Análise de Similares

Para determinar o que diferenciaria meu projeto de diversos outros que existem com a mesma temática, foi feita uma análise de projetos audiovisuais que se aproximassem do meu no que se refere a tema, formato ou gênero. Dessa forma, foram vistos um total de 21 documentários, reportagens, webdocumentários e webséries documentais, dos quais seis foram escolhidos para se tornarem referência de que estilos eu iria ou não incorporar ao meu projeto. Abaixo está o quadro com os produtos que foram analisados.

Quadro 1 - Projetos audiovisuais analisados.

Projetos	Formato	Direção/Produção
Queerbrada	Websérie documental	Matheus dos Anjos e Eduardo Tosta
LGBT +60	Websérie documental	Yuri Fernandes
Sertão Delas	Websérie documental	Alexia Duarte
Força na peruca - Documentário Drag Queen	Documentário	Jean Prado e Victor Moura
Todo mundo vai saber	Documentário	Eduardo Bittar
Sobre Vivências - Documentário LGBT	Documentário	Gabriel Celestino e Leonidas Taschetto
Leve-me para sair	Documentário	Coletivo Lumika
Eu sou, um documentário LGBT	Documentário	Pedro Jardim e Keila Fallavena

LGBTfobia na escola: documentário Depois da Tempestade	Documentário	Bruno Nomura
Documentário Terra Sem Pecado	Documentário	Marcelo Costa
O Helipa LGBT é o maior fluxo queer das periferias brasileiras	Reportagem	VICE Brasil
A Primeira Parada LGBT no Baile da Gaiola Foi Um Sonho	Reportagem	VICE Brasil
Batalha de Sangue - Vai matar ou vai morrer?	Documentário	Gabriel Rufino e Camila Silva
Batekoo: a festa de Salvador que virou um manifesto	Documentário	Red Bull TV
PIXO	Documentário	João Wainer e Roberto T. Oliveira
Madrugada Desesperada	Websérie Documental	Tom Stringhini
Paris is Burning	Documentário	Jennie Livingston
São Paulo Em Hi-Fi	Documentário	Lufe Steffen
Depois do Fervo - Documentário LGBT	Documentário	Matheus Gonçalves Faisting
Parada LGBT de Sergipe: Muito Mais que uma Festa	Documentário	Astra LGBT
O FLUXO DO FLUXO: Como os Bailes Funks transformam a vida de uma favela	Webdocumentário	UOL

Dessa forma, foram escolhidos seis produtos para fazer essa assimilação: as reportagens sobre o universo LGBTQIAPN+ produzidas pela VICE Brasil — que abordam as festas que são realizadas para esse público nas periferias da cidade de São Paulo, a exemplo da intitulada “O Helipa LGBT é o maior fluxo queer das periferias brasileiras” —, o documentário denominado “Força na Peruca” de Jean Prado e Victor Moura — no qual os diretores levam nove Drag Queens para falar sobre as suas experiências com essa arte —, a websérie documental “Queerbrada” de Matheus dos Anjos e Eduardo Tosta, — que conta a história de cinco artistas da Cena LGBTQIAPN+ da cidade de Salvador/BA —, o

documentário “Batekoo: a festa de Salvador que virou um manifesto”, da Red Bull TV — em que acompanhamos os seis jovens que juntos criaram a Batekoo, uma festa que surgiu na cidade de Salvador e se tornou um manifesto do movimento negro e LGBTQIAPN+ —, a websérie “Madrugada Desesperada”, da Urban Feed TV — que mostra o processo criativo de diversos artistas que atuam no espaço público da cidade de SP nas madrugadas — e o doc “Sobre Vivências - Documentário LGBT”, de Gabriel Celestino e Leonidas Taschetto – em que 14 pessoas que sofreram preconceito por conta de gênero e sexualidade contam suas histórias de vida.

Para além desse material, outros produtos da cultura pop como vídeos de plataformas como *TikTok*, e videoclipes de artistas também tiveram papel muito importante durante o processo, e serviram de referência para captação de imagens e para definir a estética da websérie.

5.1.1.1 Reportagens da VICE Brasil

As reportagens da VICE Brasil que abordam as festas para o público LGBTQIAPN+ da cidade de São Paulo foram importantes para me fazer perceber o tom e o tipo de filme que eu gostaria de produzir. As narrativas são montadas a partir de um tom mais descontraído, em que entrevistador e entrevistado aparecem em cena e interagem entre si. É um vídeo que possui movimento e alterna imagens de apoio e entrevistas, que sempre possuem uma trilha sonora de fundo. A trilha escolhida não é a que faz parte do som ambiente pois foi adicionada no momento da edição, mas ainda assim nos permite estar próximos em relação ao tipo de sonoridade que encontraríamos caso estivéssemos indo a esses locais.

O conteúdo do filme possui uma variedade de espaços, pessoas e detalhes, algo que é proporcionado pela variedade de imagens que são captadas: o processo de arrumação e de deslocamento dos personagens para as festas – em que alguns dos cenários pelos quais eles passam é mostrado –, a chegada até o destino, planos mais fechados que captam os detalhes das roupas e semblantes daqueles que ali estão presentes e entre outros elementos. Além disso, ao assistir as reportagens nos sentimos próximos desses ambientes e dessas pessoas, pela proximidade entre o ambiente e a câmera: o cinegrafista provavelmente entrou no meio do público para realizar a gravação e isso nos dá a sensação de estar ali dentro, fazendo parte daquilo.

Por fim, outra coisa que chama a atenção é em relação a como são feitas as entrevistas e aos textos que são inseridos na narrativa. No caso das entrevistas, a maneira

como elas se desenrolam nos passa a impressão de que se trata de uma conversa entre pessoas próximas. Já no caso do texto, as inserções de *offs* do repórter trazem uma redação um pouco mais poética, o que mostra uma certa oposição em relação ao que podemos ver nas “passagens”, que apresentam um tom mais direto.

5.1.1.2 Força na Peruca

O documentário, que tem uma duração de 30 minutos e aborda a experiência de nove pessoas que fazem a arte drag, me ajudou a perceber o quão é importante o momento da escolha dos personagens que vão participar da narrativa. Nesse documentário, duas pessoas possuem um carisma tão grande que te deixam preso no filme, esperando o momento em que elas aparecem em cena. Esse processo de “casting” se mostra então uma etapa importante para o filme, pois de certa forma as vivências dessas pessoas e a maneira com que elas serão contadas são um dos elementos que poderá fazer com que o espectador fique no filme ou desista dele.

Um outro fator importante diz respeito à captação de imagens que conversem com o que está sendo dito. O filme fala sobre a arte Drag, logo, além das imagens das pessoas e do processo de montagem das Drag Queens, é dada uma especial atenção aos detalhes que compõem a imagem de uma Drag. Dessa forma, planos detalhes são utilizados em diversos momentos no filme, a fim de deixar essas características em evidência.

5.1.1.3 Queerbrada

A websérie documental de cinco episódios aborda as experiências dos artistas que compõem a Cena cultural LGBTQIAPN+ da cidade de Salvador, com foco na periferia. Cada episódio da websérie tem duração de 12 minutos e neles somos colocados em contato com a história de cinco pessoas diferentes. Assistir a websérie me ajudou a decidir o tempo de duração de cada episódio do meu projeto – ao assistir outras webséries que possuíam uma menor duração, entre cinco e dez minutos, percebi que esses formatos mais curtos se tornam mais dinâmicos.

Outro ponto que pretendo incorporar ao meu projeto diz respeito à possibilidade de brincar com as imagens. Logo no começo do primeiro episódio, a websérie “Queerbrada” faz o uso de montagens que se alternam no ritmo da trilha que toca, enquanto um texto é narrado. Nesse momento, também é dada uma especial atenção ao texto - a trilha sonora é

interrompida quando se quer dar ênfase a determinadas frases. No restante do filme, durante as entrevistas diversos ângulos são trabalhados, o que evidencia que foi usada mais de uma câmera para fazer as gravações. Todas essas técnicas conseguem dar ao documentário uma estrutura de montagem interessante.

Neste filme, a questão de diversos ambientes, planos e detalhes também é trabalhada, assim como a interação entre outros personagens que aparecem em cena – que ocorre em alguns episódios. Para além das entrevistas, vemos os personagens em casa, se deslocando para os locais de trabalho, se arrumando, assim como os detalhes que constituem seus ambientes. No entanto, devido à longa duração dos episódios e quase ausência de trilha sonora durante boa parte do filme, ele acaba tendo um ritmo um pouco mais lento e talvez até monótono.

5.1.1.4 Inspire the Night: Batekoo — a festa de Salvador que virou um manifesto

O documentário que traz a história do coletivo baiano “Batekoo” foi decisivo para me ajudar a decidir como eu deveria fazer a montagem dos meus episódios. Logo em seu início, o documentário apresenta exatamente aquilo que eu imaginava quando escrevia que queria que o meu produto fosse algo “pop e dinâmico”. A divisão da tela em diversas imagens mostrando as pessoas se divertindo na festa, os efeitos de transição, a música ao fundo, o constante revezamento entre imagens das entrevistas e de apoio durante as falas dos personagens, os diferentes tipos de imagens de cobertura utilizadas, tudo isso me fez ter uma maior noção do que eu iria fazer e como fazer durante o processo de montagem.

Ao falar em imagens de apoio, o doc faz diversas vezes o uso de imagens posadas (recurso esse que me passou a ideia de protagonismo aos entrevistados), o que me fez perceber que não teria problema adotar isso em meu filme também, assim como as imagens gravadas por câmeras que não necessariamente eram as “principais” — aquelas que claramente eram manuseadas pelas pessoas da equipe de gravação. Essas imagens que aparecem mais ao fim do doc e que foram feitas pelos próprios personagens do filme me fizeram pensar na importância de pegar imagens do making off e assumir esse material como estética da minha websérie.

5.1.1.5 Madrugada Desesperada

A websérie documental dirigida por Tom Stringhini e apresentada por Fernanda Young, que mostra o processo criativo de diversos artistas que atuam no espaço público da cidade de São Paulo nas madrugadas, me fez perceber que seria importante que o movimento da cidade e das ruas também estivesse presente no meu produto, afinal, essa Cena Queer se encontra nos espaços da capital sergipana. A websérie possui oito episódios e o curto tempo de duração de cada um deles, que vão até cinco minutos aproximadamente, me fizeram perceber que quantos mais episódios a série tivesse, mais curtos eles deveriam ser. Quando eu tive a ideia de fazer o projeto, pensei em deixar cada um deles com 25 minutos cada. Após assistir esse produto, entendi que é melhor que a pessoa que esteja assistindo veja um episódio de cinco minutos, mas que ela vá sentir vontade e curiosidade de assistir todos os outros episódios, do que assistir apenas um de 25 minutos, se entediar na metade do filme e não mais voltar para ver nenhum outro.

Outra coisa que me chamou bastante atenção foi o constante uso de recursos como foco e desfoque, e zoom, que os cinegrafistas usam com muito profissionalismo para dar destaque a determinados elementos. Além disso, pelos movimentos, algumas das cenas foram gravadas com a câmera na mão, o que me deu um certo alívio pois fiquei preocupado com o movimento das imagens que estaria muito presente no meu filme, visto que não consegui adquirir um estabilizador para as gravações.

A presença da jornalista Fernanda Young durante quase toda a minutagem dos episódios também é algo muito marcante. Ela se coloca enquanto um outro personagem, que está ali conhecendo e vivendo essa Cena artística, e se propõe a participar e ajudar a construir o que é feito — como nos episódios “Somos todos caveira”, quando ela ajuda o personagem (que é artista plástico) a colocar as peças de crochê pelos cantos da cidade, e em “O penúltimo nunca deixa o último”, em que além de se deixar fotografar, ela também pega a câmera e sai tirando fotos.

Outro recurso que também prende a atenção diz respeito à “fuga” que a apresentadora faz em alguns momentos da seriedade de uma entrevista padrão. Em vários momentos parece que estamos vendo um documentário que mostra uma conversa entre amigos, com comentários “bobos” e pequenas brincadeiras que saem da entrevista em si, mas que de alguma forma ainda estão dentro do tema dos episódios. Isso me ajudou a perceber que não se levar tanto a sério às vezes durante uma entrevista pode deixar o entrevistado mais leve e dar um toque a mais de dinamicidade ao filme. Por fim, a série também faz o uso de imagens bem cinematográficas e conceituais⁹.

⁹ Muitas das imagens de apoio utilizadas na série parecem ter sido minuciosamente planejadas.

5.1.1.6 Sobre Vivências — Documentário LGBT

O documentário de 53 minutos aborda as experiências de 14 pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+, que sofreram algum tipo de discriminação ao longo de sua vida por conta de seu gênero ou sexualidade. O filme apresenta uma estrutura de montagem bem simples. A narrativa é composta apenas pelos relatos intercalados dos personagens que falam sobre suas vivências. O cenário é composto apenas por um fundo preto e uma luz amarela que ilumina parte do rosto dos participantes, uma trilha sonora bem tímida é inserida na narrativa e o enquadramento evidencia apenas o rosto dos entrevistados, evidenciando suas expressões. É possível perceber a interação com o entrevistador através de inserções de texto que evidenciam as manifestações do mesmo. Além disso, o documentário é dividido em seções que abordam temas diferentes.

Assim, o documentário serviu para ter uma noção do que eu não gostaria de fazer, por apresentar um ritmo mais lento. Para esse filme, o estilo se encaixa muito bem, pois ele apresenta uma temática que trabalha as dores dessa população. Isso me fez perceber que o tipo de mensagem que se quer transmitir é resultado da forma com que o filme foi produzido, editado e montado.

O diferencial do meu projeto em relação aos que foram analisados está relacionado principalmente ao caráter local que ele apresenta. Os cenários que irão compor a narrativa e a trilha que será inserida evidenciam as paisagens e os artistas da capital sergipana. Uma outra diferença está no conteúdo que será abordado, ou seja, os territórios que compõem a Cena Queer da cidade de Aracaju como lugares de encontro, interação e pertencimento. Por fim, ao adotar as características que mais chamaram a atenção na estrutura dos filmes listados acima e fazer uma combinação entre elas, uma nova linguagem estará sendo construída.

5.1.1.7 Videoclipes e vídeos de plataformas como *TikTok*

Boa parte das minhas referências estéticas também vieram de produtos que consumo diariamente: videoclipes de divas pop e vídeos do *TikTok*. No primeiro caso foram vários, mas trago como exemplos alguns clipes, como os dos álbuns “*Sour*” e “*Guts*” da Olivia Rodrigo, mas mais especificamente em “*Traitor*” e “*Vampire*”, em que são usadas diferentes câmeras para fazer as imagens do vídeo. Eu vi esse detalhe e achei que traz uma estética bem

interessante, a qual resolvi adotar no meu projeto, em que utilizei três tipos de máquinas para fazer as filmagens (DSLR, handycam e celular).

Em “*Candy Necklace*”, a Lana Del Rey entrega um clipe no qual ela também mostra como aquelas cenas foram construídas. Nele podemos ver as cenas sendo gravadas, os cenários, as câmeras, as pessoas que trabalham por trás das câmeras, o caos e a bagunça do set de gravação, a caracterização e trocas de roupa da Lana Del Rey, e também os diálogos e as instruções do diretor para a artista. Quando vi isso fiquei maravilhado. Foi então que percebi que o que acontece nos bastidores pode complementar a narrativa. A partir dessa percepção, passei a acreditar que esse elemento poderia ser um recurso interessante para utilizar nos episódios, seja para abrir as entrevistas ou para separar os temas abordados nelas.

No videoclipe da música “New Woman”, da Lisa com a Rosalía, percebi como o uso de várias câmeras e as rápidas trocas da imagem de uma para outra durante o filme eram importantes para trazer dinamicidade para os episódios e para deixá-los com um ritmo mais “acelerado”.

Por fim, as referências que vi no TikTok dizem respeito a recursos como o uso de transições entre as imagens e motions — que na plataforma vejo muitos desses em formatos de animação de mapas. Foi daí que veio a ideia de trazer os mapas mostrando o trajeto que os entrevistados percorrem para chegar aos seus destinos. Pensei que, como essa Cena Queer acontece nos bairros da cidade de Aracaju e eles são constantemente citados, seria interessante representar essas distâncias visualmente.

5.1.2 A pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica foi baseada em três eixos: o tema (em que foram trabalhados os conceitos de direito à cidade, territorialidade e Cena), o gênero (Documentário) e o formato (Websérie Documental). Esta foi a segunda etapa do projeto a ser desenvolvida. Nela, buscou-se ter um conhecimento mais aprofundado acerca dos conceitos e formatos propostos.

Assim, ao fazer esse estudo, é possível saber as limitações, especificidades e exequibilidade do produto proposto, bem como ter um maior direcionamento em relação a como abordar de forma mais aprofundada as questões e problemáticas do tema com os entrevistados, bem como a maneira como esses elementos serão trabalhados (se terá um tom de denúncia ou algo mais próximo do entretenimento). Ao fazer isso, também é possível ter

uma noção do tipo de imagem a ser captada, que irá sustentar o argumento principal do projeto, ou como diria Nicholls (2005), a “voz do documentário”¹⁰.

5.1.3 Mapeamento e seleção dos locais

A etapa de mapeamento consistiu em localizar os espaços que formam a Cena Queer aracajuana e foi feita através de três métodos: por meio das respostas obtidas com um formulário¹¹, que foi enviado para a Associação de Travestis e Transgêneros de Aracaju (ASTRA LGBT+), para o Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Sergipe (DCOS/UFS) e para conhecidos meus; através de uma pesquisa com desconhecidos durante a Parada LBGTQIAPN+ da cidade (o ponto de partida das gravações) e mediante perguntas feitas para amigos e pessoas LBGTQIAPN+ que conhecia em festas, sobre quais eram os lugares que eles costumavam frequentar que havia outras pessoas da comunidade.

Para fazer a seleção, inicialmente foi utilizada a pesquisa que fiz no dia 27 de agosto de 2023, no dia da 22ª Parada LBGTQIAPN+ de Aracaju. O critério utilizado foi: seriam selecionados os locais que aparecessem nas respostas obtidas no formulário e que voltassem a aparecer na pesquisa realizada no evento. Assim, as pessoas da parada levariam o repórter e o espectador até os espaços que formam a cena. Além disso, naquele primeiro momento pensei que os locais deveriam ser bem diversos e havia decidido que os episódios iriam precisar suprir demandas de “rolês” que acontecessem de noite e de dia,¹² que fossem festas ou eventos e que acontecessem em estabelecimentos e em locais públicos.

Após feita essa análise, havia decidido, naquele momento, que os espaços/eventos que entrariam na série seriam: Las Vegas Karaoke Bar, Cinelândia, Sementeira, *Ballroom* e Parada LBGTQIAPN+. As respostas obtidas com o formulário sempre envolviam baladas, praias, bares, livrarias, a UFS (que não fica em Aracaju) e cafês. Assim, por motivos de evitar repetir conversas, cenários e estéticas, acabei selecionando os nomes mais repetidos de cada categoria (boate, praia, evento e parques) e eliminei aqueles que se referiam a cafês, livrarias

¹⁰ De acordo com Bill Nichols, a voz do documentário pode defender uma causa, apresentar um argumento e/ou transmitir um ponto de vista. A partir dela, o cineasta pode transmitir qual é a sua concepção acerca de um determinado assunto ao criar o filme, podendo fazer isso através dos vários meios que compõem a narrativa, que vão desde critérios de seleção e arranjo do som e da imagem, até as inserções de depoimentos e narrações em off.

¹¹ O formulário foi utilizado principalmente para atingir a maior quantidade e diversidade de pessoas possível. Através dele, buscou-se chegar a pessoas de diferentes idades, gênero, sexualidade, etnia, bairros e classe social. Assim, a estrutura do formulário foi baseada em perguntas acerca da sexualidade, gênero, idade, cidade (se seria Aracaju ou grande Aracaju) e local que frequenta em que há a presença de outras pessoas da comunidade. Durante o período em que ficou aberto, o formulário teve um total de 86 respostas.

¹² A ideia inicial era que os episódios também trouxesse paisagens diurnas, mas isso mudou com o decorrer do projeto.

e espaços em shoppings. Posteriormente, devido a questões como orçamento reduzido, disponibilidade da equipe, cronograma e a preocupação de fazer episódios sem nenhuma informação ou monótonos demais, acabei retirando a sementeira da lista também.

No caso da Parada e da *Ballroom*, elas não apareceram no formulário provavelmente porque são eventos e não lugares, mas achei que seria importante esses episódios aparecerem pelo caráter político que apresentam. Além de serem eventos que têm muito a dizer sobre a cultura Queer, eles também ocupam a cidade. No caso da Parada, por um dia o principal ponto turístico da cidade é tomado para dar visibilidade para a comunidade, e no caso da *Ballroom*, é um evento que mistura festa, política e arte, em que os organizadores sempre tentam promovê-lo realizando outros mini eventos durante o ano, todos em espaços públicos, como o “VogueNique” e “Vogue Beach”.

Até então, estava tudo certo para serem quatro episódios, mas tive muita dificuldade em conseguir realizar a entrevista com as personagens do episódio da Cinelândia. Toda vez que marcávamos uma data, elas acabavam desmarcando por algum problema pessoal.¹³ Enquanto a entrevista com as personagens não saía, tentamos adiantar as gravações no local (coletamos aproximadamente 70% do material que iríamos usar no episódio), mas em um momento percebi que meu cronograma já estava muito avançado, então resolvi cortar a Cinelândia da lista também. E assim ficaram três episódios.

5.1.4 A ida a campo e a visita de locação

Para Medina (2016 apud ROVIDA, 2016, p. 4) a ida a campo é uma etapa indispensável para o jornalismo, pois é ao dar este passo que o jornalista consegue o material necessário para elaborar suas narrativas. De acordo com a autora, este ato pode desenvolver o que ela chama de “diálogo social”, que pode resultar em uma “interação social criadora”, que neste contexto, diz respeito às transformações pela qual o jornalista e suas fontes de informação passam após essa imersão.

Desenvolvendo este projeto, o meu processo de visitação a esses locais foi feito, em grande parte, antes das gravações com as fontes (eu não conhecia as pessoas que escolhi para fazerem parte dos episódios). Ele me permitiu conhecer o ambiente, suas especificidades e as

¹³ Até tentei escolher outros possíveis personagens para fazermos esse episódio, mas sempre aconteciam choques de agenda. As últimas pessoas que cogitei entrevistar foi um outro casal de lésbicas, que marcaram entrevista para o final de fevereiro. Acabei optando por não marcar, pois de acordo com meu cronograma, esse período já estaria sendo dedicado para a finalização dos episódios.

peças que o frequentam¹⁴. Esta foi uma etapa importante para interagir, observar o comportamento das pessoas e saber com que periodicidade elas frequentavam aquele local, a fim de escolher o personagem que mais soubesse falar sobre o espaço e como se dava a sua relação com ele.

Dessa forma, foram feitas duas visitas, apenas para essa finalidade, todas elas no Vegas. A ideia das idas foi mais voltada para escolher o personagem, pois já havia ido no local algumas outras vezes. Mas ainda nesse processo também comecei a observar o ambiente com outros olhos: passei a prestar mais atenção aos detalhes nas paredes, na iluminação da boate, no tipo de público que aparecia de acordo com os temas das festas, em seu espaço físico e no som das quatro áreas que formam a casa de festa (a entrada, pista lateral, área externa e pista interna). Essas visitas foram feitas nos dias 13 e 20 de agosto de 2023.

No caso do episódio da parada e da Ballroom esse processo foi um pouco diferente porque eu não fui a esses locais apenas com a finalidade de fazer observações. Por se tratarem de eventos que não acontecem com muita frequência, a minha ida até esses espaços também já envolvia o interesse de captar imagens. No caso da Parada, eu já sabia um pouco sobre como o evento se desenrolava e já conhecia algumas das pessoas que o frequentavam e o organizavam, porque havia estado presente na edição anterior.¹⁵ Já no caso da Ballroom, antes de fazer a gravação com as fontes, eu precisei ir em um dos eventos com a finalidade de conhecer um pouco das pessoas que faziam parte do movimento, ao mesmo tempo em que captava imagens de apoio¹⁶.

Além de conhecer o ambiente, essas visitas serviram também para conhecer as limitações dos espaços, o que posteriormente ajudou os envolvidos na produção do filme nas tomadas de decisão. A partir desse processo, foi possível saber o tipo de equipamento necessário para fazer a captação de imagem e som, a fim de obter o maior nível de qualidade possível na gravação. Essas visitas fazem parte do processo de planejamento e permitem uma maior facilidade para lidar com os imprevistos caso seja necessário, como explica Baggio (2020, p. 97-98):

¹⁴ Neste momento, a proposta do trabalho se aproxima da metodologia que Guilherme Magnani denomina como “a perspectiva de perto e de dentro”, um método etnográfico que envolve a prática imersiva, observadora e participante do pesquisador no universo abordado, a fim de produzir um trabalho mais profundo e autêntico. De acordo com o autor, essa perspectiva se atenta aos dois pólos da relação: “de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas como parte constitutiva do recorte de análise” (MAGNANI, 2002, p. 18).

¹⁵ No tempo de execução deste projeto eu fui duas vezes ao evento, nas duas para realizar as filmagens. Na primeira vez, já tive que realizar as entrevistas com as fontes e fazer imagens, já na segunda, realizei apenas a captação de imagens de apoio.

¹⁶ Para a Ballroom eu fui um total de três vezes. Na primeira e na última, fui para fazer imagens de apoio e na segunda, fizemos imagens e realizamos as entrevistas com as fontes.

são muito mais comuns as situações em que a falta de planejamento prejudica as filmagens de documentários do que os acontecimentos que de fato não poderiam ter sido considerados previamente. Esses eventuais problemas vêm da falta de planejamento com relação às locações, aos objetos e os corpos que vão aparecer no quadro e como estarão dispostos (espacialidade), bem como da falta de planejamento e/ou falta da observação prévia das ações dos personagens nas locações, como transcorrem e quando estas iniciam e terminam (temporalidade). (BAGGIO, 2020, p. 97-98)

Ao fazer isso, passamos a ficar mais atentos a possíveis problemas, como por exemplo: se é um espaço com pouca ou muita iluminação, quantas pessoas e quais equipamentos cabem naquele espaço, se há muito barulho, se é seguro para os envolvidos na produção, se há algum lugar onde deixar os equipamentos ou mesmo qual o melhor lugar para realizar as entrevistas.

Além da ida a esses lugares, cheguei a realizar também uma visita de locação no Vegas, que aconteceu no dia 17 de novembro de 2023. Nesta data, fui acompanhado de dois membros da equipe, Thaisy Santana e William Balieiro, e levamos duas câmeras (uma Canon EOS Rebel T6i, equipada com uma lente de 50mm e uma Canon EOS T100 com uma lente de 18-55mm). Lá, tiramos fotos e gravamos alguns vídeos do espaço a fim de fazer alguns testes, para saber se seria necessário o uso de LEDs durante os dias de gravação. Nesse dia também aproveitamos para fazer a captação do áudio na área de entrada do Vegas (o local onde pretendíamos fazer as entrevistas com o produtor da festa e com o público), a fim de saber como ele se comportava.

5.1.5 A escolha dos personagens

A escolha dos personagens aconteceu depois que fiz as visitas nesses locais. A ideia era escolher alguém que visitasse esses lugares com certa frequência e que melhor pudessem falar sobre eles. Abaixo está um quadro apresentando o nome de cada um, episódio em que aparecem e o motivo que me levou a escolhê-los.

Quadro 2 - Informações sobre Personagens.

Personagem	Episódio	Motivo da escolha
Allan Victor (Samarah Tornado)	Lá na Parada	Estava presente na festa de lançamento da 22ª Parada LGBTQIAPN+ da cidade, na qual o nome da Drag que iria representar o evento naquele ano foi revelado. Acabou que a Drag do Allan, a Samarah Tornado, foi a nomeada. Depois de conversarmos um pouco, percebi que ele já fazia Drag há

		muitos anos e que participou de diversas paradas.
Kleber Eduardo	O que acontece no Vegas, fica no Vegas	Sempre o via em boa parte das festas que eu ia. Além disso, depois de algumas conversas, descobri que ele também é <i>Disk Jockey</i> (DJ) e produtor da Cosmos Produções, que é responsável por realizar uma das festas LGBT+ mais populares da cidade, a “ <i>Thique</i> ”. Ou seja, além de ser uma pessoa que participa dessa Cena, ele também ajuda a construí-la, então pensei que para esse episódio ele seria uma boa escolha.
Eider Ferreira (Timmy Tchang DiBarro)	E POSE!	É a “princess DiBarro”, ou seja, atualmente ela possui uma posição de liderança na casa da qual faz parte. Ela participa de quase todas as movimentações de balls que acontecem aqui em Aracaju e inclusive, já atuou na produção de algumas. Além disso, é a representante da primeira casa que existe no estado e é uma das pessoas que participa do movimento desde quando ele surgiu na cidade.

5.1.6 Montagem da equipe

Quando se trata de um projeto como esse, em que o diretor também é repórter e aparece no vídeo, a busca por pessoas para montar uma equipe se faz extremamente necessária. Logo, era preciso pessoal para ocupar as seguintes funções: co-direção, operadores de câmera, captador de áudio, iluminadores, e assistentes (que ficariam responsáveis por fazer boletim de câmera e áudio e ficar de olho nos equipamentos quando fosse preciso). Feita essa lista, comecei a conversar com algumas pessoas do curso de Cinema e Audiovisual e de Jornalismo da UFS.

Cada membro que foi escolhido possui habilidades que foram extremamente importantes para o desenvolvimento do projeto. Além disso, a presença de pessoas do curso de Cinema na equipe fez total diferença, pois aprendi e passei a prestar atenção em detalhes que, enquanto uma pessoa que sempre esteve por trás das lentes da câmera, jamais me atentaria, como por exemplo, a necessidade de bater palma no início das gravações para marcar o início das entrevistas (medida que, no momento da edição facilita o processo de sincronizar áudio e vídeo), anotar nos boletins as configurações da câmera no momento que a imagem foi gravada, bem como anotar os arquivos que não apresentavam erros e fazer o balanço de branco antes de iniciar as gravações.

No início do projeto eu tinha um grupo de sete pessoas e no final, já éramos 16. Esse aumento se deu pela constante necessidade que eu tinha de procurar mais pessoas, visto que nem sempre todo mundo podia ir para as diárias. Por esse motivo, a gente sempre fazia um revezamento e às vezes cada membro desempenhava mais de uma função. Isso foi feito com a finalidade de conseguir o melhor desempenho de cada um, para conseguir o sucesso da realização do projeto. Abaixo está o quadro com os nomes e as funções que cada um desempenhou.

Quadro 3 - Membros da equipe e suas respectivas funções

Membro	Curso	Função(ões) desempenhada(s)
André Louis	Cinema e Audiovisual	co-direção, captação de áudio, gravação do making of
Diego Lima	Cinema e Audiovisual	Operador de câmera
Fannie Guimarães	Cinema e Audiovisual	Operadora de câmera
Iasmin Santiago	Cinema e Audiovisual	Assistente, operadora de câmera
Júlia Medeiros	Cinema e Audiovisual	Operadora de câmera, iluminação
Junior Santos	Cinema e Audiovisual	Captação de áudio, iluminação
Kamilly Carvalho	Cinema e Audiovisual	Operadora de câmera, iluminação
Leticia Silva ¹⁷	Cinema e Audiovisual	Operadora de câmera
Lillian Pimentel	Cinema e Audiovisual	Iluminação, operadora de câmera, captação de áudio
Lui Silva ¹⁸	Cinema e Audiovisual	Captação de áudio
Murilo Granja	Engenharia de computação	Iluminação, assistente
Najela Camila	Cinema e Audiovisual	Captação de áudio, assistente
Tatiane Macena	Jornalismo	Operadora de câmera
Thaisy Santana	Jornalismo	Operadora de câmera
Vivian Lima	Cinema e Audiovisual	Edição, produção e operadora de câmera
Wandson Silva ¹⁹	Não possui ensino superior	Gravação do making of, captação de áudio

¹⁷ Leticia participou de uma das gravações no Vegas, mas não participou do projeto como um todo.

¹⁸ Lui participou da gravação do episódio da Parada, mas não participou do projeto como um todo.

¹⁹ Wandson participou de uma das gravações do episódio da Ballroom, mas não participou do projeto como um todo.

William Balieiro	Cinema e Audiovisual	Operador de câmera, iluminação, captação de áudio
William Silveira	Medicina (Unit)	Assistente

5.1.7 Produção dos roteiros de gravação

Os roteiros de gravação continham informações sobre os lugares e as pessoas com quem iríamos gravar, além de instruções detalhadas para os membros da equipe sobre que tipo de imagens iríamos captar e sobre quais detalhes mais se atentar. Eles possuíam a seguinte estrutura:

Quadro 4 - Estrutura dos roteiros de produção

Tópicos
Tipos de plano
Informações preliminares
Imagens de cobertura
Informações sobre o personagem
Roteiro de entrevistas
Equipamentos

No primeiro tópico sempre era feita uma breve menção dos tipos de planos que seriam utilizados para fazer as imagens daquele episódio. Normalmente trabalhávamos com quatro: plano geral, plano de conjunto, plano médio e plano detalhe.

Nas informações preliminares, sempre colocava informações básicas sobre o local/evento que iríamos filmar, como endereço, horários, programação, detalhes técnicos sobre o espaço e público. Essas informações sempre me ajudavam na hora de montar os textos dos *offs* e das passagens, pois serviam de base.

No tópico de imagens de cobertura, sempre eram dadas descrições sobre os tipos de imagens que deveriam ser feitas e instruções sobre como elas poderiam ser feitas. A depender

do local, também eram dadas sugestões de abordagem para quem estivesse manuseando as câmeras.

As informações sobre o personagem eram descrições básicas sobre o entrevistado principal daquele determinado episódio, como nome, local onde mora e ocupação. Esses textos também eram aproveitados para escrever os *offs* dos episódios.

Nos roteiros de entrevistas ficavam descritos quais seriam as fontes daquele episódio e as perguntas que seriam feitas para cada uma delas. Algumas dessas perguntas eram perguntas base, ou seja, eram utilizadas nos três roteiros. Mas esse tópico também era acrescido de perguntas mais específicas sobre aquelas pessoas ou sobre aqueles locais/eventos.

É importante acrescentar que dos três roteiros de perguntas que foram elaborados, um se difere dos outros, que é o que foi feito para o episódio da Parada. Isso se deu principalmente por dois motivos: o primeiro, diz respeito ao fato de a Parada ser um evento que acontece apenas uma vez no ano. Assim, foram colocadas perguntas que revelassem a importância desse evento enquanto um momento de luta pelos direitos da comunidade. O segundo, está relacionado com o fato de ter sido um roteiro montado enquanto o pré-projeto ainda estava sendo desenvolvido e ainda não estava estabelecido o recorte exato que o trabalho iria abordar. Ele trazia inclusive uma quantidade maior de fontes a serem entrevistadas, o que no final se mostrou inviável pela dinâmica de gravação no dia.

O último tópico era sempre uma lista com os equipamentos que iríamos precisar para aquela determinada diária. Ela servia para que eu conseguisse visualizar o que eu poderia pegar no DCOS e o que eu iria precisar procurar por fora (o que poderia demandar mais tempo). Conforme fosse conseguindo juntar o material, eu ia preenchendo, como se fosse um checklist.

Esses roteiros sempre eram apresentados para os membros da equipe em reuniões que fazíamos em toda semana em que iriam acontecer gravações. Junto com esses documentos, eram apresentados vídeos que mostravam as minhas principais referências visuais, de forma a ilustrar o que estava escrito nos roteiros. Nessas reuniões também aproveitávamos para consultar a disponibilidade dos membros acerca da gravação em uma determinada data. Ao todo, esses encontros aconteceram nove vezes. Abaixo está um quadro que descreve as datas, assuntos das reuniões e membros que estavam presentes.

Quadro 5 - Cronograma de reuniões

Data	Assunto da reunião	Membros presentes
25 de agosto de 2023	Apresentação do roteiro de gravação do episódio da parada para a equipe. O evento aconteceu no Domingo, dia 27. ²⁰	Iasmin Santiago, Tatiane Macena, Thaisy Santana, William Balieiro e William Silveira.
25 de outubro de 2023	Apresentação do projeto aos novos membros da equipe. Primeira versão do cronograma de gravações.	André Luois, Fannie Guimarães, Iasmin Santiago, Lui Silva, Murilo Granja, Thaisy Santana, Vivian Lima, Willian Santos e William Silveira.
15 de novembro de 2023	Visita de locação no Vegas, primeira diária de gravação do episódio no estabelecimento e consulta sobre a disponibilidade dos membros para cada data (17 e 18 de novembro).	André Luois, Fannie Guimarães, Iasmin Santiago, Murilo Granja, Thaisy Santana, Willian Santos e William Silveira.
9 de dezembro de 2023	Preparação para o segundo dia de gravação no Vegas, apresentação do roteiro de produção e funcionamento da dinâmica daquela noite (15 de dezembro). ²¹	André Luois, Fannie Guimarães, Iasmin Santiago, Murilo Granja, Thaisy Santana, Willian Santos e William Silveira.
16 de janeiro de 2024	Consulta sobre a disponibilidade dos membros para a gravação da entrevista com Tathiane Araújo ²² , a coordenadora da Astra LGBT (órgão que é responsável pela realização da Parada LGBTQIAPN+ na cidade).	André Luois, Fannie Guimarães, Iasmin Santiago, Murilo Granja, Thaisy Santana, Vivian Lima, Willian Santos e William Silveira.
10 de julho de 2024	Discussão do novo cronograma de gravações e questões de organização da festa que foi realizada para arrecadar recursos para o projeto.	André Luois, Iasmin Santiago, Thaisy Santana, Vivian Lima e Willian Santos.
16 de agosto de 2024	Discussão da retomada das gravações no Vegas. A diária estava marcada para o dia seguinte, e nesse encontro, estavam presentes novos membros.	André Luois, Iasmin Santiago, Junior Santos, Júlia Medeiros, Kamilly Carvalho e Najela Camila.
9 de setembro de 2024	Discussão do encerramento das gravações no Vegas e gravação do episódio da Ballroom. ²³	André Luois, Iasmin Santiago, Junior Santos, Júlia Medeiros, Kamilly Carvalho e Najela Camila, Tatiane Macena e William Balieiro.

²⁰ Quando essa reunião aconteceu, eu ainda estava desenvolvendo o pré-projeto, mas precisava adiantar a gravação desse episódio, pois a Parada só acontece uma vez no ano.

²¹ Nesse dia, iríamos gravar com o personagem, mas a gravação não aconteceu porque não conseguimos uma resposta positiva da produtora a tempo de todos os membros conseguirem se preparar (a confirmação veio, mas muito em cima da hora).

²² Essa entrevista estava prevista para acontecer no dia da Parada (27 de agosto de 2023), mas acabou não acontecendo, então tivemos que remarcar.

²³ A Ball em questão estava prevista para acontecer no dia 27 de setembro, mas acabou sendo cancelada.

30 de janeiro de 2025	Discussão sobre a gravação do episódio da Ballroom com os novos membros.	Diego e Lillian.
-----------------------	--	------------------

Depois dessas datas, em que todos os cronogramas e roteiros foram apresentados, todos os nossos acertos aconteciam por meio do nosso grupo no whatsapp.

6. Produção

Nesta etapa, realizamos o processo de captação do material que foi utilizado nos episódios e a criação da identidade visual. Ao todo, foram 12 diárias, sendo 11 de gravação (três para o episódio da parada, três para o do Vegas e cinco para o da Ballroom) e uma para um ensaio fotográfico (para o episódio do Vegas). Essa foi a etapa mais longa do processo e ela é dividida em: gravações, ensaio fotográfico e criação da identidade e das peças visuais.

6.1 Gravações

Durante o maior período de desenvolvimento do projeto, as diárias de gravação foram divididas entre dias em que nos deslocávamos até essas territorialidades LGBTs para captar imagens de apoio e outros em que realizávamos entrevistas e gravávamos as passagens do repórter. Essa divisão foi pensada para que a equipe não ficasse sobrecarregada e para que tivéssemos uma maior organização e controle sobre o tempo que tínhamos para fazer a captação do material. Separando as diárias, não ficaríamos tão preocupados em fazer as coisas com tanta pressa, situação essa que poderia prejudicar a qualidade do material final. O quadro abaixo apresenta as datas em que aconteceram todas as gravações, membros da equipe presentes e a descrição do que foi feito em cada dia.

Quadro 6 - Diárias de gravação

Data	Membros presentes	Descrição da diária
27 de agosto de 2023 - Parada LGBTQIAPN+	Iasmin Santiago, Lui Silva, Mateus Ferreira, Thaisy Santana, Vivian Lima, William Balieiro e William Silveira	Gravação de imagens de apoio, entrevistas e passagens do repórter.
		Gravação de imagens de apoio e entrevistas com o

18 de novembro de 2023 - Vegas	Fannie Guimarães, Letícia Silva, Murilo Granja, Mateus Ferreira, William Balieiro e William Silveira	público presente na festa.
22 de janeiro de 2024 - Entrevista na ASTRA	Fannie Guimarães e Mateus Ferreira	Entrevista com Tathiane Araujo, coordenadora da Parada LGBTQIAPN+ de Sergipe.
11 de agosto de 2024 - Parada LGBTQIAPN+	Mateus Ferreira	Gravação de imagens de apoio.
17 de agosto de 2024 - Vegas	André Loius, Júlia Medeiros, Júnior Santos, Kamilly Carvalho, Mateus Ferreira e Najela Camila	Gravação da entrevista com Kleber Eduardo e passagens do repórter.
5 de setembro de 2024 - Ballroom	Mateus Ferreira	Gravação de imagens de apoio.
20 de setembro de 2024 - Vegas	André Loius, Júlia Medeiros, Kamilly Carvalho e Mateus Ferreira	Entrevista com o produtor da festa e com o público presente.
31 de janeiro de 2025 - Ballroom	Diego Lima, Junior Santos, Kamilly Carvalho, Lillian Pimentel, Mateus Ferreira, Tatiane Macena e Wandson Silva	Gravação da entrevista com Timmy Tehanga, com uma das produtoras da Ballroom e com o público presente.
21 de fevereiro de 2025 - Ballroom	Mateus Ferreira	Gravação de imagens de apoio.
28 de fevereiro de 2025 - Ballroom	Mateus Ferreira, Murilo Granja e William Balieiro	Gravação das passagens do repórter.
1 de março de 2025 - Ballroom	Mateus Ferreira, Murilo Granja e William Balieiro	Gravação das passagens do repórter.

Nas diárias que eram dedicadas para realizar as entrevistas e as passagens do repórter, saíamos de casa sabendo que as gravações na casa dos personagens eram a prioridade. Isso porque são as entrevistas com os “protagonistas” que sustentam boa parte dos episódios e não gostaríamos de correr o risco de perder o dia, ter que remarcar e ter choque entre as agendas da equipe e dos entrevistados.

Nesses dias, saíamos de casa pelo menos três horas antes dos eventos começarem. Primeiro, passávamos na casa do personagem principal, realizávamos a gravação com ele e

assim que terminávamos, seguíamos para os eventos²⁴. Na casa deles, a entrevista era feita enquanto eles se produziam. Isso foi pensado para dar dinamicidade à entrevista e para que quem estivesse assistindo também tivesse a oportunidade de ver o processo de transformação dessas pessoas para essas festas/eventos (principalmente nas entrevistas com as Drag Queens, em que o espectador pode ver quais elementos são inseridos na maquiagem e vestimenta desses artistas. Elementos esses, que caracterizam sua arte e seus personagens). Além disso, também acredito que o processo de se produzir para a festa é um momento muito importante, pois é a hora em que nos sentimos livres para escolher a maneira como queremos nos expressar e como a proposta da série é que as entrevistas aconteçam como uma conversa, durante o processo de arrumação poderiam ser feitas perguntas acerca desse aspecto do mundo Queer, como por exemplo, como as roupas e acessórios utilizados também permite a sensação de se sentir bem nesses espaços e se alguma vez isso já foi motivo de LGBTfobia no trajeto até os locais abordados nos episódios.

Nas entrevistas na casa dos personagens também fazíamos a gravação do *making of*, um material que posteriormente foi adicionado no corte final dos episódios para demarcar as separações dos blocos das entrevistas. Além disso, as imagens de apoio das ruas da cidade que entraram na websérie foram feitas no trajeto da casa dos personagens até os locais das festas/eventos. Essa inserção foi feita para mostrar a paisagem que essas pessoas veem todas as vezes que vão a esses espaços e para marcar a transição pela qual eles passam: de um lugar que é seguro e confortável para eles (suas casas), para um ambiente que nem sempre recebe bem seus corpos (as ruas da cidade), para enfim chegar ao outro lugar onde eles se sentem bem e entre seus iguais (os espaços abordados no projeto).

A ideia de sair de casa com algumas horas de antecedência das festas/eventos, era pensando na possibilidade de terminar a entrevista com o personagem principal e chegar nesses locais um pouco antes dos eventos começarem, para que pudéssemos realizar as entrevistas com o público presente antes que esses espaços ficassem cheios. Isso porque, caso um grande número de pessoas estivesse presente na hora das entrevistas, o fluxo de pessoas e o barulho das conversas poderiam prejudicar a qualidade das gravações. Mas não

²⁴ A ideia inicial era que em toda a série, acompanhássemos os personagens de suas casas até o evento/festa, mas não conseguimos fazer isso nos episódios da Parada e da Ballroom. No primeiro caso, quando terminamos a entrevista, Samarah ainda não havia acabado de se arrumar e precisávamos seguir para o evento, pois precisávamos fazer o restante das entrevistas lá. No caso do episódio da Ballroom, acabamos a entrevista muito tarde e Timmy precisou sair antes da gente, pois depois que terminamos, ainda ficamos guardando os equipamentos.

conseguimos fazer isso em todos os episódios, pois algumas vezes aconteceu da entrevista principal atrasar muito.²⁵

As entrevistas duravam um tempo médio de 25 minutos quando se tratava da entrevista com o personagem principal e de dez minutos, com demais entrevistados. No caso dos personagens principais, costumávamos dividir a entrevista em três blocos, ou seja, durante esse tempo eram feitas interrupções. Essa decisão de dividir o tempo de gravação foi tomada para prevenir imprevistos, como por exemplo, descarrego de bateria dos equipamentos de iluminação, áudio e vídeo, enchimento de cartão de memória no meio das entrevistas e demais problemas dessa natureza. Esse ato nos ajudava a ter um maior controle para garantir que nenhuma fala importante fosse perdida.

Para a captura do material, foram utilizados os equipamentos disponíveis no DCOS e outros que eu pegava com amigos (como Thaisy Santana, com quem peguei uma câmera; Vivian Lima, com quem peguei uma outra câmera e um cartão de memória; Fannie Guimarães, com quem peguei uma LED e Marina Evaristo, com quem peguei uma LED bastão). Além disso, nas ocasiões que precisei do kit microfone boom, entrei em contato com a professora Maria Beatriz Colucci, solicitando empréstimo do equipamento. Para as gravações, sempre levava duas ou mais câmeras (quase sempre com bateria reserva), lentes 50 e 18-55mm, pelo menos dois LEDs, dois tripés, kit microfone boom e quatro lapelas.

A preferência por utilizar mais de uma câmera²⁶ se deu pela capacidade de dinamismo que a troca de ângulos proporciona no corte final, além disso, uma funcionava como suporte caso a outra apresentasse algum tipo de problema. Ademais, ao equipar cada uma com uma lente diferente, tínhamos a oportunidade de ter imagens mais abertas e fechadas de uma mesma cena (por isso, a imagem de uma câmera captava uma imagem mais aberta, em que apareciam imagens do entrevistado, do repórter e do ambiente, e a outra, um plano mais fechado, focado no entrevistado, com o qual pudéssemos ver melhor as expressões dele durante a entrevista e dar uma sensação de intimidade a quem estivesse assistindo.

A escolha por dois tipos de microfones, o boom e o lapela, se deu pela capacidade de captação de cada um. O boom foi utilizado nas entrevistas que foram realizadas na casa dos entrevistados, pois tínhamos um maior nível de controle sobre os ruídos (ele é um tipo de microfone que tem uma boa captação de áudio, mas que consegue captar qualquer tipo de

²⁵ Essas situações estão descritas no diário de campo que está disponível no apêndice.

²⁶ O uso de mais de uma câmera também foi importante para evitar perder imagens de entrevista. No dia da última diária do Vegas por exemplo, em um determinado momento o cartão de memória de uma das câmeras encheu. Nós trocamos de cartão sem precisar interromper a gravação, pois uma das câmeras ainda estava funcionando normalmente.

barulho). Já o lapela foi mais utilizado nos ambientes externos, pois apesar de também captar muito do som ambiente, ainda sim apresentava maior qualidade de som, visto que é um microfone mais direcional.

As gravações sempre aconteciam no período da tarde (após as 14h30h) e da noite. Essa decisão foi tomada principalmente para evitar problemas com excesso de luz nas gravações externas, que poderiam deixar os vídeos muito estourados. Mas cada gravação apresentou necessidades e dificuldades bem específicas, conforme descrito no diário de campo disponível no apêndice.

6.1.1 Entrevistas

As entrevistas foram feitas seguindo o modelo semi aberto²⁷, de forma a suprir o que eu queria saber, mas sem deixar de lado a possibilidade da conversa se desenrolar e evidenciar de forma mais profunda a subjetividade dos personagens.

As perguntas que eram feitas para os entrevistados buscavam sempre saber suas histórias de vida, ou seja, eram voltadas para a experiência deles enquanto pessoas LGBTQIAPN+ nos espaços da cidade e nos locais que aparecem nos episódios. Normalmente, para as entrevistas com os personagens principais, eu fazia uma divisão em três blocos. No primeiro, estavam as perguntas mais voltadas para suas experiências pessoais enquanto pessoas da comunidade e sobre suas experiências como frequentadores dos locais abordados nos episódios. No segundo era discutida a vivência coletiva dessas pessoas nesses espaços e por fim, colocava em discussão a importância desses locais e perguntava o que eles achavam das opções de lazer para as pessoas Queer em Aracaju. Além disso, quando os entrevistados eram pessoas que também estavam inseridos no mundo das produções LGBTQIAPN+ da cidade, nesse último bloco também fazia questionamentos sobre suas percepções acerca de organizar eventos voltados para esse público. Assim, a entrevista sempre era iniciada com perguntas mais gerais para depois ir adentrando de fato no assunto da websérie documental.

Eu seguia essa estrutura (de sair de perguntas mais gerais para depois chegar ao assunto do projeto), pois acredito que dessa forma o entrevistado ia se acostumando com a

²⁷ De acordo com Duarte (2005, p. 66), neste modelo de entrevista, o pesquisador faz a primeira pergunta e explora ao máximo cada resposta até esgotar a questão. Somente então passa para a segunda pergunta. Cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a específicas. O roteiro exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferências entre elas ou redundâncias. A entrevista é conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador.

presença da câmera e se soltando aos poucos, para que quando de fato chegássemos ao ponto que sustenta o argumento do documentário, já não houvesse mais tanta tensão e ela conseguisse falar com maior naturalidade.

Embora nas entrevistas eu levasse um questionário com algumas das perguntas já pré-estabelecidas, eu sempre deixava o entrevistado livre para falar tudo o que ele quisesse, sem interrupções. A depender das respostas, saía desse roteiro de perguntas e entrava naquele assunto que ele havia iniciado. Dessa forma, o tipo de abordagem utilizado nas entrevistas se aproxima da não-diretiva, um método que dá uma maior valorização ao material coletado em comparação ao questionário fechado, pois de acordo com Medina (1986, p. 11), “o centro do diálogo se desloca para o entrevistado; ocorre liberação e desbloqueamento na situação inter-humana e esta relação tem condições de fluir; atinge-se a auto-elucidação”.

A ideia era esquecer um pouco da formalidade e transformar aquele momento em uma conversa, pois penso que dessa forma eu conseguiria um material mais completo, em que eu pudesse explorar diversos assuntos (de forma a adentrar mais profundamente no tema e no personagem), garantindo a qualidade do produto final. Para Morin (1973), esse movimento de transformar a entrevista em um diálogo é vantajoso:

“Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais que uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema. (MORIN, 1973 apud MEDINA, 1986, p. 15)

Assim, além de fazer as perguntas, eu também contava um pouco das minhas experiências quando me era perguntado, a fim de conquistar um pouco da confiança do entrevistado e deixá-lo mais à vontade. De acordo com Medina (Ibidem, p. 29), a iniciativa de buscar essa confiança pode evitar que o encontro entre entrevistador e entrevistado adquira um tom de “agressividade, autoritarismo e imposição”, uma atmosfera que daria ao material coletado “uma versão pobre do que teria sido uma entrevista”.

Eu sempre buscava fazer perguntas abertas, que não direcionassem uma resposta e que evitassem ao máximo comentários monossilábicos, como “sim” ou “não”. Como eu queria que a entrevista fosse uma conversa, a intenção era instigar os entrevistados a pensar, refletir e falar. Dessa forma, ao invés de perguntar “*you believe that Aracaju has a good quantity of places that are open to the community?*”, eu perguntava “*o que você acha das opções de lazer em Aracaju para as pessoas da comunidade?*”. Abaixo está uma lista com o conjunto de perguntas que se repetiram em todos os episódios:

Para o entrevistado principal:

1. “Faça uma breve apresentação sua”: Essa pergunta era feita para deixar o entrevistado um pouco mais à vontade, além de prepará-lo para as questões seguintes.
2. “Como você começou a frequentar esses locais?”: Busca entender como se dava essa imersão nesses espaços. Se era uma iniciativa própria ou por influência de amigos e conhecidos.
3. “Por que você vem sempre aqui?/Por que você gosta de vir aqui?”: Busca entender a relação entre as pessoas e esses espaços, como elas se dão e porque isso acontece.
4. “Como você costuma se sentir aqui?”: Essa é a pergunta que sustenta um dos objetivos da websérie. Ela procura entender porque esses lugares são importantes para essas pessoas.
5. “Como você percebe a si e aos outros neste espaço?”: Busca entender se há o sentimento de unidade e pertencimento à comunidade nesses locais.
6. “Como costumam ser as interações entre as pessoas nesses espaços?”: Busca entender o nível de socialização existente nesses espaços.
7. “O que você acha das opções de lazer disponíveis aqui na cidade para as pessoas da comunidade?”: Busca saber se os LGBTs estão satisfeitos com os locais disponíveis na cidade.

Para os demais entrevistados:

1. “Por que é importante realizar esse tipo de evento?/Porque é importante a existência de locais como esse?”: Busca responder a um dos objetivos da websérie.
2. “Como é viver isso aqui?/Por que você gosta de vir aqui?”: Busca entender a relação das pessoas com os espaços.
3. “Como você acha que essa vivência aqui dentro pode ajudar a melhorar o cenário de LGBTfobia que as pessoas da nossa comunidade enfrentam lá fora, nos demais espaços da cidade?”: Busca entender como esses espaços podem contribuir para construir uma cidade mais acolhedora e sem preconceitos.
4. “Como você avalia as opções de lazer em Aracaju para a comunidade?”: A pergunta busca saber se os LGBTs estão satisfeitos com os locais disponíveis na cidade.

6.2 Ensaio fotográfico

Na etapa de produção também foi realizado um ensaio fotográfico com Kleber Eduardo, o personagem do episódio do Vegas. Essa atividade foi desenvolvida para fazer o material que foi utilizado em uma das peças visuais criadas por um dos designers do projeto: a da tela de apresentação dos personagens, da qual falo um pouco no item abaixo. O ensaio aconteceu no dia 21 de fevereiro de 2025, na sala de fotografias do DCOS e a direção de arte e a execução do processo foi feita por Vivian Lima.

A proposta desse ensaio era a de fazer fotos que representassem um pouco da personalidade das pessoas que foram escolhidas para participarem da websérie e como se dá sua relação com os lugares abordados nos episódios. No caso de Eduardo, o ensaio teve uma direção de arte que revela o aspecto que me levou a convidá-lo para ser um dos entrevistados do projeto: o fato dele ser DJ e tocar no Vegas com frequência.



Figura 1 - Ensaio fotográfico com Kleber Eduardo. Foto: Vivian Lima

A ideia inicial era fazer um ensaio com os três personagens. Então, entrei em contato com Timmy e com Samarah, mas as agendas delas estavam muito cheias no período de finalização deste trabalho, fator que contribuiu para que esse material não fosse feito com elas

até a fase de finalização deste memorial. Para lidar com essa falta, no caso de Timmy, entrei em contato com ela pedindo algumas fotos, que foram feitas pelo fotógrafo Jorge Roberto. No caso de Samarah, utilizei fotos que foram enviadas por ela e outras que foram feitas por Thaisy Santa Rosa.

6.3 Criação da identidade e das peças visuais

A identidade visual do projeto foi criada inicialmente por dEFOBUS (Gildo Menezes) e finalizada por André Carvalho, ambos profissionais que trabalham com o *Motion Design*. Primeiro, entrei em contato com dEFOBUS, solicitando a criação de um logotipo e de três mapas, que iriam ilustrar o caminho da casa dos personagens até os locais que a websérie aborda. Um tempo depois, me veio a ideia de fazer uma tela de apresentação de personagem, elemento que traria informações textuais e visuais sobre essas pessoas, mas dEFOBUS me informou que não poderia pegar essa demanda porque estava muito atarefado. Foi então que entrei em contato com André, que desenvolveu essa tela e uma nova peça, a do lettering animado que abre o episódio da Ballroom.

A inclusão dessas peças visuais no projeto foi pensada para adicionar um pouco mais de criatividade à narrativa, visando ser um dos elementos que contribuem para que a websérie atinja o tom pop e dinâmico propostos no item quatro deste documento. Ela buscou trazer aspectos da cultura LGBTQIAPN+ e elementos presentes na capital sergipana, reunidos em uma estética mais voltada para os anos dois mil.

6.3.1 Logotipo

A visualidade do logotipo, como dito anteriormente, foi desenvolvida junto com dEFOBUS. Primeiro, eu enviei para ele um briefing²⁸ contendo algumas informações básicas sobre como eu gostaria que fosse a peça, apontando característica, cor e estilo. Naquele documento, eu esclareci que em termos de tipografia, o logotipo deveria trazer uma visualidade mais urbana e futurista, e que em termos de desenho, deveria trazer elementos que trouxessem referências da cultura LGBTQIAPN+ e da paisagem de Aracaju. Em seguida, encaminhei para ele algumas das referências que eu tinha.

²⁸ Este documento está presente na sessão “anexos”.

Além disso, solicitei que além do lettering, o logotipo apresentasse uma animação na qual o texto com o nome da websérie se transformasse em um ícone, que seria o símbolo da *Yag City*.



Figura 2 - Logotipo finalizado, lettering com nome da websérie. Foto: Captura de tela



Figura 3 - Logotipo finalizado, símbolo da *Yag City*. Foto: Captura de tela

Fazer esse símbolo para representar o título da série se deu justamente para que o logotipo desse conta de trazer essa carga regional para o projeto. Ela é composta por um círculo, uma rosa dos ventos e o mapa de Aracaju. O círculo foi proposto para dar a ideia de conexão entre esses locais. Afinal, a Cena Queer é uma unidade e quase sempre é frequentada pelas mesmas pessoas. O mapa de Aracaju foi a maneira encontrada para trazer a ideia de “localidade” para o símbolo, já a rosa dos ventos foi inserida para direcionar o olho do espectador para as áreas em que essa Cena está localizada no mapa da cidade.

6.3.2 Referências visuais

A visualidade das peças foi inspirada principalmente em elementos que vi em séries e videoclipes de divas pop que costumo consumir. No caso do logotipo, essa inspiração veio de uma mistura entre o videoclipe da música “*Stupid Love*” da Lady Gaga, do *visualizer* da música “*Falling 4 U*”, da Nicki Minaj, do logotipo do programa *RuPaul's Drag Race* e por fim, de uma versão 3D do logotipo do anime “*Bleach*”, por sugestão de dEFOBUS. A ideia do logotipo possuir um lettering e um símbolo veio do videoclipe da Gaga, em que ela apresenta essa possibilidade.



Figura 4 - Um dos símbolos que são apresentados na visualidade do álbum “Cromática”, da Lady Gaga. Foto: Captura de tela



Figura 5 - Logotipo do videoclipe “*Stupid Love*”, da Lady Gaga. Foto: Captura de tela



Figura 6 - Logotipo em visualizer da música “*Falling 4 U*”, da Nicki Minaj. Foto: Captura de tela



Figura 7 - Logotipo da série de televisão *RuPaul's Drag Race*. Ilustração: Google Imagens

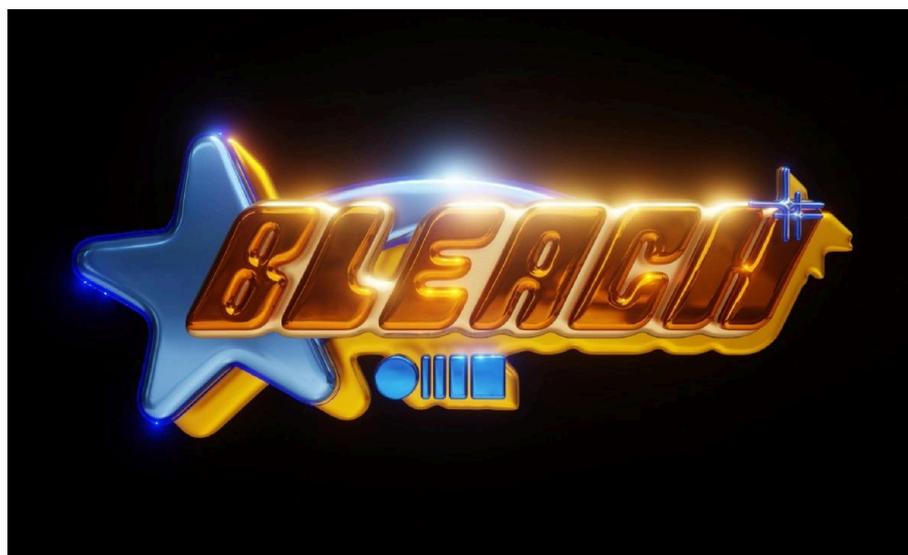


Figura 8 - Logo 3D da série “*Bleach*”. Ilustração: Google Imagens

6.3.3 Tipografia

A tipografia foi pensada para trazer um visual moderno (estilo anos dois mil) e próximo do que costumamos ver em produtos da cultura pop, com a finalidade de chamar a atenção do espectador e trazer a sensação de familiaridade. Na hora da escolha, também foi levada em consideração a legibilidade do texto. Dessa forma, a fonte “The last Shuriken” foi a escolhida para compor títulos e textos de destaque, a exemplo do texto do logotipo e informações de quilometragem contidas nos mapas, e descrição dos personagens, nas telas de apresentação. É válido acrescentar que os designers do projeto fizeram pequenas modificações na fonte.

Para os pequenos textos, foi escolhida a “Panton Trial SemiBold, a exemplo das legendas utilizadas nos mapas (as que exibem os endereços dos locais que compõem os episódios). Para as *Lower Thirds*, foi escolhida a fonte “Open Sans Regular”, e para os créditos finais e para o *lettering* do episódio da Ballroom, a mesma fonte, mas em seu formato “Bold”.



Figura 9 - Fonte “The Last Shuriken”. Foto: Captura de tela



Figura 10 - Fonte “Panton Trial SemiBold”. Foto: Captura de tela

Open Sans Regular   </> [Fontes semelhantes e pares](#)

The quick brown fox jumps over the lazy dog

Figura 11 - Fonte “Open Sans Regular. Foto: Captura de Tela

Open Sans Bold   </> [Fontes semelhantes e pares](#)

The quick brown fox jumps over the lazy dog

Figura 12 - Fonte “Open Sans Bold”. Foto: Captura de tela

6.2.3 Cor

A paleta de cores que compõe a visualidade das peças foi pensada com base em dois critérios, que foram adotados visando conseguir a identificação do público com os objetos que eles iriam se deparar ao ver a websérie:

1. Elas deveriam ser cores que estivessem presentes nas bandeiras que representam os diferentes grupos pertencentes à comunidade;
2. Deveriam fazer parte da paisagem que é encontrada quando se está nos locais que formam os episódios.

Além das cores, também foi adotado o efeito “neon” em algumas peças, como na logotipo e nos mapas. Esse detalhe foi acrescentado para fazer referência aos episódios que acontecem nas casas de festas, em que esse efeito é muito visto no ambiente.

Assim, as cores que predominam no projeto são o rosa e o azul, que aparecem em todas as peças. Elas foram escolhidas para serem as principais porque são as duas cores que aparecem em quase todas as bandeiras do movimento. Em seguida, temos o roxo (que aparece na tela de seleção de personagem e nos mapas), e o verde (que aparece apenas nos mapas). Todas essas cores também fazem parte da paisagem dos locais em que aconteceram as gravações e conseqüentemente, também estão muito presentes nos episódios. Ao fazer o uso delas nas peças, penso que a visualidade do projeto também fica mais harmônica. Por fim, é interessante mencionar que em todo o projeto foram utilizados subtons das três cores mais aparentes (o rosa, o azul e o roxo).

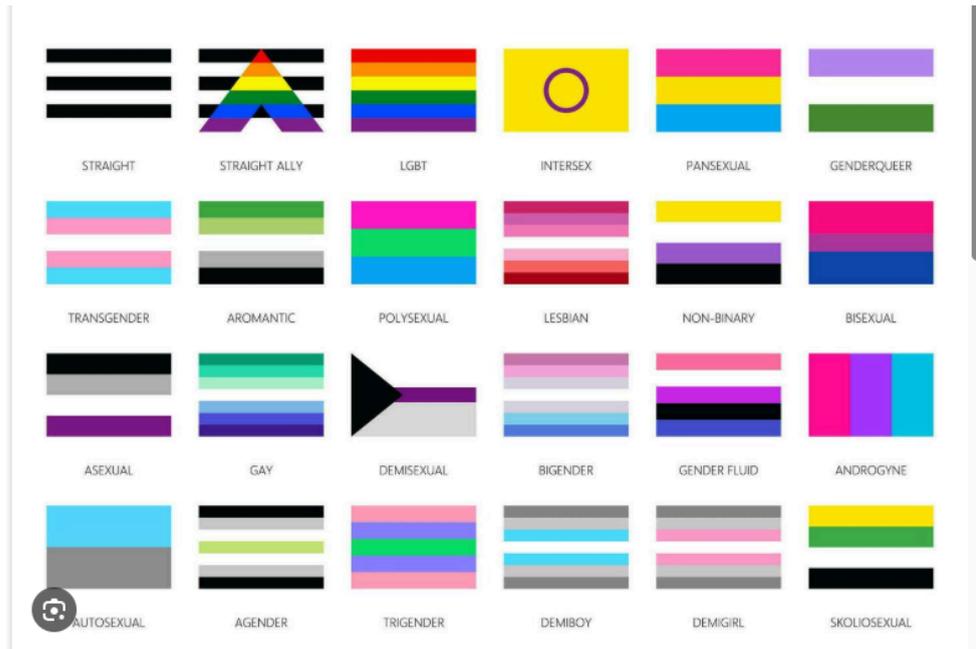


Figura 13 - Bandeiras da diversidade sexual e de gênero. Foto: Captura de tela do Google Imagens

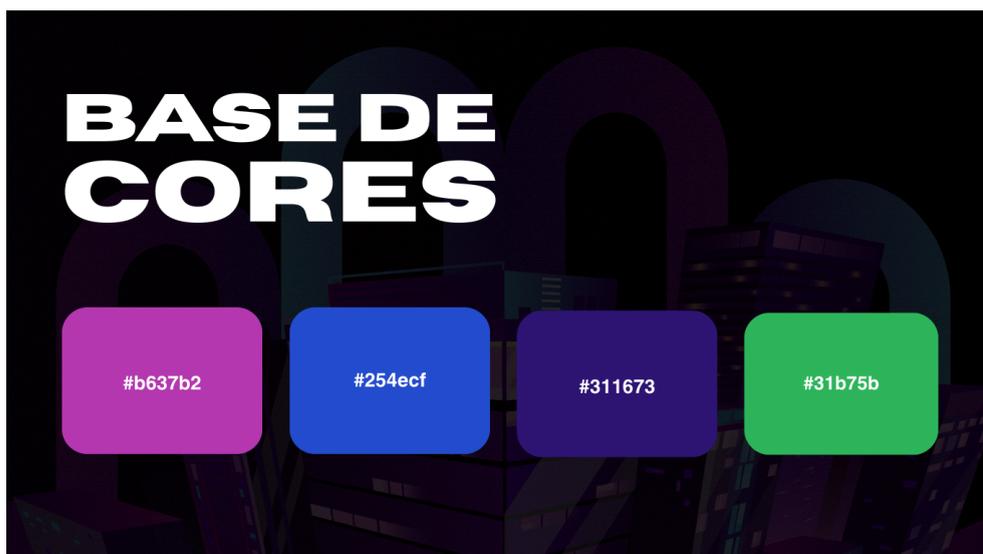


Figura 14 - Paleta de cores do projeto. Ilustração: André Carvalho

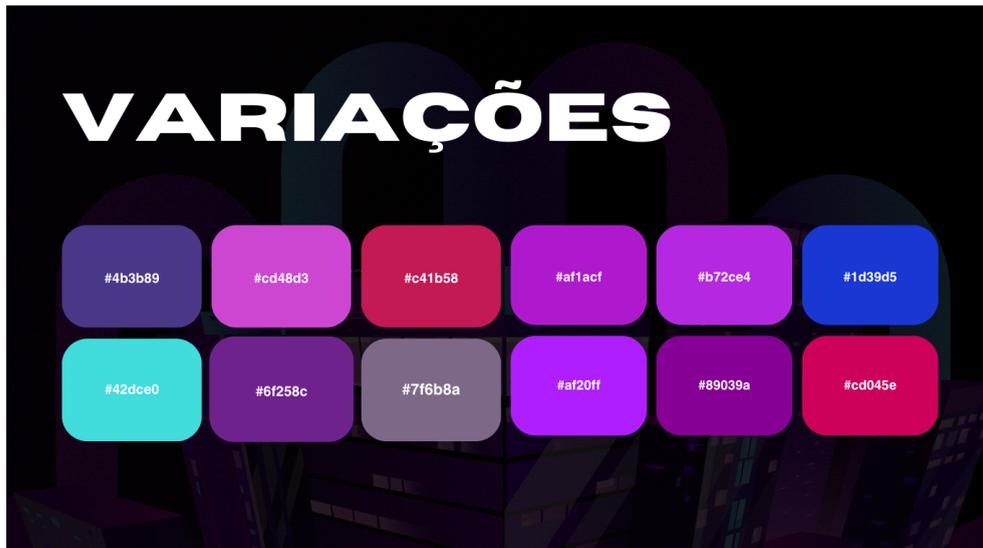


Figura 15 - Variação da paleta. Ilustração: André Carvalho

6.3.4 Mapas

Não tenho uma referência visual em específico que tenha ajudado a explicar para dEFOBUS como eu gostaria que os mapas ficassem. Para ele, só passei a instrução de que queria uma peça personalizada, que teria como base uma tela do Google Maps marcando o trajeto que o personagem daquele determinado episódio fazia até o seu local de destino. Disse também que tinha em mente aqueles mapas animados que vemos no *Tik Tok*, e comentei sobre algumas dessas telas que apareciam em quadros de programas de televisão, como o “De Volta para minha Terra”. Além disso, solicitei que essas peças deveriam ter a identidade visual do projeto e que fossem acrescentados desenhos marcando a quilometragem e os principais pontos turísticos da cidade.

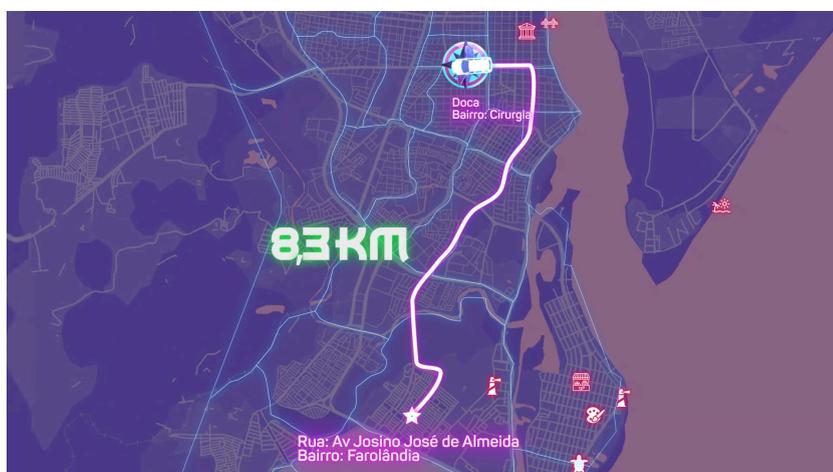


Figura 16 - Mapa do episódio da Ballroom. Foto: Captura de tela

6.3.5 Tela de apresentação de personagem

No caso das telas que contêm as informações sobre os personagens, que aparecem no início do episódio, a principal referência foi a do videoclipe da música “*Brutal*”, da Olivia Rodrigo.



Figura 17 - Peça visual presente no videoclipe da música “*Brutal*”, da Olivia Rodrigo. Foto: Captura de tela



Figura 18 - Peça visual presente no videoclipe da música “*Brutal*”, da Olivia Rodrigo. Foto: Captura de tela



Figura 19 - Peça visual do episódio do Vegas. Foto: Captura de tela



Figura 20 - Peça visual do episódio do Vegas. Foto: Captura de tela

Neste caso, também solicitei a André que ele colocasse algum elemento na primeira tela que trouxesse elementos da cidade de Aracaju. Então, ele adicionou o desenho dos Arcos da Orla (localizado atrás da logo e dos prédios) e do Edifício Maria Feliciano (que está no centro da tela).

6.2.6 Lettering Animado

No caso do letreiro animado que aparece no começo do episódio da Ballroom, a inspiração veio de *lyric videos* disponíveis no *Youtube*. No caso do projeto, a referência que encaminhei para André foi o da música “365”, da cantora Charli XCX.



Figura 21 - *Lyric Video* da música “365” da cantora Charli XCX. Foto: Captura de tela



Figura 22 - *Lettering* de abertura do episódio da Ballroom. Foto: Captura de tela

7. Pós-Produção

Na etapa de pós-produção foi feita a montagem dos episódios e o tratamento do material coletado. Para fazer esses processos, utilizamos o Davinci Resolve (para fazer a montagem e tratamento das imagens) e o Logic Pro (para o tratamento do som). Durante esse período, selecionei as partes da entrevistas que sustentavam os objetivos da websérie e foi o momento em que tive liberdade para fazer experimentações. Além disso, foi nesta fase que

consegui ver que seria possível salvar muito material que eu achei que iria perder. Ela se divide em três etapas: trilha sonora, roteiro de edição e montagem, e edição de imagem e som.

7.1 Trilha Sonora

Antes de iniciar o processo de montagem eu sempre fazia uma curadoria das músicas que poderiam entrar nos episódios. Inicialmente, era feita a escolha de três músicas: a que iria abrir o episódio (que deveria ser uma música mais agitada), uma que entraria na metade (que também deveria ser agitada, mas não necessariamente no mesmo nível da primeira) e uma para o final (que deveria ser mais lenta). Mais tarde, conforme o episódio fosse sendo montado e caso ficasse evidente que seria necessário incluir mais músicas, mais uma pesquisa era feita. Desde o início eu queria que a trilha fosse um material produzido por pessoas LGBTQIAPN+ daqui de Sergipe. Foi fazendo essa pesquisa, pelo *Spotify*, que descobri o trabalho de artistas como Marvi, Chrislops, Osmar Noyá, LEØNES, Dry e Jullya Murvack, com os quais entrei em contato para pedir autorização de uso das músicas.

A trilha foi inserida com a finalidade de cumprir algumas funções: familiarizar o espectador com o tipo de música que ele pode se deparar ao ir até esses locais, dar ritmo e dinamismo aos trechos dos episódios (as trocas de cena são feitas com base no ritmo das músicas) e conversar com o que é dito pelos personagens, reforçando a ideia que o depoimento deles quer passar (alegria, reflexão e segurança, por exemplo). Ao todo, foram usadas um total de 12 músicas. Confira o quadro abaixo.

Quadro 7 - Composição da trilha sonora dos episódios

Episódio	Música/Artista(s)
Lá na Parada	<ol style="list-style-type: none"> 1. Vulcão/Osmar Noyá; 2. Jaquetá - Dry Remix/ Marvi, Jullya Murvack, Dry; 3. Roda/Marvi, Morgana.
O que acontece no Vegas, fica no Vegas	<ol style="list-style-type: none"> 1. Todo mundo sabe/Já tava sabendo/Katy da voz e as abusadas, LAZA, Dry; 2. Ti Ti Ti/ LEØNES; 3. Marmita - Dry Remix/ Siamese, Dry; 4. Posturadona/ Luiz Cinnamon; 5. Anomalia/ Chrislops.
E POSE!	<ol style="list-style-type: none"> 1. Arrebatamento/MUFASA, Dry; 2. De Fininho/LEØNES; 3. Detalhe/Dry; 4. Mamulengo/Marvi.

7.2 Roteiro de edição e montagem

Antes de fazer a montagem dos episódios eu sempre fazia um roteiro de edição em que ficava indicado quase todo o conteúdo que iria ser utilizado nos cortes. Neles ficavam disponíveis os links de algumas imagens que eu havia selecionado e a indicação de como elas entrariam no vídeo, onde entrariam as músicas, passagens e as entrevistas, as entradas e as saídas das falas dos personagens e os efeitos a serem inseridos. Esses roteiros me ajudavam pois ao terminá-los, eu conseguia visualizar quase toda a estrutura dos episódios e na hora da montagem eles me davam mais liberdade para experimentar o que funcionava e o que não funcionava. Além disso, eles me permitiam observar se aquela era realmente a atmosfera que eu gostaria de passar nos episódios e se a montagem fazia sentido com o que era dito pelos personagens.

Como dito no item quatro, os episódios apresentariam um tom mais “pop e dinâmico”, então, a atmosfera que eu gostaria de trazer seria a de uma narrativa com um ritmo variável (com acelerações e desacelerações), com muitas imagens de apoio e sem sequências muito longas, mas sempre deixando no enredo as principais informações sobre os lugares, as pessoas e suas experiências. Assim, os episódios iniciam com várias imagens passando na tela e conforme o final vai se aproximando, o espectador se depara com uma narrativa mais tranquila, acompanhada de um texto mais introspectivo (como se fosse um resumo do que foi dito em todo o episódio e a reflexão que eu gostaria de deixar). Esse texto é acompanhado de imagens que ganham um pouco mais de tempo de tela em comparação com a velocidade do início dos episódios.

A estrutura dos roteiros apresentava duas colunas, uma para imagem e outra para som, e em ambas sempre havia marcações do tempo que duravam as falas, as imagens e as músicas. Na aba de imagens, assim como haviam instruções precisas que encaminhavam o editor para os clipes de vídeo a serem utilizados, também havia um direcionamento sobre a ideia e tipo de edição que deveria ser feito em cada pedaço dos episódios, às vezes contendo referências de outros projetos. Já nas linhas, ficavam descritas as inserções que iriam compor cada cena do episódio.

Conforme eu montava, às vezes eram feitos alguns ajustes caso achasse que fosse necessário, por algum problema no material que fosse usado (problema de áudio ou no foco da câmera por exemplo), ou então para melhorar aquele trecho do vídeo, de forma a deixá-lo o mais próximo possível do jeito que eu havia imaginado. Mas essas modificações foram

feitas poucas vezes e aconteceram com mais frequência na montagem do episódio da Parada (que foi no qual fiz mais experimentações).

O episódio da Parada foi o primeiro que eu editei e ao qual eu mais dediquei tempo. Ao todo, ele teve sete versões. As diferenças entre cada uma envolvem tamanho dos episódios, cortes de falas e de passagens, mudança e redução de textos dos offs e troca de imagens de cobertura. Quando eu finalizei o processo de edição dele, eu tinha então um “formato” que serviu para editar os outros dois episódios. Formato esse, que também me ajudou a ganhar tempo nas edições, visto que não mais precisaria ficar mudando as ordens das inserções. Confira o quadro abaixo.

Quadro 8 - Estrutura dos episódios

Trechos	Descrição
Início	Um compilado de imagens abre o episódio com um texto em off sendo narrado ao fundo;
Desenvolvimento 1	Passagem do repórter falando informações básicas sobre o local a ser visitado e apresentação do personagem;
Desenvolvimento 2	Imagens de <i>making of</i>
Desenvolvimento 3	Entrevista com personagem principal
Desenvolvimento 4	Imagens do trajeto até o local + passagem do repórter, seguido de imagens do local e narração em off;
Desenvolvimento 5	Entrevistas com outros frequentadores do local;
Desenvolvimento 6	Retorna para mais trechos da entrevista com o personagem principal;
Conclusão	Montagem de fotos, seguida de vídeos curtos, acompanhado de uma narração em off que apresenta um texto mais intimista e reflexivo.

Essa estrutura é a base de todos os episódios, ou seja, todos eles seguem essa sequência, mas cada um tem suas especificidades (como o do Vegas por exemplo, em que os primeiros segundos vemos imagens mostrando os detalhes da boate com o barulho ambiente ao fundo, seguido de um curto trecho da entrevista em que Eduardo diz que lá se sente livre). Mas são detalhes muito pontuais que foram colocados de forma a dar uma especificidade maior a cada lugar.

A inserção de uma montagem de fotos no final dos episódios não foi uma ideia que tive no planejamento dos roteiros. Ela foi sugestão de Vivian Lima, que me ajudou

inicialmente na montagem do episódio da Parada. Ela havia feito um trabalho para uma disciplina do curso de cinema, que consistia na criação de um fotofilme. Isso me chamou a atenção, pois eu já pensava em inserir ao final dos meus episódios um texto mais poético, mas não sabia muito bem como aplicar essa ideia de uma forma diferente do que eu já havia feito até ali (em que o tempo todo havia trabalhado com vídeos), e a montagem de fotos foi a solução encontrada para suprir esse anseio.

No episódio da Parada, até aquele momento (janeiro de 2024), eu não tinha muitas fotos feitas pela minha equipe que sustentasse os quase um minuto de narração, então me vi na necessidade de pesquisar por fotógrafos que estavam tirando fotos no dia que aconteceu o evento. Foi aí que encontrei Joseph Christopher e Igor Matias, que me cederam alguns registros. Importante ressaltar que Joseph Christopher voltou a me ceder fotos para os outros dois episódios.

Uma outra preocupação minha era inserir vídeos de pontos da cidade. Eu queria muito colocar imagens que fossem feitas de prédios muito altos ou mesmo de drone, para mostrar o movimento da cidade, os seus espaços e as demais pessoas que fazem parte dela. Para mim, a inserção dessas imagens seria importante pois a cidade também é um personagem importante, pois é ela que abriga essa Cena Queer e os espaços que são percorridos para chegar até ela. A solução que achei para suprir essa demanda foi entrar em contato com a prefeitura de Aracaju. As demais imagens da cidade presentes nos episódios da websérie, foram captadas durante as diárias de gravação.

Foi ainda no processo de montagem que consegui solucionar alguns problemas que tive com material de entrevistas, como desfoque e cortes que fazia para acelerar a conclusão do raciocínio dos entrevistados (sem ficar aquela impressão de corte seco). E foi nesse momento que as imagens de apoio e as captadas por duas câmeras ajudaram bastante.

7.1.2 Lá na Parada

Como citado no item acima, o episódio da Parada foi o que mais sofreu modificações durante a montagem, pois eu estava tentando fazer o material se aproximar do que havia idealizado. Ele teve um total de sete versões, que apresentaram diferentes modificações: no tempo de duração dos episódios, no tipo de linguagem utilizada nos offs que foram inseridos, nos trechos das entrevistas que foram selecionados, nas imagens de cobertura, na montagem de fotos e nas fontes que aparecem no episódio.

Quadro 9 - Alterações feitas no episódio

Versão	Características	Alteração realizada
1ª Versão	<ul style="list-style-type: none"> ● Duração de 10'57'' ; ● Textos dos offs com uma linguagem mais formal; ● Duas passagens, uma no início e outra na metade do episódio; ● O repórter aparece em tela quando faz a pergunta; ● Na entrevista com Allan Victor, as perguntas selecionadas para aparecer no corte envolvem a vida do personagem como Drag Queen, sobre a escolha dele para ser a drag da parada daquele ano, sobre a relação dele com a Parada e a importância dela para a comunidade; ● Na entrevista com Tathiane Araújo, as perguntas selecionadas para aparecer no corte envolviam a escolha do tema daquele ano e sobre as conquistas adquiridas com a realização da Parada. 	XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
2ª Versão	<ul style="list-style-type: none"> ● Duração de 6'57''; ● Offs com uma linguagem mais informal; ● Duas passagens, uma no início e outra na metade do episódio; ● Na entrevista com Allan Victor, as perguntas selecionadas para esse novo corte foram apenas as que se referiam sobre a escolha dele para ser a drag da parada daquele ano, sobre a relação dele com a Parada e a importância dela para a comunidade; ● Na entrevista com Tathiane, a pergunta selecionada para aparecer no novo corte foi sobre as conquistas adquiridas com a realização da Parada; 	<ul style="list-style-type: none"> ● Todos os offs foram reescritos; ● Tanto as sonoras quanto as imagens do repórter fazendo a pergunta foram retiradas, com exceção da última que é feita antes de finalizar a primeira inserção da entrevista com o personagem; ● Trechos que foram selecionados na primeira versão das duas entrevistas foram cortados; ● Foram adicionadas mais fotos na montagem que aparece no final do episódio.
3ª Versão	<ul style="list-style-type: none"> ● Duração de 6'27''; ● Foram mantidas todas as outras características da segunda versão. 	<ul style="list-style-type: none"> ● O último off, que aparece junto com a montagem de fotos, foi reescrito.
4ª Versão	<ul style="list-style-type: none"> ● Foram mantidas todas as outras características da segunda versão. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Houve a troca de algumas imagens de apoio.
5ª Versão	<ul style="list-style-type: none"> ● Duração 6'19''; ● Apenas uma passagem, no início do episódio; 	<ul style="list-style-type: none"> ● A passagem que ficava na metade do episódio e que falava sobre quem organizava o evento foi removida.

	<ul style="list-style-type: none"> • Todas as outras características foram mantidas. 	
6ª Versão	<ul style="list-style-type: none"> • Duração 5'25''; • Apenas a entrevista com Allan Victor aparece nesse corte; • Todas as outras características da quinta versão foram mantidas; 	<ul style="list-style-type: none"> • Nessa versão também foram excluídas o off que falava sobre o que acontece nas edições da Parada e sobre o tema daquele ano; • Foi excluída a entrevista com Tathiane.
7ª Versão	<ul style="list-style-type: none"> • Duração de 6'19''; • Apenas uma passagem no início do episódio; • Entrevista com Allan e com Tathiane aparecem no corte; • Demais características foram mantidas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Reinscrição do off retirado na versão seis; • Reinscrição da entrevista com Tathiane Araújo.

7.1.3 O que acontece no Vegas, fica no Vegas

O episódio do Vegas foi montado com imagens das diárias que aconteceram nos dias 17 e 18 de novembro de 2023, 17 de agosto de 2024 e 20 de setembro do mesmo ano. Esse episódio teve apenas três versões, sendo uma delas o acréscimo das entrevistas que fiz na última diária.

Quadro 10 - Alterações feitas no episódio

Versão	Características	Alteração realizada
1ª Versão	<ul style="list-style-type: none"> • Duração de 8'37'' ; • Na primeira passagem do repórter, apareciam prints do Google forms que utilizei para fazer o mapeamento dos locais, de forma a mostrar que é um dos locais mais visitados por pessoas da comunidade, reforçando o que é dito no texto verbal; • O episódio tinha muitas telas pretas que marcavam os locais onde ainda iriam ser feitas inserções: de passagens, offs e peças visuais; • Nessa versão, também foram preservados momentos de silêncio do personagem. Um silêncio que mostrava ele pensando antes de responder as perguntas; 	XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

2ª Versão	<ul style="list-style-type: none"> • Duração de 10'48''; • Novas imagens de apoio foram inseridas; • Foi inserida uma das peças visuais; • Inserção das entrevistas com Alessia Moreira, Junior Rocha e Victor Mateus; • A música "Posturadona", de Luiz Cinnamon foi adicionada à trilha; • Inserção do fotofilme; • Inserção do off final; 	<ul style="list-style-type: none"> • Remoção de algumas imagens de apoio; • Remoção dos prints do forms que apareciam na primeira passagem do repórter; • Regravação de alguns offs; • Os momentos de silêncio de Eduardo foram retirados, além disso, foram feitos pequenos cortes nas falas, a fim de deixar as falas mais fluidas;
3ª Versão	<ul style="list-style-type: none"> • Duração de 11'02''; • Foi feito o <i>color grading</i>; • Todas as peças visuais foram inseridas; • Inserção das lower thirds; • Foram inseridas as telas de créditos iniciais e finais; • Foram mantidas todas as outras características da segunda versão. 	<ul style="list-style-type: none"> • O som ambiente do local que aparece no início do episódio foi estendido; • Houve um acréscimo na quantidade de fotos da montagem final. Além disso, algumas foram substituídas;

Para esse episódio, também foram feitas entrevistas no dia 18 de novembro de 2023, que optei por não incluir no corte final por problemas com a qualidade do áudio.

7.1.4 E POSE!

O episódio da Ballroom teve duas versões e nele a maior dificuldade que tive foi a de fazer a seleção das falas dos entrevistados. Isso porque todos eles contaram coisas muito interessantes sobre a Ballroom e sobre a Cena LGBTQIAPN+ da cidade. Ao todo, cinco pessoas foram entrevistadas, mas o depoimento de uma delas não entrou no corte final por problemas com o foco da câmera.

Quadro 11 - Alterações feitas no episódio

Versão	Características	Alteração realizada
	<ul style="list-style-type: none"> • Duração de 18'54'' ; • Nas entrevistas, todos momentos que o repórter faz a pergunta são mantidos; • A trilha sonora era composta por 5 músicas; 	

<p>1ª Versão</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Havia telas pretas em que estavam indicadas onde iriam entrar as peça visuais; • A segunda passagem do repórter tinha trazia informações sobre a história da Ballroom e sobre onde elas acontecem na cidade; • Na entrevista com Geovana Soares, foram aproveitadas as falas sobre como ela enxerga o crescimento da Ballroom na cidade e o que a comunidade ganha com isso, sobre como a Ballroom pode ajudar reduzir a LGBTfobia nos espaços da cidade e como ela enxerga o cenário atual dos espaços destinados para o público LGBTQIAPN+ em Aracaju; • Na entrevista com Kami e Purple May DiBarro foram aproveitadas as falas sobre como é fazer parte de uma casa e sobre como a Ballroom pode ajudar reduzir a LGBTfobia nos espaços da cidade; • Nas duas últimas entrevistas, havia troca de câmeras (imagem aberta enquadrando repórter e entrevistado); 	<p>XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX</p>
<p>2ª Versão</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Duração de 11'23''; • Novas imagens de apoio foram inseridas; • Trilha composta por quatro músicas; • Segunda passagem do repórter com menos tempo de duração; • Nas duas últimas entrevistas a troca de câmeras é entre plano fechado no personagem principal e imagens de apoio; 	<ul style="list-style-type: none"> • Substituição de algumas imagens de apoio; • Foram cortadas alguns trechos em que mostrava o repórter fazendo a pergunta; • Foram feitos cortes em todas as falas de Timmy, com a finalidade de evitar repetições; • Foram feitos cortes em algumas imagens de <i>making of</i> e outras foram excluídas; • Uma das músicas inseridas anteriormente foram retiradas; • Foi cortada boa parte da segunda passagem do repórter, deixando apenas uma breve informação sobre o histórico da Ballroom e os espaços onde esses eventos costumam acontecer; • Na entrevista com Kami e Purple May DiBarro, foi aproveitada a parte da entrevista que eles falam sobre como é fazer parte de uma casa, além disso, foram feitos alguns cortes nas falas de forma a deixar os depoimentos mais fluidos;

		<ul style="list-style-type: none"> • Na entrevista com Geovana, foi aproveitada a parte que ela responde sobre como a Ballroom pode ajudar reduzir a LGBTfobia nos espaços da cidade;
--	--	--

7.2 Edição de imagem e som

No processo de edição de imagem, a ideia era deixar as cores dos vídeos mais vibrantes (pois muitos dos vídeos que saíam da câmera eram opacos), colocar mais brilho em imagens que estivessem muito escuras ou fazer o inverso (ou seja, diminuir a exposição), diminuir a intensidade de alguma cor que estivesse muito predominante ou dar mais destaque para algum elemento em cena. Esse processo foi feito utilizando a aba “*Color*” do Davinci Resolve, em que para cada clipe do filme, eu criava cinco “*nodes*”²⁹, onde eu mexia em diferentes configurações em cada uma delas.

No primeiro, era ajustada a exposição e o contraste dos vídeos; no segundo, o balanço de branco; no terceiro, a saturação; no quarto, eram incluídas janelas (que tinham a função de iluminar determinados pontos da imagem a fim de dar maior destaque e direcionar a atenção do espectador para algum objeto em cena, mas eu só usava essa ferramenta quando via que era necessário iluminar o rosto de alguém), e por fim, o visual (em que eu mexia mais na parte criativa, mexendo nas cores do vídeo). Nesse último “*node*” eu puxava as configurações para tons de azul e verde, para dar uma atmosfera mais sóbria e sofisticada para a imagem, trazendo uma sensação de seriedade e tranquilidade.

²⁹ Ferramenta utilizada no processo de correção de cor e *color grading*, em que em cada “*node*” é possível setorizar os processos de edição da imagem. Eles funcionam como se fossem camadas, em que é possível tratar cada coisa separadamente. Exemplo: no primeiro “*node*” serão ajustados brilho e saturação, no segundo o balanço de branco, e por aí vai.

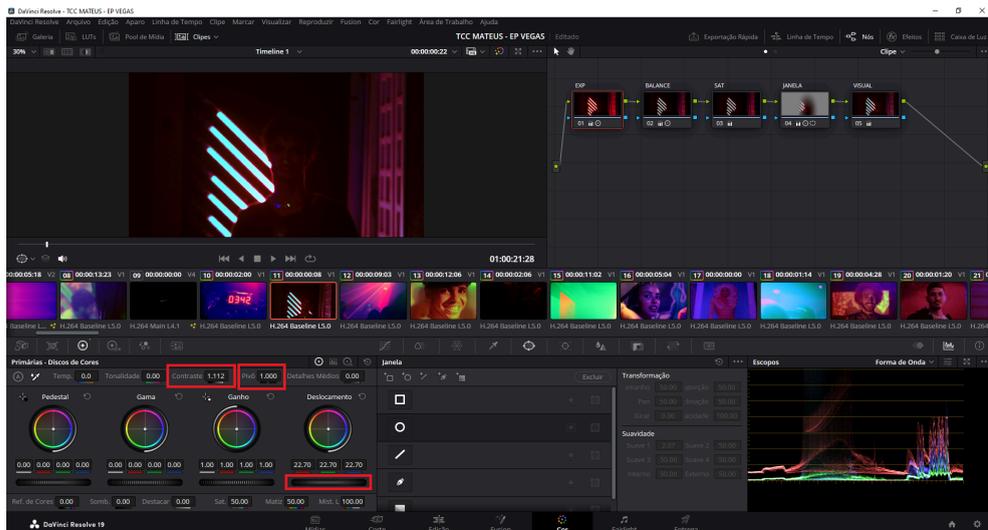


Figura 23 - Tela de edição do Davinci. No *node* em questão, eram feitas alterações nas configurações das ferramentas destacadas, a fim de alterar a exposição e o contraste dos vídeos. Foto: Captura de tela

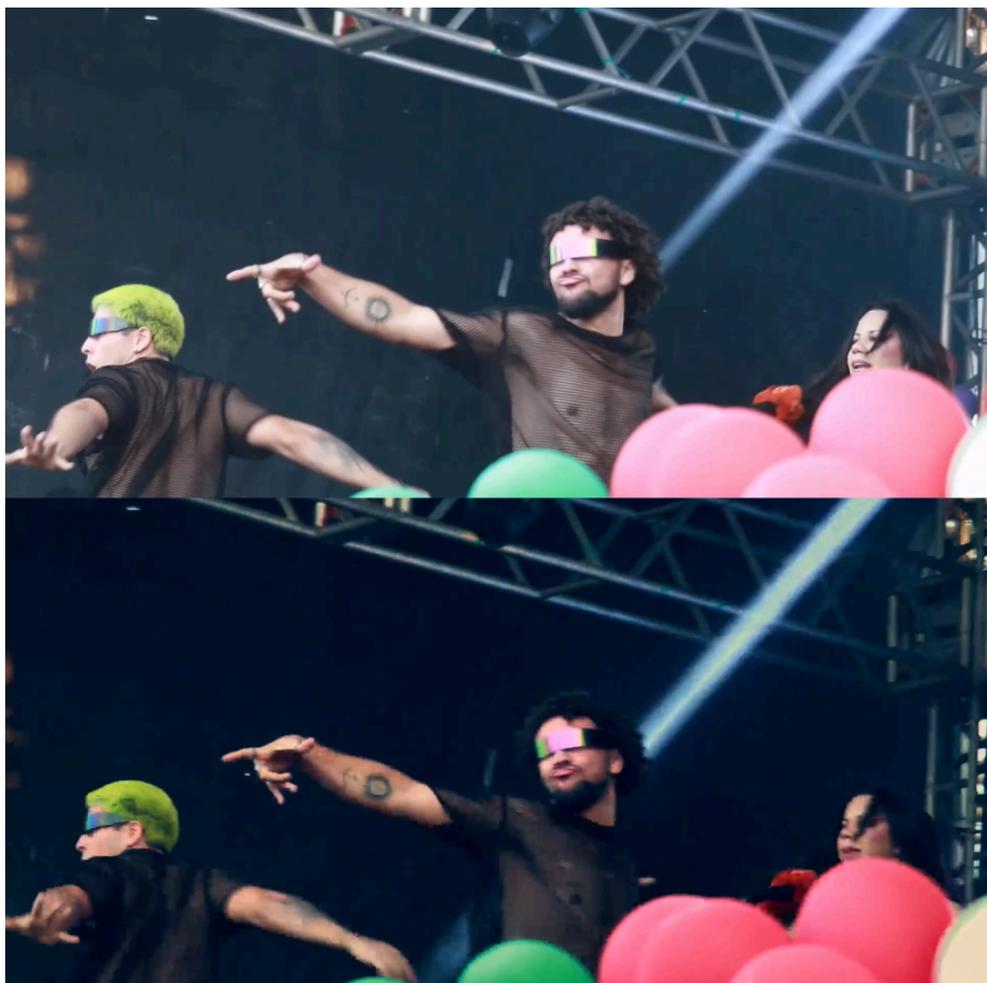


Figura 24 - Antes e depois da aplicação do *color grading*. Nesse vídeo, a principal alteração feita foi aquela referente às ferramentas de exposição e contraste (o vídeo bruto estava muito opaco). Foto: Capturas de tela



Figura 25 - Antes e depois do *color grading*. Nesse vídeo, a cor amarelo estava muito presente, então fiz alterações no balanço de branco, arrastando o offset³⁰ em direção aos tons mais frios, a fim de neutralizar esse tom, para deixar as demais cores mais visíveis. Foto: Capturas de tela

O tratamento de áudio foi realizado com o auxílio de Leo Airplane, o técnico de som do DCOS. Nesta etapa, pedi para que ele ajustasse o volume das músicas, entrevistas e offs, de forma a deixá-los com um som linear, pois todo o conjunto estava desequilibrado (havia trechos com um som mais alto e outros com volume mais baixo). Além disso, pedi para que ele retirasse a voz das músicas que fazem parte da trilha da websérie nos momentos em que havia diálogos ou narração, a fim de não dispersar a atenção do espectador. Por fim, também solicitei para que ele diminuísse o ruído que estava presente em alguns vídeos das entrevistas.

8. Prospecção e orçamento

³⁰ Ferramenta em formato de roda do Davinci Resolve, da aba “color” que permite a realização de alterações na exposição, no equilíbrio de cores e na luminância de uma imagem.

Durante a realização do projeto, foram feitas algumas movimentações para conseguir juntar recursos para ajudar a bancar os custos de produção da websérie. Assim, tentei as seguintes opções: pedir patrocínio a empresas sergipanas, apoio financeiro a políticos, organizar uma rifa e por fim, produzir uma festa. Confira o quadro abaixo contendo as ações com as quais conseguimos arrecadar dinheiro e os valores obtidos.

Quadro 12 - Prospecção

Ação	Valor arrecadado
Apoio da deputada Linda Brasil	R\$ 400,00
Rifa	R\$ 900,00
Festa	R\$ 600,00

A rifa foi pensada para suprir duas demandas: pagar os gastos com a festa que estávamos organizando (a “a *Pink Nights*”³¹ que aconteceu no dia 2 de agosto no Doca Centro e que na época, acreditei que seria a ação que iria nos trazer mais retorno) e o que sobrasse seria destinado totalmente para a websérie. A rifa tinha 204 números, custava R\$5,00, e ajudou a bancar os gastos previstos com contratação de DJ, decoração, iluminação, equipamentos, pagar um designer para fazer o material de divulgação e entre outros pormenores. Dos R\$900,00 arrecadados, R\$500,00 foram destinados para essas despesas.

No caso da festa, o Doca tem capacidade para 180 pessoas e os ingressos têm um valor fixo de R\$10,00, e a divisão dos ingressos ficou 60% para a produção e 40% (e o bar) para a casa. No fim o valor total arrecadado foi de R\$1.400,00.

³¹ A festa foi voltada para o público LGBTQIAPN+.



Figura 26 - Drags Bombshell (esq) e Cherry (dir) na Pink Nights, 02.08, realizada no Doca Centro. Foto: Thaisy Santa Rosa



Figura 27 - Pink Nights, 02.08, realizada no Doca Centro. Foto: Thaisy Santa Rosa



Figura 28 - Pisão 911, um dos DJs da festa. Foto: Thaisy Santa Rosa

Os principais gastos durante a produção foram aqueles referentes ao transporte da equipe e à criação da identidade visual do projeto. Além disso, também podem ser adicionados gastos com espaços de armazenamento on-line e de alimentação (mas esse não era um gasto fixo, visto que todos sempre iam para as diárias já alimentados). Embora não tenha sido preciso contratar pessoas e alugar equipamentos para realizar o projeto, também foram adicionados outros recursos de produção a fim de estimar o valor total que poderia ter sido gasto. Confira o quadro abaixo com os valores.

Quadro 13 - Orçamento

Despesa	Valor
Transporte	R\$ 1.168,37
Alimentação	R\$ 80,00
Identidade visual	R\$ 730,00
Armazenamento on-line	R\$ 96,00
Diárias de pessoas	R\$ 26.213,79
Aluguel de câmeras e lentes	R\$ 3.193,90
Aluguel de microfones lapela	R\$ 1.050,00

Aluguel Kit microfone boom	R\$ 900,00
Aluguel de cartão de memória	R\$ 780,00
Aluguel de tripés	R\$ 1.200,00
Aluguel de LEDs	R\$ 1.560,00
Aluguel de baterias	R\$ 60,00
Estúdio de Fotografia	R\$450,00

Assim, o custo de produção do projeto foi de aproximadamente R\$ 2.074,37. É válido ressaltar que essa quantia é uma aproximação do valor total com despesas, pois durante o processo algumas notas foram perdidas. Considerando um cenário em que as diárias dos membros da equipe fossem remuneradas³² e os equipamentos alugados³³, esse valor seria de aproximadamente R\$37.482,06.

8. O futuro da Websérie

A ideia de engavetar esse projeto nunca passou pela minha cabeça. Como resultado de um esforço coletivo, o mais justo é que todos os envolvidos na criação da websérie vejam o seu esforço saindo de dentro dos muros da universidade e chegando até o público externo. Penso que se fizesse isso, também estaria faltando com um dos motivos que me levaram a escolher abordar esse tema no meu Trabalho de Conclusão de Curso. Justificativa que está explícita na introdução deste documento, onde digo que *“as pessoas da minha comunidade também precisam (e devem) se ver como protagonistas de histórias felizes”*.

Outro motivo também me faz querer que mais pessoas conheçam o projeto: a ideia de que o jornalismo só aborda coisas ruins. Cansei de ver familiares e amigos meus dizendo que produtos jornalísticos são sinônimo de negatividade e tragédia. Creio que projetos como

³² Os valores utilizados para calcular as despesas com a equipe foram retirados do site “FilmMakers”. MARTINS, Helder. Nova tabela 23/24 para pisos salariais de longa, média, curta metragem e documentários. **FilmMakers**. Disponível em:

<<https://filmmakers.pro.br/nova-tabela-23-24-para-pisos-salariais-de-longa-media-curta-metragem-e-documentarios/>>. Acesso em: 18 mar. 2025.

³³ As despesas com equipamentos foram calculadas através de uma consulta à Tabela de Locação da empresa “Clip Filmes Produções”, localizada em Aracaju. Além disso, alguns itens que não constavam na tabela da empresa foram consultados no site “Locadora Fotográfica”.

LOCADORA FOTOGRAFICA. **Aluguel de lentes, câmeras, iluminação e equipamentos em geral para fotos e filmagens em Recife, entregamos para toda Região Metropolitana**. Disponível em: <<https://www.locadorafotografica.com/>>. Acesso em: 18 mar. 2025.

esse mostram para as pessoas que existem outras possibilidades de jornalismo e também mostram para nós, jornalistas, que conseguimos escolher caminhos diferentes dos que são seguidos pela atual grande mídia na hora de fechar a edição de um jornal ou programa: podemos adotar narrativas mais sensíveis e procurar histórias que normalmente não possuem o destaque que mereciam ter. Afinal, foi esse o caminho que vi meus professores apontarem: o de fazer jornalismo ao invés de sensacionalismo, o de não promover a cultura do terror e sempre dar ouvidos para boas histórias.

Por esses motivos, conversei um pouco com algumas pessoas da Casa DiBarro e pensamos em formas de divulgar o projeto. Daí, eles propuseram a ideia de aproveitar os eventos que são promovidos pelo movimento Ballroom e fazer rodas de conversa sobre a websérie, aproveitando o evento para exibir o trailer. Uma outra ideia foi a de organizar mais uma festa voltada para as pessoas da comunidade (a segunda edição da Pink Nights), momento no qual incluiríamos nas peças de divulgação a informação de que o evento faz parte da maratona de divulgação da websérie. Na festa, também faríamos a exibição do trailer.

Além disso, também foi cogitado aproveitar o circuito de eventos que a casa DiBarro promove, como a “Maratona Queer”, para incluir a exibição dos episódios na programação do Cine Pride (que é uma das ações culturais promovidas pela Casa). Essa ação marcaria a estreia da websérie e fecharia o período de promoção.

Além disso, pretendo inscrever a websérie em editais de fomento à cultura, para dar continuidade ao projeto. Por fim, outra ideia que tenho em mente é a de enviar esse material para emissoras de televisão e plataformas digitais locais.

Depois que tiver feito as exibições através dos meios citados acima, pretendo disponibilizar os episódios em plataformas como o *Youtube*, onde qualquer pessoa poderá ter acesso. Além disso, também quero criar um site interativo, que terá a aparência do mapa da cidade, onde o espectador poderá clicar nos pontos em que estão localizados esses espaços abordados na série e ser direcionado ao episódio que corresponde àquele lugar.

9. Considerações finais

A produção desta websérie me deu a oportunidade de colocar em prática o conhecimento que adquiri em sala de aula durante o período do curso. Escrevendo as pautas, visitando os espaços, realizando as entrevistas, elaborando os roteiros de edição ou fazendo a montagem dos episódios, sempre me vinha à cabeça a lembrança das falas de alguns dos meus professores, mais especificamente os direcionamentos que recebi durante as disciplinas de

Laboratório de Jornalismo Integrado I e II. E isso não podia ser diferente, pois foi essa a disciplina que me fez conhecer e passar por todas as etapas da produção jornalística, das primeiras discussões de assuntos que poderiam vir a ser pauta à edição. Também foi nela que fomos motivados a fazer um tipo de jornalismo que era um pouco diferente do que havíamos praticado até então. Um jornalismo em que era possível fazer experimentações, treinar a nossa criatividade, misturar linguagens e contar histórias com um nível maior de profundidade. Mas tudo isso com uma importante condição: a de não faltar com o princípio que define a atividade, o de levar informação (bem apurada e responsável) para as pessoas.

Realizar esse projeto também me fez aprender um pouco mais sobre a cultura da minha comunidade e me possibilitou conhecer pessoas e um mundo que eu nunca cogitei ter contato: o das produções. Durante o processo, também descobri outras camadas que revelam a importância da existência desses locais. Além de espaços políticos e reforçadores de identidade, eles também são locais de acolhimento e de afeto, de livre expressão, de união, conscientização e celebração. Neles, também podemos sonhar e mostrar nossos talentos. E por fim, como muito bem pontuado por Timmy, podem criar oportunidades, gerando ganhos financeiros e dando visibilidade para aqueles que se envolvem de alguma forma na produção dessa Cena.

Além disso, o projeto também apresenta o retrato de uma geração e de sua cultura. Os episódios abordados na websérie, que apresentam os locais que formam a Cena Queer de Aracaju, retratam um momento específico vivido principalmente pela Geração Z — pessoas nascidas entre o final dos anos 1990 e o início dos anos 2010 —, que hoje protagonizam e moldam os espaços, os afetos e os discursos dessa cena. Trata-se de um registro de comportamentos, estéticas e vivências que se transformarão com o tempo. Daqui a alguns anos, novos corpos, vozes e expressões surgirão, renovando o cenário. Ainda assim, a *Yag City* permanecerá como um documento e uma lembrança de como — e por quem — essa cena foi formada no passado.

Assim, a contribuição que a websérie deixa para a comunidade LGBTQIAPN+ de Aracaju é a demonstração da força que existe nesses espaços e o incentivo para aumentar cada vez mais a dimensão dessa Cena, levando a nossa cultura para os demais cantos da cidade, de maneira que ela também se torne mais acessível para as populações mais periféricas. Com essa expansão, será possível que pessoas que não fazem parte desse universo se familiarizem com a cultura Queer, o que pode ajudar a combater estereótipos e reduzir o preconceito e a LGBTfobia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AERAPHE, Guto. **Webséries: criação e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Ed. Ciência Moderna Ltda., 2013.

AGÊNCIA BRASIL. **Brasil é o país mais homotransfóbico do mundo, diz Grupo Gay da Bahia**. *Agência Brasil*, 25 jan. 2024. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-01/brasil-e-o-pais-mais-homotransfobico-do-mundo-diz-grupo-gay-da-bahia>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

ALBAGLI, Sarita. Território e Territorialidade. In: LAGES, Vinícius; BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo (orgs.). **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Rio de Janeiro: Relumes Dumará. Brasília, DF: SEBRAE, 2004. Disponível em: <[https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/E1C3CE6A43DBDB3203256FD6004907B7/\\$File/NT00031436.pdf](https://bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/E1C3CE6A43DBDB3203256FD6004907B7/$File/NT00031436.pdf)>. Acesso em: 3 out. 2023.

ALEXIA DUARTE. **SERTÃO DELAS #01 LARA ÍRIS**. *YouTube*, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yBDBbbbVnhs&list=PLqDU2GCl6RIiTMJDJU94ZJkdyXxLjuYm1>>. Acesso em: 26 jul. 2023.

ALMEIDA, D. R. G.; LUGLI, R. S. G. As cenas musicais como moldura analítica do lazer noturno: homossexualidades masculinas em perspectiva/The musical scenes as analytical framework of nighttime leisure: male homosexualities in perspective. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, [S. l.], v. 26, n. 4, p. 747–758, 2018. DOI: 10.4322/2526-8910.ctoAO1628. Disponível em: <<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2140>>. Acesso em: 15 out. 2023.

ASTRA LGBT. **Parada LGBT de Sergipe: Muito Mais que uma Festa**. *YouTube*, 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mxU4gh7uF8E&t=187s>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

AUARART FILMES. **SOBRE VIVÊNCIAS - DOCUMENTÁRIO LGBT**. *YouTube*, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3HpfRWEYVqM&t=219s>>. Acesso em: 13 jun. 2023.

BAGGIO, E. T. Direção e documentário: A constituição da Mise-En-Scene e a criação da cena. **Revista Livre de Cinema**, [S. l.], v. 7, p. 80-104, 2020. Disponível em: <<http://relici.org.br/index.php/relici/article/view/320>>. Acesso em: 5 out. 2023.

BARROS, Denner Dias. LEER Y ESCRIBIR EL MUNDO CON MATEMÁTICAS: REFLEXIONANDO SOBRE LOS ESTEREOTIPOS Y LA VISIBILIDAD DE LA COMUNIDAD LGBT +. **PARADIGMA**, Maracay, p. 583–601, 2020. Disponível em: <<https://revistaparadigma.com.br/index.php/paradigma/article/view/971>>. Acesso em: 25 set. 2024.

BENDITA GENI - JORNALISMO LGBTQIA+. **LGBTfobia na escola: documentário Depois da Tempestade.** *YouTube*, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g_RAbnK61N8&t=42s>. Acesso em: 13 jul. 2023.

CARVALHO, C. O.; MACEDO, JÚNIOR, G. S. ‘Isto é um lugar de respeito!’: a construção heteronormativa da cidade-armário através da invisibilidade e violência no cotidiano urbano / ‘This is a respectful place!’: the heteronormative construction of the closet-city throughout the invisibility... **Revista de Direito da Cidade**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 103–116, 2017. DOI: 10.12957/rdc.2017.26356. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/rdc/article/view/26356>>. Acesso em: 5 set. 2023.

CHARLI XCX. **Charli xcx - 365 (official lyric video).** *YouTube*, 2024. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OI9CCM240Ag>>. Acesso em: 14 jul. 2024.

COLABORA - JORNALISMO SUSTENTÁVEL. **MARTINHA | LGBT+60: Corpos que Resistem #Ep2.** *YouTube*, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zM9ATZUsOZg>>. Acesso em: 16 jul. 2023.

COLETIVOLUMIKA. **DOCUMENTÁRIO - LEVE-ME PRA SAIR (TAKE ME OUT).** *YouTube*, 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7U3xUZdU3Us>>. Acesso em: 13 jun. 2023.

COSTA, M. A.; THADEU, M.; FAVARÃO, C. B. (Orgs). **A nova agenda urbana e o Brasil.** Brasília: IPEA, 2018. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livros/180529_a_nova_agenda_urbana_e_o_brasil.pdf#page=29>. Acesso em: 15 jul. 2024.

COSTA, V. T.; COSTA, A. C.; AMORIM, C. T. A televisão e a polinarrativa do jornalismo audiovisual. In: SOSTER, D. A.; PICCIN, F. Q. (Orgs.). **Narrativas midiáticas contemporâneas.** Santa Cruz do Sul: Catarse, 2017. p. 264-277.

CULTSP PLAY. **SÃO PAULO EM HI-FI | Panorama #CulturaSP.** *YouTube*, 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0yW0UD_UyUU&t=5910s>. Acesso em: 23 jan. 2024.

D'ABREU, Patrícia Cardoso; LIMA, Thauane Martins. **A estética e a linguagem do corpo do repórter na veiculação das notícias no telejornalismo.** *Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Virtual, 1º a 10 dez. 2020. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0657-1.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2025.

DEPOIS DO FERVO. **Depois do Fervo - Documentário LGBT.** *YouTube*, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s6YT4oPFEvs&t=263s>>. Acesso em: 23 jul. 2023.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In. DUARTE, Jorge (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2005. p.62-83.

FALCO, Alessandra de; CHAVES, Ícaro. Webreportagem se joga.: As produções de festas para o público LGBTQIA+. **Movendo Ideias**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 13-20, 2020. Disponível

em: <<http://revistas.unama.br/index.php/Movendo-Ideias/article/view/2024/1377>>. Acesso em: 6 set. 2023.

FORÇA NA PERUCA. **FORÇA NA PERUCA. FORÇA NA PERUCA - DOCUMENTÁRIO DRAG QUEEN.** *YouTube*, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tHsU3ewbnsW>>. Acesso em: 16 jul. 2023.

GRUPO DIGNIDADE. **2023: de mortes violentas LGBT no Brasil.** *Grupo Dignidade*, 19 jan. 2024. Disponível em: <<https://cedoc.grupodignidade.org.br/2024/01/19/2023-de-mortes-violentas-lgbt-no-brasil-ggb/>>. Acesso em: 20 jul. 2024.

HARVEY, D. O direito à cidade. **Lutas Sociais**, [S. l.], n. 29, p. 73–89, 2012. DOI: 10.23925/ls.v0i29.18497. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18497>>. Acesso em: 20 abr. 2025.

HERGESEL, J. P. 15 Anos de Pesquisa sobre Websérie: Levantamento Bibliográfico. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 21., Salto, 2015. **Anais [...]**. Salto: CEUNSP. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2016/resumos/R53-0225-1.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2020.

LADY GAGA. **Lady Gaga - Stupid Love (Official Music Video).** *YouTube*, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5L6xyaeiV58>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

LANA DEL REY. **Lana Del Rey - Candy Necklace (Official Video) ft. Jon Batiste.** *YouTube*, 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=C2e0H6MUWyU>>. Acesso em: 15 jun. 2024.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

LEITE, M.; ZANETTI, V. ; TONIOLO, M. A. . Territorialidades LGBTs: Um estudo da República e do Baixo Augusta no centro da cidade de São Paulo. **Sociedade e Território**, [S. l.], v. 32, n. 1, p. 96–114, 2020. DOI: 10.21680/2177-8396.2020v32n1ID19925. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/sociedadeeterritorio/article/view/19925>. Acesso em: 8 set. 2023.

LOCADORA FOTOGRAFICA. **Aluguel de lentes, câmeras, iluminação e equipamentos em geral para fotos e filmagens em Recife, entregamos para toda Região Metropolitana.** Disponível em: <<https://www.locadorafotografica.com/>>. Acesso em: 18 mar. 2025.

LLOUD OFFICIAL. **LISA - NEW WOMAN feat. Rosalía (Official Music Video).** *YouTube*, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UxXY_hR_wzo>. Acesso em: 2 set. 2024.

LONGHI, R.R.. O audiovisual como gênero expressivo e sua reconfiguração no jornalismo online. **Estudos em Comunicação**, n.16, p. 69-88, jun. 2014. Disponível em: <<https://www.ec.ubi.pt/ec/16/pdf/EC16-2014Jun-04.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

LUKEVI. **EU SOU, UM DOCUMENTÁRIO LGBT.** *YouTube*, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1jVJX4nAgaY>. Acesso em: 13 jun. 2023.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11–30, jun. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/KKxt4zRfvVWbkbgsfQD7ytJ/?lang=pt>>. Acesso em: 19 abr. 2025.

MARTINS, Helder. Nova tabela 23/24 para pisos salariais de longa, média, curta metragem e documentários. **FilmMakers**. Disponível em: <<https://filmmakers.pro.br/nova-tabela-23-24-para-pisos-salariais-de-longa-media-curta-metragem-e-documentarios/>>. Acesso em: 18 mar. 2025.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível.** São Paulo: Ática, 1986.

MEDINA, Cremilda et al. **Cremilda Medina: pedagogia dos afetos na universidade.** RICI : Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação, v. 13, n. 2, p. 583-591, 2020. Disponível em: <<https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002998362.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2025.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza.** 1. ed. Porto Alegre: Arquipélago, 2022. 368 p.

MORAES, Fabiana. **Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral.** *Extraprensa*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204 – 219, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153247/155192>>. Acesso em: 22 mar. 2025.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** Campinas, SP: Papirus, 2005.

NICKI MINAJ. **Nicki Minaj - Fallin 4 U (Official Audio).** *YouTube*, 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-zoFAIROGxE>>. Acesso em: 12 maio. 2024.

NOGUEIRA, C. R. C.; GONÇALVES, R. G. Outra cidade possível:: Experimentações LGBT+ no carnaval de rua. **Indisciplinar**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 310–337, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/38149>>. Acesso em: 10 set. 2023.

OLIVIA RODRIGO. **Olivia Rodrigo - brutal (Official Video).** *YouTube*, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OGUy2UmRxJ0>>. Acesso em: 3 ago. 2024.

OLIVIA RODRIGO. **Olivia Rodrigo - traitor (Official Video).** *YouTube*, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CRrf3h9vhp8>>. Acesso em: 14 jul. 2024.

OLIVIA RODRIGO. **Olivia Rodrigo - vampire (Official Video)**. *YouTube*, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RIPNh_PBZb4>. Acesso em: 14 jul. 2024.

PEIXOTO, Filipe; PORCELLO, Fábio. **Quando o repórter aparece na TV: o corpo e a voz da notícia no telejornalismo**. *Estudos em Comunicação*, nº 22, p. 123-164, 2016. Disponível em: <<file:///C:/Users/enosg/Downloads/ec-22-07.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2025.

PERUZZO, C. M. K. Observação participante e pesquisa-ação In: DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2.ed. - 5. reimpr. - São Paulo: Atlas, 2011.

QUEERBRADA. **QUEERBRADA EPISÓDIO 01 - OLHA AÍ O MEU GURI (NOLA CRIOLA)**. *YouTube*, 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bnJxu0onrBQ>>. Acesso em: 14 jul. 2023.

RED BULL. **Inspire the Night | Batekoo**. *Red Bull*, 2025. Disponível em: <<https://www.redbull.com/br-pt/videos/Inspire-the-Night-Batekoo>>. Acesso em: 14 jan. 2024.

ROVIDA, Mara. **Apuração in loco: o impacto do trabalho de campo no fazer jornalístico**. *Triade: Comunicação, Cultura e Mídia*, Sorocaba, SP, v. 4, n. 8, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/2745>>. Acesso em: 18 mar. 2025.

SÁ, Simone. Will Straw: Cenas musicais, sensibilidades, afetos e a cidade. In: JANOTTI JÚNIOR, Jeder; GOMES, Itania Maria M. (org.). **Comunicação e estudos culturais**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 147-161. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/5536/1/Comunicacao%20e%20estudos%20culturais-repositorio2.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2023.

SILVA, A. L. da; SANTOS, S. M. de M. dos. “O sol não nasce para todos”:: uma análise do direito à cidade para os segmentos LGBT. **SER Social**, [S. l.], v. 17, n. 37, p. 498–516, 2016. DOI: 10.26512/ser_social.v17i37.14259. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/SER_Social/article/view/14259>. Acesso em: 4 set. 2023.

SOUZA, J. J. Websérie documental: um conceito em discussão. **Triade: Comunicação, Cultura e Mídia, Sorocaba**, SP, v. 10, n. 23, p. e022008, 2022. DOI: 10.22484/2318-5694.2022v10id4899. Disponível em: <<https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/4899>>. Acesso em: 5 jul. 2023.

SOUZA, J. J. G.; CAJAZEIRA, P. E. S. L. Mas afinal, o que é uma websérie documental? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1215-1.pdf>>. Acesso em: 3 ago. 2023.

STRAW, Will. Cenas culturais e as consequências imprevistas das políticas públicas. In: JANOTTI JUNIOR, Jeder; SÁ, Simone (orgs.). **Cenas Musicais**. Guararema. SP: Anadarco, 2013. p. 9-23. Disponível em: <https://www.academia.edu/28652353/Cenas_Musicais>. Acesso em: 16 out. 2023.

STRAW, Will. Scenes and Sensibilities. **E-Compós**, [S. l.], v. 6, 2006. DOI: 10.30962/ec.83. Disponível em: <<https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/83>>. Acesso em: 17 out. 2023.

STUMPF, I. R. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010. p. 51-61.

TERRA SEM PECADO. **Documentário Terra Sem Pecado**. *YouTube*, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BUUqAd-Gq8w>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

THALES RENAN. **Paris Is Burning 1990 - PT BR LEGENDADO**. *YouTube*, 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yVtpfv0IbJAhttps://www.youtube.com/watch?v=GSZLf cMmVv4>>. Acesso em: 22 jan. 2024.

TIDE MÍDIA. **Batalha de Sangue - Vai matar ou vai morrer? | O Documentário**. *YouTube*, 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oe3ZcXUkBr&t=446s>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

TODO MUNDO VAI SABER. **TODO MUNDO VAI SABER - O DOCUMENTÁRIO**. *YouTube*, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yBDBbbbVnhs&list=PLqDU2GCl6RIitMYDJU94ZJk dyXxLjuYm1https://www.youtube.com/watch?v=KsneAFUObfA&t=1s>>. Acesso em: 26 jul. 2023.

TX NOW. **PIXO**. *YouTube*, 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=skGyFowTzew&t=202s>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

UOL PRIME. **#TBTMOV | O FLUXO DO FLUXO: COMO OS BAILES FUNKS TRANSFORMAM A VIDA DE UMA FAVELA**. *YouTube*, 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tH1Zpf0HMww>>. Acesso em: 29 jul. 2024.

URBAN FEED. **Madrugada Desperada #3: O Penúltimo Nunca Deixa o Último - Coletivo Rolê**. *YouTube*, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yVtpfv0IbJA>>. Acesso em: 22 ago. 2023.

VICE BRASIL. **A Primeira Parada LGBT no Baile da Gaiola Foi Um Sonho**. *YouTube*, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=c9Vgmuw-qnE>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

VICE BRASIL. **O Helipa LGBT é o maior fluxo queer das periferias brasileiras**. *YouTube*, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TtGFdbJov9M>>. Acesso em: 13 jul. 2023.

APÊNDICES

1. Roteiros de produção dos episódios

1.1 ROTEIRO DE PRODUÇÃO - 22ª PARADA LGBTQIAPN+

Tipos de plano: Plano geral, plano de conjunto, plano médio, plano detalhe.

Informações preliminares:

A 22ª Parada LGBTQIAPN+ de Aracaju será realizada no dia 27 de agosto, na Orla de Atalaia. Com o tema “Movimento por melhores políticas públicas”, além da festividade, o evento trará o debate sobre a importância da criação de políticas públicas em prol da população LGBTQIA+. A realização do evento conta com o apoio de diversas entidades que atuam na causa dos direitos das pessoas Queer como a CasAmor, o coletivo Mães pela diversidade, o Levante Popular da Juventude e entre outras.

Ao longo do mês de agosto, diversos eventos foram organizados em parcerias com casas de shows para levantar fundos para a realização da Parada, sendo alguns deles gratuitos. Assim, a programação contou com a realização de festas, oficinas, palestras e bate papos, sempre voltados para o público LGBTQ+. A aglomeração iniciará por volta das 13h na passarela do caranguejo, e dentre as atrações confirmadas está a cantora Wanessa Camargo.

Imagens de cobertura:

É interessante captar imagens de gerais do evento (plano geral), em que seja possível mostrar a quantidade de pessoas que estão no local. Podemos fazer isso subindo em cima dos trilhos. Os planos conjuntos devem captar cenas de momentos entre amigos e a troca de interações entre as pessoas no evento. Esse tipo de plano também deve ser utilizado para mostrar as coisas que acontecem ali (shows e pessoas se divertindo).

Os planos médios irão mostrar de forma mais precisa alguns desses personagens que foram ao evento. Eles também devem ser utilizados na gravação das entrevistas e captar (de maneira individual) a interação das pessoas com a câmera. Já os planos detalhes devem enquadrar objetos, expressões, características e elementos que compõem a visualidade do evento.

As filmagens visam aproveitar o percurso da parada, sua programação e os seus personagens. Entrevistas com os organizadores do evento, bem como com a musa da Parada, devem ser realizadas e registradas. O público também aparecerá no filme, tanto como entrevistados quanto como personagens que fazem parte daquele evento. Além disso, se possível, tentar captar os elementos que tornam a parada de Aracaju diferente das outras do país (se eles existirem). Devemos nos atentar para captar a maior diversidade de pessoas possível.

Informações sobre o personagem:

Samarah Tornado foi a escolhida para ser a Drag da Parada deste ano e está participando de todas as movimentações pré-parada desde sua coroação. Ela já faz Drag há 15 anos e sempre marca presença no evento, exceto na época em que morou em São Paulo.

Roteiro de entrevistas:

Coordenadora da Parada - @tathiaraujo.aju

- Para que serve a parada?
- Como se deu o processo de criação da Parada em Aracaju?
- Como foram as primeiras edições?
- O que mudou de lá até aqui?
- Qual era o cenário do movimento LGBTQIA+ aqui em Sergipe naquela época?
- Alguma vez vocês já tiveram problemas pra realizar o evento?
- Quais são as principais dificuldades pra a realização de um evento como esse?
- O que ela representa em termos políticos e econômicos? Você acha que com a presença do Pink money a parada pode ter perdido a sua essência?
- Como se deu a escolha do tema desse ano?
- Como é feita a escolha da Drag e da Musa?

Samarah Tornado - 79 9 9644-1116

- Como surgiu a Samarah Tornado?
- O que a data de hoje significa para você?

- Qual foi a sua reação ao descobrir que foi a escolhida para receber a coroa?
- Quais são os lugares em que você costuma se apresentar?
- Qual é o papel da Drag Queen no dia da parada?

Paolla Bomfim - @paolla.bomfim

- O que a data de hoje significa para você?
- Qual foi a sua reação ao descobrir que foi a escolhida para receber a coroa?
- Qual é o papel da Musa no dia da parada?

Civis

- Por que você está aqui hoje?
- O que está achando do evento?
- O que achou do tema escolhido?
- O que a parada significa para você?
- Quais são os lugares que você frequenta no restante do ano que também são frequentados por pessoas LGBTQIAPN+?
- Você acha que há uma lacuna desse tipo de espaço aqui na cidade?

Equipamentos:

- Duas câmeras;
- Lentes grande angular e teleobjetiva (talvez);
- Microfones (lapela, dinâmicos, shotgun);
- Tripés;
- Rebatedor/difusor;
- Iluminação (leds)
- Bateria/ carregador;
- 2 Cartões de memória reserva;

1.2 ROTEIRO DE PRODUÇÃO - O QUE ACONTECE NO VEGAS, FICA NO VEGAS

Tipos de plano: Plano geral, plano de conjunto, plano médio, plano detalhe.

Informações preliminares:

O Las Vegas Karaokê é uma boate que está localizada na zona sul da capital Sergipana, no bairro da Atalaia. O estabelecimento foi criado em setembro de 2017 e desde então, é conhecido por ter o público LGBT como principal frequentador. O Vegas, como é chamado, funciona regularmente às sextas, sábados, feriados e véspera de feriados, sempre das 22h às 4h45 da manhã.

As festas revezam entre aquelas promovidas pela própria organização da boate e as que são realizadas por outras produtoras. Essa característica torna o ambiente um local extremamente versátil em relação ao público, atrações e playlists. Dessa forma, haverá eventos em que acontecerá performance de Drag Queens, concurso de looks e performances de Vogue, assim como também existem aqueles em que o karaokê fica disponível e que podem ser feitas playlists colaborativas.

Cada festa possui uma energia diferente e isso afeta no comportamento das pessoas. Nas festas pop, por exemplo, as pessoas costumam entregar looks bem elaborados, já nas festas de funk, o capricho é nas coreografias e dancinhas do Tik Tok, por exemplo.

Em termos de estrutura, o local possui quatro áreas: a entrada, em que as pessoas normalmente se juntam para conversar e fumar (a iluminação é boa em comparação com os demais locais, também é o mais “silencioso”); a área interna, que é a pista principal (extremamente escura e na maior parte das vezes extremamente cheia, música alta); a área lateral (iluminação agradável, mas quase insuficiente uma luz vermelha muito forte, o som é baixo em comparação com as outras pistas) e a área externa (boa iluminação, mas som muito alto).

Imagens de cobertura:

As imagens a serem feitas irão procurar suprir três demandas: o comportamento das pessoas, o espaço físico da boate e as atrações que compõem a festa. Assim, seriam captados planos detalhes e planos gerais.

As imagens irão mostrar as identidades das pessoas que posarem para a câmera. As interações entre os indivíduos também devem ser filmadas, mas só poderão ser usadas tendo a devida permissão dos envolvidos. Detalhes do ambiente e da vestimenta dos personagens, bem como as expressões faciais devem ter especial atenção, e as interações do repórter e dos membros da equipe com o local e com o público também devem ser captadas.

As imagens das entrevistas devem captar enquadramentos um pouco mais fechados, de forma a não tirar a atenção dos personagens que estão aparecendo (plano médio). Na

entrevista com a personagem deve ter mais atenção ao enquadramento do repórter e entrevistado, de forma com que os dois apareçam no vídeo em algum momento.

As imagens do percurso até o Vegas também devem ser feitas, de preferência utilizando o efeito de ghost (aquele efeito desfocado que borra a luz), recurso esse que pode ser explorado dentro da própria boate.

Para as imagens de apoio, cabe sempre explorar diferentes ângulos e maneiras de filmar, de forma a experimentar as possibilidades que a iluminação do lugar e os movimentos das pessoas podem trazer para o vídeo e sua estética final.

Observações: se atentar para pegar imagens dos mais diversos tipos de pessoas, em especial para as mulheres, bem como do deslocamento até o espaço.

Informações sobre o personagem:

Kleber Eduardo é natural de Aracaju/SE e é um rosto registrado em praticamente todas as festas da cidade. Ele é um dos produtores da Thique, uma das festas de Aracaju que é voltada para o público LGBT e atualmente, está iniciando na carreira de DJ.

Roteiro de entrevistas:

Entrevistado principal:

BLOCO UM: VIVÊNCIA ENQUANTO PESSOA QUEER

- Pedir pra se apresentar;
- Como foi o processo de se descobrir enquanto uma pessoa lgbt?
- Quando foi que você de fato se aceitou?
- Como as pessoas que vivem no seu entorno te tratam? Já passou situações desconfortáveis com pessoas que moram aqui na sua rua ou no seu bairro?
- Como é ser lgbt em Aracaju?
- Você sempre teve contato com outras pessoas da comunidade em sua vida?
- Se sim, no começo, como você costumava agir com a presença delas?
- Se não, quando foi que isso aconteceu e começou a mudar?
- Você sentia falta dessa interação?

- Quando e como foi a sua primeira vez entre um grupinho de LGBTs? Quais eram os assuntos que vocês conversavam?
- Quais são os tipos de roles que você vai ter certeza que vai encontrar outras pessoas da comunidade aqui na cidade?
- Quais são suas experiências em roles lgbs em comparação a rolês não necessariamente voltados para lgbs? Como foram suas experiências com esses dois tipos de festas?
- Você costuma se preocupar em relação ao tipo de roupa que você vai usar ao ir nesses lugares? Ou você se sente confortável usando qualquer coisa?

BLOCO DOIS: RELAÇÃO COM O VEGAS

- Como foi sua primeira vez no Vegas?
- Como você se sentiu?
- Com quem você estava?
- Como costumam ser suas interações lá?
- Você acha que lá há uma troca de vivências entre as pessoas? Você acha que em uma festa onde o povo quer se divertir há esse sentimento de unidade e pertencimento?
- E pra você porque que dentre todas as outras baladas o Vegas é uma das preferidas pelos lgbs?
- Como você percebe as outras pessoas e como você acha que é percebido?
- O que você acha da atual Cena Queer da cidade?

BLOCO TRÊS: EXPERIÊNCIA COM PRODUÇÃO DE FESTAS

- E sobre sua vida como produtor de festas, de onde que veio essa ideia e como você começou?
- Por que uma festa para LGBTs? O que ela representa?
- Quantas você já produziu?
- Você já fez festas pra o público hétero? Qual a diferença?
- E sobre sua carreira como DJ? Como e porque começou? Você toca em qualquer festa? Ou para festas lgbs?
- Qual a diferença que você sente entre esses dois públicos?

Junior - Produtor da Hipnose Produções

- A sua produtora costuma organizar festas que são voltadas especialmente para o público LGBT? Com que frequência?
- Na sua opinião qual a importância de organizar festas que são voltadas para esse público?
- Você acha que esse é um “nicho” muito ou pouco explorado aqui na cidade? Por quê?
- Há quanto tempo vocês produzem festas que são voltadas pra esse público?
- Alguma vez já sentiram algum tipo de “censura”, boicote ou problemas desse tipo por parte de donos de casas de show? Alguma vez já se sentiram prejudicados por organizar festas voltadas para esse público?
- Caso não, já souberam de colegas que trabalham nessa área que tiveram?
- Tendo em vista que a vivência de pessoas lgbts nos locais públicos da cidade ainda é uma coisa restrita devido a lgbtfobia, e os locais privados serem uma das principais opções de lazer para a comunidade, na sua opinião, como é que a existência de boates e festas voltadas para esse público podem ajudar a mudar essa realidade?

Pessoas que estiverem na festa:

- O que veio fazer aqui hoje?
- De onde você é?
- Você acredita que consegue expressar toda a sua “viadagem” aqui? E nos espaços da cidade? Você fica à vontade pra se vestir e agir da mesma forma que aqui?
- Já viu muitos héteros aqui hoje?
- Como você enxerga a presença deles aqui? Se sente confortável? Acha legal?
- Como você acha que uma pessoa hétero se sente aqui?
- Como as pessoas interagem nesse espaço?
- Você acredita que esse lugar permite a interação e a construção de amizades entre as pessoas? Por que?
- Como é ser LGBT em seu bairro/cidade?
- Como você se sente durante o trajeto da sua casa até a festa?
- Como as pessoas reagem?
- Como você reage à reação das pessoas?
- Como você avalia as opções de lazer em Aracaju para a comunidade?

Equipamentos:

- Duas câmeras;
- Lentes 50mm e 18-55mm;
- Microfones (lapela, de preferência bluetooth);
- Gravador;
- 2 Tripés;
- 2 LEDs
- Bateria/carregador;
- 4 Cartões de memória;

1.3 ROTEIRO DE PRODUÇÃO - E POSE!

Tipos de plano: Plano geral, plano de conjunto, plano médio, plano detalhe.

Informações preliminares:

A cena ballroom é um movimento cultural que mistura arte, política e dança. Ele surgiu em meados de 1970 no Harlem, bairro de Nova York, nos Estados Unidos e foi construído por pessoas trans e *queer*, negras e latinas, que eram na sua maioria, expulsas de casa. Uma ballroom é uma competição amigável entre as "Houses", ou "Casas", que são esses grupos estabelecidos como "famílias escolhidas".

Nos *ballrooms*, as casas competem em diferentes categorias, que podem ser desde figurinos e atitude, até de habilidades performáticas como o *voguing* - estilo de dança que recebeu uma música feita pela Madonna em 1990. É nessas competições que os jurados avaliam os participantes com notas que vão até "10".

Hoje, a cena é bastante conhecida mundialmente, principalmente após a popularização de programas de TV como "POSE", "Paris is burning" e "Legendary", e existem eventos pelo mundo todo, inclusive no Brasil. Em Aracaju, a cena surgiu há cerca de dois anos, após movimentações feitas pela performer, modelo e produtora sergipana Afrofutur1st, que retornou de Nova York, onde cursou inglês e artes e fundou a casa DiBarro, a primeira do estado.

Em Sergipe, já existem três casas: a DiBarro, Mangue e Rattura. As competições ainda estão se estruturando e por ser algo novo, que envolve uma série de custos, ainda não

existe uma certa frequência de realização das competições devido a todas as etapas de produção. Desde o início do ano, já foram realizadas três, sendo duas delas, sediadas no Doca.

Apesar da ausência de uma periodicidade bem definida, sempre existem outras iniciativas dos membros do grupo “Ballroom Sergipe” na organização de outros tipos de evento para a comunidade lgbt, além de pequenas oficinas e ensaios de vogue em diversos pontos da cidade, inclusive na ufs.

A primeira ball aconteceu em março de 2022, como desfecho do Projeto intitulado Recicla Ball, uma iniciativa de Afrofutur1st que ganhou o incentivo financeiro da Lei Aldir Blanc. Durante o projeto, que durou três dias, o público pôde assistir a oficinas, palestras, documentários e aulas sobre ballroom. De lá pra cá, já aconteceram cerca de nove balls e nesta sexta-feira, acontecerá mais uma que está sendo organizada pela casa de Ratturas em parceria com a Associação e Movimento Sergipano de Transexuais e Travestis (AMOSERTRANS), um evento pensado para fazer parte da XI Semana da Visibilidade Trans.

Imagens de cobertura:

A proposta do episódio segue a mesma dos anteriores, vamos acompanhar o processo de produção da personagem. Mas dessa vez a dinâmica vai ser um pouco diferente, porque creio que não poderemos acompanhá-la até a festa. Isso porque Timmy vai começar a se arrumar a partir das 16h e quem vai ajudá-la na maquiagem é um amigo dela. Ela disse que de sua casa, pretende ir para a casa da amiga que mora ao lado do Doca e lá, pretende ficar até a hora que começar a categoria em que irá concorrer (a de best look), para causar uma surpresa e não “gastar” a roupa com a qual irá competir. Creio então que iremos até a casa dela, fazemos a entrevista e depois talvez só filmamos a chegada dela ao Doca.

O material a ser feito deve conter imagens de apoio e entrevistas. A preparação do personagem, o trajeto da casa dela até o local, as interações e expressões, e de novo, captar imagens de detalhes das roupas, dos acessórios, da maquiagem (muito importante), do ambiente (decoreação), do público, dos jurados, das casas e etc. Lembrar sempre das expressões e da interação entre membros da equipe e repórter com o público.

Informações sobre o personagem:

Eider Ferreira, ou Timmy Tchanga, é a “princess DiBarro”, ou seja, atualmente ela é a responsável pela casa, já que sua mother (Afrofutur1st) não está mais em Sergipe. Ela

sempre participa de todas as movimentações de balls que acontecem aqui em Aracaju e foi a produtora da última que aconteceu (a do doca). Além disso, é a representante da primeira e maior casa que existe no estado.

Roteiro de entrevistas:

Entrevistado principal:

BLOCO UM: EXPERIÊNCIA PESSOAL NA BALL

- Breve apresentação;
- Como começou seu envolvimento com o mundo das balls?
- Como é uma ballroom aqui em Aracaju?
- O que torna uma ballroom em Aracaju, uma ballroom de Aracaju?
- Como costumam ser os eventos que vocês organizam?
- E qual o sentimento de participar e competir em uma ball?
- Qual a categoria que você costuma disputar? Porque essa?
- Como é sua vida agora em comparação a quando não existiam balls em Aracaju? O que mudou?
- Você acha que existe uma cena queer em Aracaju?
- Como as pessoas que vão para uma ball costumam enxergar umas às outras?
- Há uma troca entre os presentes? As relações são levadas para fora dali?

BLOCO DOIS: A BALLROOM EM ARACAJU, SERGIPE

- Pedir pra explicar como funciona a formação das casas.
- Como é a constituição das casas aqui em Aracaju?
- O movimento ballroom surgiu lá nos Estados Unidos a partir dos jovens lgbs que eram expulsos de casa. Aqui em Aracaju, na formação das casas atualmente esse fator é uma realidade?
- Quantas casas existem aqui em Aracaju atualmente? Quais?
- A sua casa e todo o movimento “ballroom Sergipe” realizam alguns eventos que buscam levar os lgbs para ocupar espaços da cidade, para fazer rodas de conversa e

trazer uma imersão para essas pessoas no mundo queer. Nesses eventos as pessoas da comunidade costumam chegar junto?

- Como as pessoas que estão passando por esses espaços durante a realização desses eventos costumam reagir?
- As balls surgiram lá nos Estados Unidos, um lugar que possui uma cultura bem diferente da nossa daqui do nordeste. Qual o diferencial de uma ball sergipana? Como vocês conseguem trazer algo de Sergipe para isso?
- Quantas balls já aconteceram até o momento? Todas as casas já produziram alguma?
- Como o movimento ballroom pode contribuir para a ampliação e o estabelecimento de uma Cena Queer aqui em Aracaju?

BLOCO TRÊS: EXPERIÊNCIA NA PRODUÇÃO DE BALLS

- Quanto tempo vocês levam para produzir uma ball?
- O que é preciso pra fazer uma ball?
- Todas as balls possuem temas? Todos eles costumam ser temas políticos?
- Quais categorias sempre estão presentes? Existe algum número máximo ou mínimo? Existe alguma categoria que busque trazer uma valorização e representatividade da cultura sergipana?
- Vocês fazem balls tanto em espaços públicos quanto em espaços privados, certo?
- Há lugares fixos que vocês costumam realizar? Ou em cada edição é em um lugar diferente?
- Isso é estratégico? O que vocês pretendem com essas mudanças de local?
- Quais diferenças você percebe de um lugar para outro?
- O que você costuma perceber quando uma ball é realizada em espaço público? E em espaço privado?
- Existem dificuldades para realizar balls em espaços públicos? E em privados? Quais?
- Há uma vontade de tornar esses eventos cada vez mais frequentes?

PRA FECHAR:

- Uma ball é um espaço perfeito pra quê?
- Qual palavra você utilizaria para definir uma ball?

Perguntas para os filhos das casas:

- Como é fazer parte de uma casa?
- Como você acha que isso pode te ajudar na sua construção enquanto uma pessoa lgbt?
- Vocês costumam se encontrar com frequência? Como funciona a convivência entre vocês? Quais os objetivos desses encontros?
- Como você entrou no mundo das balls?
- Como você se sente participando de uma?
- Por que isso é importante pra você?

Pessoa que estiver competindo:

- Como você se sente vivendo isso aqui?
- Por que você compete?
- De quais categorias você participa?
- Por que essas?
- Participar dessas competições te ajudam de alguma forma em outras áreas da sua vida? Se sim, como e em quê?
- Espera ganhar em alguma categoria hoje?

Produtores da festa:

- Qual a importância de eventos como esse na nossa cidade?
- Qual é o impacto de realizar uma ball na semana da visibilidade trans?
- Vocês costumam ter dificuldade para realizar balls? Quais?
- O que vocês acham das opções de lazer para a comunidade aqui na cidade?
- Como uma ball pode melhorar isso?
- E como vocês acreditam que uma ball pode ajudar a mudar a realidade que nós, pessoas Queer, vivemos? Em que nossos espaços na cidade são reduzidos?

Pessoa que está lá pela primeira vez:

- Como você veio para aqui hoje?
- O que está achando da ball?

- Como você se sente?
- Ficou com vontade de participar de algo?

Equipamentos:

- Duas câmeras;
- Lentes 50mm e 18-55mm;
- Microfones (boom e de lapela, de preferência bluetooth);
- gravador;
- 2 Tripés;
- 2 leds
- Bateria/ carregador;
- Cartões de memória reserva;
- Difusor

2. Roteiros de edição

2.1 “LÁ NA PARADA”

EPISÓDIO	Lá na Parada	
REPÓRTER	MATEUS FERREIRA	IMAGENS
PRODUTOR	MATEUS FERREIRA	MATEUS, VIVIAN, THAISY E WILLIAM

IMAGENS DE APOIO 50' #COMPILAÇÃO DE IMAGENS DA ORLA/ DAS EXPRESSÕES DAS PESSOAS/ DAS DANÇAS/ DAS ROUPAS/MAQUIAGENS/ E ETC OBS: CADA TAKE DEVE TER NO MÁXIMO 3'/ EM ALGUMAS IMAGENS USAR TRANSIÇÕES/ SOBREPOSIÇÕES E EFEITOS DE SLOW MOTION// TAMBÉM FAZER MONTAGENS// VER A INTRO DO DOC BATEKOO	SOBRE BG: VULCÃO - OSMAR NOYÁ 0'00" ~ 1'50"
	0'5' BAIXA VOLUME DA BG OFF: UMA VEZ NO ANO O PRINCIPAL CARTÃO-POSTAL DA CIDADE DE ARACAJU É TOMADO PELAS CORES QUE FORMAM A BANDEIRA DO MOVIMENTO LGBTQIA+//

<p>OBS 2: AS IMAGENS DEVEM ESTAR SINCRONIZADAS COM A BATIDA/RITMO DA MÚSICA</p>	<p>NESSE DIA/ PESSOAS QUEER DE TODOS OS CANTOS DE SERGIPE E ATÉ MESMO DE FORA COLAM NA ORLA DE ATALAIA/ E JUNTOS/ BUSCAM O SEU LUGAR NO MUNDO DE UM JEITO QUE SÓ OS LGBTs SABEM FAZER/ COM MUITA ALEGRIA//</p> <p>A MAQUIAGEM/ O GLITTER/ OS SORRISOS E A TROCA DE AFETOS FORMAM UMA CENA QUE GRITA LIBERDADE// UM EVENTO EM QUE POR UM DIA/ VEMOS A CIDADE DO JEITINHO QUE ELA DEVE SER: UM LUGAR DIVERSO E SEGURO E PRA TODOS//</p> <p>OBS: O TEMPO DE PAUSA DE CADA OFF É DE 4'// AUMENTAR BG QUANDO O OFF ACABAR E ABAIXAR QUANDO O OUTRO BAIXAR//</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#MATEUS FERREIRA</p> <p>IMAGEM DE APOIO</p> <p>#ENTRANDO NA CASA DA DRAG mvi-1252 - 0'08" ~ 0'22"</p>	<p>PASSAGEM: mvi-2659</p> <p>ENTRADA: A FESTA...</p> <p>SAÍDA: ...DESTE ANO</p> <p>OBS: AUMENTA A BG QUANDO TERMINAR DE FALAR</p>
<p>IMAGEM</p> <p>##COLOCANDO O MICROFONE mvi-2670 - 0'00" ~ 0'06"</p> <p>#SAMARAH RESPONDE MVI-1253 - 3'12" ~ 3'34"</p>	<p>SONORA - SAMARAH MVI-1253</p> <p>ENTRADA: ISSO...</p> <p>SAÍDA: ...DRAG DA PARADA</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#SAMARAH RESPONDE MVI-1253 - 4'10" ~ 4'39"</p>	<p>SONORA - SAMARAH MVI-1253</p> <p>ENTRADA: A PARADA...</p> <p>SAÍDA: ...PRA SE PREPARAR</p>

<p>IMAGENS DE APOIO</p> <p># IMAGENS DOS OBJETOS E DA ROUPA DA DRAG// mvi-2663/ mvi-2649/ mvi-2669/ mvi-2679/</p>	<p>AUMENTA BG</p>
<p>IMAGENS DE APOIO</p> <p># SAMARAH mvi-2716 - 0'17" ~0'18"</p>	<p>ABAIXA BG QUANDO ELA FALA</p> <p>SONORA</p> <p>ENTRADA: É UM SOFRIMENTO...</p> <p>SAÍDA: ...NESSE DIA</p>
<p>IMAGENS DE APOIO</p> <p># SAMARAH mvi-2715</p>	<p>AUMENTA BG</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#SAMARAH RESPONDE MVI-1254 - 0'03" ~ 0'20"</p>	<p>ABAIXA BG</p> <p>SONORA - SAMARAH MVI-1254</p> <p>ENTRADA: A GENTE PENSA...</p> <p>SAÍDA: ...NA SOCIEDADE</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#SAMARAH RESPONDE MVI-1254 - 0'32" ~1'04"</p>	<p>ABAIXA BG</p> <p>SONORA - SAMARAH MVI-1254</p> <p>ENTRADA: PRA VOCÊ VER...</p> <p>SAÍDA: ... SABE?</p>
<p>IMAGENS DE APOIO</p> <p># COMPILADO DE IMAGENS SAMARAH SE ARRUMANDO mvi-2717/ mvi-2754/ mvi-2761</p>	<p>AUMENTA BG</p> <p>SONORA - MATEUS MVI-2672</p> <p>ENTRADA: E O QUE...</p> <p>SAÍDA: ...NA PARADA</p> <p>DEIXA A VOZ DE FUNDO</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#SAMARAH RESPONDE MVI-1253 - 7'23" ~ 7'49"</p> <p>#INSERIR COMPILADO DELA TERMINANDO DE SE ARRUMAR mvi-2761/ mvi-2767/ mvi-2778/ mvi-2780/ mvi-2786/ mvi-2799//</p>	<p>SONORA - SAMARAH MVI-1253</p> <p>ENTRADA: NA PARADA...</p> <p>SAÍDA: ...CADA VEZ MAIS</p>

OBS: USAR EFEITO DE TRANSIÇÃO AQUI	
	TROCA BG: CRIA DE PAREDÃO - IGGO 0'00 ~ 2'38"
IMAGEM 10' #ILUSTRAÇÃO DO MAPA - PERCURSO DA CASA DA SAMARAH ATÉ A ORLA	OFF: SAMARAH MORA NO BAIRRO SANTA MARIA, QUE FICA HÁ UNS 7 KM DA ORLA/ ONDE TUDO ACONTECE//
IMAGEM #MATEUS FERREIRA IMG_0369 - 0'00 ~ 0'09"	SONORA MATEUS - ENTRADA: ESTAMOS AQUI AGORA... SAÍDA: ...E INDO PRA PARADA
IMAGENS DE APOIO #COMPILADO DE IMAGENS DO PERCURSO ATÉ A ORLA// IMAGENS DO PESSOAL NA PARADA NA FESTA//	AUMENTA A BG
IMAGEM #MATEUS FERREIRA MVI-2658	PASSAGEM: MATEUS MVI-2658 ENTRADA: A PARADA LGBT... SAÍDA: ...EDIÇÃO
IMAGENS DE APOIO #IMAGENS DO EVENTO/ DO GRUPO BATALA E DO PALCO SOBREVIVER	SOBE BG POR 8S O EVENTO FAZ PARTE DO CALENDÁRIO CULTURAL DA CIDADE E É ORGANIZADO PELA ASSOCIAÇÃO DE TRAVESTIS E TRANSGÊNEROS DE ARACAJU/ EM PARCERIA COM OUTRAS INSTITUIÇÕES QUE TAMBÉM LUTAM PELOS DIREITOS DA COMUNIDADE QUEER DO ESTADO// AO CHEGAR NA ORLA/ TEMOS ACESSO A UMA PROGRAMAÇÃO DIVERSA/ QUE VAI DESDE CAMPANHAS DE CONSCIENTIZAÇÃO

	<p>ATÉ A APRESENTAÇÃO DE ARTISTAS LOCAIS//</p> <p>MAS A PARADA É MUITO MAIS COISA QUE ISSO// E PARA MANTER A TRADIÇÃO QUE COMEÇOU LÁ EM JUNHO DE 1969/ NA REVOLTA DE STONEWALL/ TODOS OS ANOS É ESCOLHIDO UM TEMA BASEADO NAS NECESSIDADES DA POPULAÇÃO LGBT/ PARA REPRESENTAR O EVENTO// E EM 2023/ O ESCOLHIDO FOI “MOVIMENTO POR MELHORES POLÍTICAS PÚBLICAS//</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#INSERIR IMAGEM DA COORDENADORA DA ASTRA</p>	<p>SONORA - TATIANE</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#SAMARAH RESPONDE MVI-1253 - 4'48” ~ 5'22”</p>	<p>SONORA - SAMARAH MVI-1253</p> <p>ENTRADA: A PARADA...</p> <p>SAÍDA: ...APARECER PRA SOCIEDADE</p>
<p>IMAGEM</p> <p>EFEITO DE TELA PISCANDO</p>	<p>SILENCIO + FADE IN</p> <p>BG: RODA - MARVI, MORGANA</p> <p>0'42” ~</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#INSERÇÃO DE UM PEQUENO FOTOFILME DE ATÉ 40”S COM FOTOS DAS PESSOAS NA PARADA</p> <p>#INSERÇÃO DO RESTANTE DAS IMAGENS/ AQUI DUAS DEVEM ESTAR// MVI-2876/ MVI-2801/ MVI-2901/ MVI-2902// AS OUTRAS FICAM A CRITÉRIO</p>	<p>SOBRE BG POR 10S</p> <p>OFF:</p> <p>A VIDA É MUITO CURTA PARA TRISTEZA// QUANDO DE MANHÃ CEDO/ SAÍMOS DE CASA/ ACREDITAMOS QUE EXISTEM OUTROS QUE PENSAM COMO NÓS// MAS/ PELA CORRERIA DO DIA-A-DIA/ COM A GRANDE NECESSIDADE DE SEGUIR A ROTINA/ ESTAMOS CADA</p>

	<p>VEZ MAIS ESCONDIDOS// QUASE NÃO SE ESCUTA MAIS NINGUÉM// A PRESSA/ OS CARROS/ AS MOTOCICLETAS/ OS ÔNIBUS E O ENGARRAFAMENTO/ É PRECISO SEGUIR O FLUXO// MAS ALGUMA COISA ACONTECE UMA VEZ POR ANO QUE NINGUÉM EXPLICA: NÓS EXISTIMOS// UMA VEZ POR ANO/ NÓS DOMINAMOS A PASSARELA E FAZEMOS POR NÓS MESMOS O QUE NOS FALTA EM TODOS OS OUTROS DIAS// MAIS DE 50 MIL PESSOAS NAS RUAS E IMAGINAMOS TODAS AS HISTÓRIAS POSSÍVEIS PARA CADA UMA DELAS// QUANDO ÉRAMOS PEQUENOS/ ENXERGAR TODAS ESSAS CORES ERA IMPOSSÍVEL// HOJE/ É PRECISO DIZER QUE CAMINHARMOS JUNTOS É MAIS DO QUE SÓ UMA NECESSIDADE/ É UM DIREITO CÍVICO//</p>
--	--

2.2 “O QUE ACONTECE NO VEGAS, FICA NO VEGAS”

EPISÓDIO	O QUE ACONTECE NO VEGAS, FICA NO VEGAS	
REPÓRTER	MATEUS FERREIRA	IMAGENS
PRODUTOR	MATEUS FERREIRA	
SOM	JÚNIOR, MATEUS, ANDRÉ	
	MATEUS, FANNIE, LETÍCIA, JÚLIA, KAMILLY, ANDRÉ, THAISY	

<p>IMAGENS DE APOIO</p> <p>50'</p> <p>#COMPILAÇÃO DE IMAGENS DO VEGAS/ DO CAMINHO ATÉ O VEGAS/ DAS PESSOAS/ DA INTERAÇÃO DAS PESSOAS/ DOS ROSTOS DAS PESSOAS</p> <p>OBS: CADA TAKE DEVE TER NO</p>	<p>SOM AMBIENTE DO VEGAS. EFEITO ABAFADO E AUMENTO CRESCENTE.</p> <p>VOZ DE MATEUS E EDUARDO SE SOBREPÕE AO RUÍDO:</p> <p>3'22" ~ 3'25"</p> <p>ENTRADA: COMO É... SAÍDA: ...VEGAS</p>
--	--

<p>MÁXIMO 3'/ EM ALGUMAS IMAGENS USAR TRANSIÇÕES/ SOBREPOSIÇÕES E EFEITOS DE SLOW MOTION/DE CÂMERA ANTIGA (PRINCIPALMENTE NOS PRIMEIROS SEGUNDOS DO FILME)/ TAMBÉM FAZER MONTAGENS// VER A INTRO DO DOC PIXO</p> <p>OBS 2: AS IMAGENS DEVEM ESTAR SINCRONIZADAS COM A BATIDA/RITMO DA MÚSICA (ESCOLHER MÚSICAS)</p> <p>#QUANDO FALA SOBRE SER O ROLÊ QUE ESTÁ NA PONTA DA LÍNGUA DE MUITA GENTE, INSERIR PRINT DA PESQUISA DO FORMS. INSERIR TAMBÉM PARTE DA PASSAGEM QUE FOI GRAVADA.</p> <p>#INSERIR PASSAGEM MVI_9895.MOV</p> <p>#INSERIR IMAGENS ENTRANDO NA CASA DE EDUARDO+IMAGENS DELE TOCANDO+IMAGENS DELE NAS FESTAS MVI_9897.MOV</p>	<p>5'16" ~ 5'19" ENTRADA: EU ACHO... SAÍDA: ...ME SINTO LIVRE</p> <p>SOBE BG - 10S -</p> <p>BAIXA BG:</p> <p>OFF: CHEGA O FINAL DE SEMANA E UM DOS ROLÊS PREFERIDOS DE UMA PARTE DA POPULAÇÃO LGBT DE ARACAJU SÃO AQUELES QUE ENVOLVEM BALADAS// POR AQUI/ QUANDO A PERGUNTA É SOBRE CENA QUEER/ AS BOATES COM CERTEZA É A RESPOSTA QUE VAI ESTAR NA PONTA DA LÍNGUA DE MUITA GENTE//</p> <p>E É POR ISSO QUE HOJE NÓS VAMOS EM UMA QUE PARECE SER A QUERIDINHA DOS LGTBTS DAQUI/ QUE É O VEGAS// EU POR EXEMPLO QUANDO CHEGUEI NA CIDADE/ SEMPRE RECEBIA CONVITES DE AMIGOS PRA IR LÁ/ EU LEMBRO QUE ELES DIZIAM BEM ASSIM: “VOCÊ PRECISA CONHECER A LOUCURA DO VEGAS”</p> <p>AS FESTAS LÁ COSTUMAM COMEÇAR ÀS 22H E ROLAM ATÉ ÀS 4H45 DA MANHÃ// A BOATE FICA NA ATALAIA MAS AGORA EU ESTOU AQUI NO AUGUSTO FRANCO PORQUE NÓS VAMOS PASSAR NA CASA DO EDUARDO/ QUE ALÉM DE SER PRODUTOR DE UMA DAS PRINCIPAIS FESTAS VOLTADAS PRA O PÚBLICO LGBT/ É DJ E TAMBÉM É O ROSTO QUE EU MAIS VEJO EM TODAS AS FESTAS QUE ACONTECEM AQUI NA CIDADE//</p> <p>LÁ A GENTE VAI BATER UM PAPO E SE ARRUMAR PORQUE É ELE QUE VAI NOS LEVAR NESSE ROLÊ DE HOJE E AJUDAR A ENTENDER UM POUCO SOBRE COMO É QUE AS PESSOAS DA COMUNIDADE SE SENTEM NAQUELE ESPAÇO//</p>
<p>IMAGEM</p>	<p>SOBE BG 5S</p>

<p>PEDIR A ANDRÉ ALGUMAS IMAGENS DO MAKING OFF PRA ADICIONAR AQUI</p> <p>#EDUARDO RESPONDE MVI_8295.MP4 0'56" ~ 2'20" 2'29" ~ 3'11"</p> <p>CÂMERA 2 MVI_9906.MOV 0'13" ~ 1'40" 1'49" ~ 2'30"</p>	<p>DESCE BG</p> <p>SONORA - EDUARDO</p> <p>ENTRADA 1: Minha amiga... SAÍDA 1: ...Macaw</p> <p>ENTRADA: Eu acho que... SAÍDA: ...ficar dançando</p> <p>CÂMERA 2</p> <p>ENTRADA 1: Minha amiga... SAÍDA 1: ...Macaw</p> <p>ENTRADA 2: Eu acho que... SAÍDA 2: ...ficar dançando</p>
<p>IMAGENS DE APOIO</p> <p>#IMAGENS DE OBJETOS/ INTERAÇÃO ENTRE REPÓRTER/EQUIPE E ENTREVISTADO</p>	<p>AUMENTA BG</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#EDUARDO RESPONDE MVI_8295.MP4 2'29" ~ 3'11"</p> <p>CÂMERA 2 MVI_9906.MOV 1'49" ~ 2'30"</p> <p>#MATEUS PERGUNTA MVI_8295.MP4 5'49" ~ 6'15"</p> <p>CÂMERA 2 5'06" ~ 5'33"</p>	<p>DIMINUI BG</p> <p>SONORA</p> <p>ENTRADA: Eu acho que... SAÍDA: ...ficar dançando</p> <p>CÂMERA 2</p> <p>ENTRADA 2: Eu acho que... SAÍDA 2: ...ficar dançando</p> <p>ENTRADA: O QUE VOCÊ ACHA... SAÍDA: ...PÚBLICO LGBTQ</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#MATEUS PERGUNTA MVI_8295.MP4 5'49" ~ 6'15"</p> <p>CÂMERA 2 5'06" ~ 5'33"</p>	<p>SONORA</p> <p>ENTRADA: O QUE VOCÊ ACHA... SAÍDA: ...PÚBLICO LGBTQ</p>
<p>IMAGEM</p>	<p>SONORA</p>

#EDUARDO RESPONDE 6'59" ~ 8'04"	ENTRADA: EU ACHO QUE... SAÍDA: ...É O QUE ATRAI
IMAGENS DE APOIO #EDUARDO	SOBE A BG
IMAGEM #EDUARDO RESPONDE 0'36" ~ 2'02"	DESCE BG SONORA ENTRADA: A casa... SAÍDA: ...Confortável
IMAGENS DE APOIO #EDUARDO SAI DO QUARTO JÁ PRONTO/ IMAGEM DE MATEUS PASSANDO LÁPIS DE OLHO NELE E DEMAIS VÍDEOS DO MAKING OFF QUE DER PRA USAR	SOBE BG BAIXA QUANDO TIVER DIÁLOGOS
IMAGEM #MATEUS PERGUNTA MVI_8303.MP4 0'08" ~ 0'17"	SONORA ENTRADA: E O ROLÊ... SAÍDA: ...LGBT
IMAGEM #EDUARDO RESPONDE 0'17" ~ 1'46" 2'38" ~ 2'50" 3'04" ~ 3'13"	SONORAS ENTRADA 1: A IDEIA DA... SAÍDA 1: ..E MAIS LOOKS ENTRADA 2: O TAPETE... SAÍDA 2: RED CARPET ENTRADA 3: ENTÃO A FESTA JÁ NASCEU... SAÍDA 3: ...QUE O LEQUE
IMAGENS DE APOIO #EDUARDO MOSTRANDO AS COISAS DE DENTRO DO ARMÁRIO E O TAPETE PRATEADO	AUMENTA BG DESCE EM MOMENTOS DE DIÁLOGO
IMAGENS DE APOIO IMAGENS DO PERCURSO ATÉ O VEGAS/ CHEGANDO NO VEGAS	SOBE BG
IMAGEM #COMPILADO DE IMAGENS	DESCE BG OFF:

	O VEGAS EXISTE DESDE 2017 E DESDE ENTÃO/ É CONHECIDO POR TER O PÚBLICO LGBT COMO PRINCIPAL FREQUENTADOR// AS FESTAS LÁ REVEZAM ENTRE AS QUE SÃO REALIZADAS PELA PRÓPRIA GESTÃO DA BOATE E AS QUE SÃO FEITAS POR PRODUTORAS//
IMAGEM #PASSAGEM MATEUS MVI_8313.MP4	PASSAGEM ENTRADA: ISSO TORNA... SAÍDA: ESSA NOITE SAÍDA 2: ...COREOGRAFIA MESMO
IMAGEM ENTREVISTAS NO VEGAS	
IMAGEM #MATEUS PERGUNTA MAH00304.MP4 5'36" ~ 5'47"	SONORA ENTRADA: E POR QUE... SAÍDA: A ROUPA EXPRESSA ALGUMA COISA?
IMAGEM #EDUARDO RESPONDE 5'47" ~ 6'36"	SONORA ENTRADA: A GENTE TEM... SAÍDA: ...ESTÁ PINTADA
VINHETA PRETA	SOBE BG
FOTOFILME	OFF: DENTRO DOS MUROS DA BOATE NÃO SENTIMOS MEDO E NEM VERGONHA// É LÁ QUE POR ALGUMAS HORAS/ SENTIMOS QUE TODOS OS NOSSOS PROBLEMAS SE TRANSFORMAM EM MÚSICA// MÚSICA ESSA QUE DANÇAMOS/ PULAMOS E CANTAMOS COM TODO FERVOR// NOS VEMOS RISOS/ CONVERSAS/ ABRAÇOS/ MÃOS DADAS E BEIJOS// ESSES ÚLTIMOS/ GESTOS TÃO PODEROSOS E MUITAS VEZES TÃO SECRETOS// MAS NÃO PRECISA SER ASSIM// PODEMOS LEVAR O QUE VIVEMOS NAS BOATES PROS JORNAIS/ PRA TELEVISÃO/ PROS FILMES E PROS LIVROS// PORQUE TODA VEZ QUE

	SOMOS VISTOS/ O MUNDO E AS POSSIBILIDADES SE ABREM UM POUCO MAIS//
IMAGEM #PASSAGEM MATEUS -	SONORA: PASSAGEM: EIEIEIEIEI// PODE ATÉ PARECER QUE ACABOU// MAS É AÍ QUE VOCÊ SE ENGANA// AGORA SÃO XXXX DA MANHÃ E ACONTECE QUE DEPOIS QUE A FESTA ACABA/ UMA GALERA COSTUMA SE REUNIR PRA IR PRA PRAIA QUE FICA AQUI PERTINHO/ PRA ACABAR DE AMANHECER O DIA// SÓ DEUS SABE QUE HORAS ESSE POVO VAI PRA CASA/ MAS UMA COISA É CERTA: ELES COM CERTEZA SÃO OS MAIORES INIMIGOS DO FIM//

2.3 “E POSE!”

EPISÓDIO	E POSE!	
REPÓRTER	MATEUS FERREIRA	IMAGENS MATEUS, KAMILLY, TATIANE MACENA, DIEGO, BRUNO,
PRODUTOR	MATEUS FERREIRA	
SOM	JÚNIOR, TATI, BRUNO, LILIAN	

IMAGENS DE APOIO 50' #COMPILADO DE IMAGENS DAS PESSOAS NA BALLROOM/ DE PESSOAS POSANDO/ DA MAQUIAGEM/ DA INTERAÇÃO DAS PESSOAS/ DOS DESFILES OBS: CADA TAKE DEVE TER NO MÁXIMO 3' / EM ALGUMAS IMAGENS USAR TRANSIÇÕES/ SOBREPOSIÇÕES E EFEITOS DE SLOW MOTION/DE CÂMERA ANTIGA (PRINCIPALMENTE NOS PRIMEIROS SEGUNDOS DO FILME)/ PARA ESSE EP/ VER O EFEITO RETRÔ USADO	SOM AMBIENTE DAS BALLS. EFEITO ABAFADO E AUMENTO CRESCENTE DAS FALAS DAS PESSOAS, DAS PALMAS E DOS GRITOS DE GUERRA. VOZ DE TIMMY SE SOBREPÕE: ELE DIZ “EU QUERO MUITO GANHAR PELO MENOS UMA CATEGORIA”. SOBE BG - 10S - BAIXA BG: OFF: IMAGINE UM ROLÊ QUE É UMA MISTURA DE DANÇA/ MODA/ BELEZA/
--	---

NO CLIPE DA [MARINA SENA](#)

OBS 2: AS IMAGENS DEVEM ESTAR SINCROIZADAS COM A BATIDA/RITMO DA MÚSICA

#QUANDO FALA ESSA PARTE/ INSERIR UM COMPILADO DE IMAGENS MOSTRANDO ALGUMAS DAS FAMÍLIAS QUE FORMAM AS BALLS

#INSERIR IMAGENS DA CASA DIBARRO EM DESFILE

#INSERIR IMAGENS DA RECICLA BALL DE 2022

#INSERIR PASSAGENS

DESFILE/ PERFORMANCE E POLÍTICA// NELE/ OS ÚNICOS QUE JULGAM SÃO OS JURADOS ENQUANTO O RESTANTE DOS PRESENTES CONTEMPLAM E APLAUDEM AQUELES QUE CAMINHAM EM UMA PASSARELA//

NESSE ESPAÇO QUALQUER PESSOA PODE SER UMA ESTRELA/ OU MELHOR/ TODOS PODEM SER O QUE QUISEREM/ BASTA TER ATITUDE E CONFIANÇA PRA MOSTRAR AQUILO QUE SABEM FAZER// ESSE É O MUNDO DAS BALLS/ UM MUNDO EM QUE A PALAVRA FAMÍLIA GANHA UM NOVO SIGNIFICADO E ONDE SONHOS SE TORNAM UMA POSSIBILIDADE//

AQUI EM ARACAJU NÃO FAZ MUITO TEMPO QUE AS BALLS SE TORNARAM UMA OPÇÃO DE DIVERSÃO PRO PÚBLICO QUEER// ELAS FORAM INTRODUZIDAS AQUI NA CIDADE DEPOIS DE UMA SÉRIE DE MOVIMENTAÇÕES FEITAS POR AFROFUTUR1ST DIBARRO GARÇON/ APÓS ELU TER RETORNADO DE NOVA IORQUE/ ONDE CONHECEU O MOVIMENTO//

FOI AFROFUTUR1ST QUEM FUNDOU A PRIMEIRA HOUSE DE SERGIPE/ A INTERNACIONAL PIONEIRA KIKI CASA DIBARRO E A PRIMEIRA BALL ACONTECEU EM 2022// COMO DESFECHO DO PROJETO INTITULADO RECICLA BALL/ EM QUE DURANTE TRÊS DIAS/ O PÚBLICO ASSISTIU A OFICINAS/ PALESTRAS/ DOCUMENTÁRIOS E AULAS SOBRE A BALLROOM//

DE LÁ PRA CÁ MUITAS BALLS JÁ ACONTECERAM// ALGUMAS DELAS SEM A PRESENÇA DE AFROFUTUR1ST QUE ACABOU VOLTANDO PROS ESTADOS UNIDOS// MAS A CASA DIBARRO CONTINUA EXISTINDO E É COM UMA DAS FILHAS DA MOTHER/ A PRINCESS DIBARRO TIMMY TCHANGA// COM QUEM VAMOS CONVERSAR PRA SABER MELHOR COMO FUNCIONA UMA BALLROOM AQUI EM ARACAJU//

	DEPOIS QUE O NOSSO PAPO TERMINAR NÓS VAMOS PRO DOCA/ PORQUE O NOSSO ROLÊ DE HOJE É UMA MINI BALL QUE VAI ACONTECER POR LÁ//
IMAGEM DE APOIO #INSERIR IMAGENS DE APOIO/ TIMMY INDO ABRIR O PORTÃO/ SUBINDO AS ESCADAS/MONTANDO OS EQUIPAMENTOS/ #MATEUS PERGUNTA: MAHO9136.MP4 0’14” ~ 0’19” IMAGEM #TIMMY RESPONDE: MAHO9136.MP4 0’19” ~ 1’34” CÂMERA 2 MVI-8041.MOV 0’06” ~ 0’11”	SOBE BG 5S DESCE BG SONORA ENTRADA 1: Então Timmy... SAÍDA 1: ..com a ball CÂMERA 2 ENTRADA 1: Meu envolvimento... SAÍDA 1: Até hoje.. CÂMERA 2 ENTRADA 2: Meu envolvimento... SAÍDA 2: Até hoje..
IMAGEM #MATEUS PERGUNTA: MAHO9136.MP4 1’34” ~ 1’35”	SONORA ENTRADA: Mas antes... SAÍDA: ... a cena
IMAGEM #TIMMY RESPONDE: MAHO9136.MP4 1’35” ~ 2’05” CÂMERA 2 MVI-8041.MOV 1’27” ~ 1’58”	SONORA ENTRADA: Na verdade... SAÍDA: ...cena local CÂMERA 2 ENTRADA 2: Na verdade... SAÍDA 2: ...cena local
IMAGEM #MATEUS PERGUNTA: MAHO9136.MP4 4’04” ~ 4’10” INSERIR IMAGEM DE APOIO	SONORA ENTRADA: Como que... SAÍDA: ...aqui
IMAGEM	SONORA:

<p>#TIMMY RESPONDE: MAHO9136.MP4 4'10" ~ 5'09"</p> <p>CÂMERA 2 MVI-8041.MOV 4'07" ~ 5'01"</p>	<p>ENTRADA: Quando a ball...</p> <p>SAÍDA: ...mini ball</p> <p>CÂMERA 2</p> <p>ENTRADA 2: Quando a ball...</p> <p>SAÍDA 2: ...mini ball</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#MATEUS PERGUNTA: MAHO9136.MP4 6'12" ~ 6'16"</p>	<p>SONORA:</p> <p>ENTRADA: E o que...</p> <p>SAÍDA: ...de Aracaju</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#TIMMY RESPONDE: MAHO9136.MP4 6'16" ~ 6'29"</p> <p>CÂMERA 2 MVI-8041.MOV 6'08" ~ 6'23"</p>	<p>ENTRADA: Eu acho que...</p> <p>SAÍDA: ...outras cenas</p> <p>CÂMERA 2</p> <p>ENTRADA 2: Eu acho que...</p> <p>SAÍDA 2: ...outras cenas</p>
<p>IMAGENS DE APOIO</p> <p>#IMAGENS DE TIMMY SENDO MAQUIADA/ DELA PREPARANDO A PERUCA/ PROVANDO A ROUPA/ CALÇANDO A BOTA//</p>	<p>AUMENTA BG</p>
<p>IMAGENS DE APOIO</p> <p>#IMAGENS DE TIMMY SORRINDO</p> <p>#MATEUS PERGUNTA: MAH09140.MP4 0'15" ~ 0'20"</p>	<p>DIMINUI BG</p> <p>SONORA</p> <p>ENTRADA: Quantas casas...</p> <p>SAÍDA: ...atualmente</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#TIMMY RESPONDE: MAH09140.MP4 0'15" ~ 0'40"</p> <p>CÂMERA 2 MVI-8052.MOV 0'00" ~ 0'08"</p>	<p>SONORA</p> <p>ENTRADA: Nós temos...</p> <p>SAÍDA: ...ano passado</p> <p>CÂMERA 2</p> <p>ENTRADA 2: Rattura...</p> <p>SAÍDA 2: ...ano passado</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#MATEUS PERGUNTA: MAH09138.MP4 5'11" ~ 5'14"</p>	<p>SONORA</p> <p>ENTRADA: E qual que é...</p> <p>SAÍDA: ...ball</p>

<p>IMAGEM</p> <p>#TIMMY RESPONDE: MAH09138.MP4 5'14" ~ 5'36"</p> <p>CÂMERA 2 MVI-8049.MOV 5'08" ~ 5'38"</p> <p>INSERIR IMAGENS DE APOIO</p>	<p>SONORA</p> <p>ENTRADA: É um sentimento... SAÍDA: câmera parou antes dela continuar</p> <p>CÂMERA 2</p> <p>ENTRADA 2: É um sentimento... SAÍDA 2: ...caminhar</p>
<p>IMAGENS DE APOIO</p> <p>#TIMMY SE ARRUMANDO/ MEMBROS DA EQUIPE INTERAGINDO</p>	<p>AUMENTA BG</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#MATEUS PERGUNTA: MAH09140.MP4 3'12 ~ 3'29"</p>	<p>DIMINUI BG</p> <p>SONORA</p> <p>ENTRADA: Vocês fazem... SAÍDA: ...reagir</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#TIMMY RESPONDE: MAH09140.MP4 3'29" ~ 4'10"</p> <p>CÂMERA 2 MVI_8052.MOV 2'59" ~ 3'40"</p>	<p>SONORA</p> <p>ENTRADA: Eles sempre reagem com... SAÍDA: ...se divertindo</p> <p>CÂMERA 2</p> <p>ENTRADA 2: Eles sempre reagem com... SAÍDA 2: ...se divertindo</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#MATEUS PERGUNTA: MAH09140.MP4 4'57" ~ 5'02"</p>	<p>SONORA</p> <p>ENTRADA: E o que vocês... SAÍDA: ...públicos</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#TIMMY RESPONDE: MAH09140.MP4 5'02" ~ 5'28"</p> <p>CÂMERA 2 MVI_8052.MOV 4'32" ~ 4'59"</p>	<p>SONORA</p> <p>ENTRADA: A gente pretende... SAÍDA: ...lugar</p> <p>CÂMERA 2</p> <p>ENTRADA 2: A gente pretende... SAÍDA 2: ...lugar</p>
<p>IMAGEM</p>	<p>SONORA</p>

<p>#MATEUS PERGUNTA: MAH09142.MP4 0'08" ~ 0'21"</p>	<p>ENTRADA: VOCÊS NUNCA... SAÍDA: ...OUTRO</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#TIMMY RESPONDE: MAH09142.MP4 0'21" ~ 0'29"</p> <p>CÂMERA 2 MVI-8054.MOV 0'21" ~ 0'29"</p>	<p>SONORA</p> <p>ENTRADA: Pra não centralizar... SAÍDA: ...x</p> <p>CÂMERA 2</p> <p>ENTRADA 2: Pra não centralizar... SAÍDA 2: ...x</p>
<p>IMAGENS DE APOIO</p> <p>#INSERIR ALGUMAS IMAGENS DE MAKING OFF/ DELA FALANDO SOBRE A ROUPA/ SOBRE AS HOUSES E ETC</p>	<p>SOBE BG</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#MATEUS PERGUNTA: IMG-2206.MOV 0'14 ~ 0'20"</p>	<p>DIMINUI BG</p> <p>SONORA</p> <p>ENTRADA: Como é que o movimento... SAÍDA: ...em Aracaju</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#TIMMY RESPONDE: IMG-2206.MOV 0'20" ~ 0'46"</p> <p>CÂMERA 2 MAH09145.MP4 0'20" ~ 0'47"</p> <p>#INSERIR IMAGENS DE MAKING OFF DELA INDO EMBORA//</p>	<p>SONORA</p> <p>ENTRADA: EU ACHO QUE... SAÍDA: ...ESTABELECIMENTO</p> <p>CÂMERA 2</p> <p>ENTRADA 2: EU ACHO QUE... SAÍDA 2: ...ESTABELECIMENTO</p>
<p>OU INSERIR IMAGENS DE MAKING OFF DAS CONVERSAS E DELA INDO EMBORA//</p>	<p>SONORA</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#IMAGEM DO MAPA ILUSTRANDO O CAMINHO DA CASA DELA ATÉ O DOCA</p>	<p>SONORA</p> <p>TIMMY MORA NO BAIRRO FAROLÂNDIA/ QUE FICA A MAIS OU MENOS 8 KM DO DOCA// UM DOS LOCAIS ONDE AS BALLS COSTUMAM ACONTECER//</p>
<p>IMAGENS DE APOIO</p>	<p>SOBE BG</p>

<p>#IMAGENS DE APOIO DO DESLOCAMENTO ATÉ A FESTA/ DO MOVIMENTO DA CIDADE E ETC</p>	
<p>IMAGEM</p> <p>#PASSAGEM</p>	<p>DESCE BG</p> <p>SURGIDA NA CIDADE DE NOVA IORQUE, NOS ESTADOS UNIDOS/ EM MEADOS DA DÉCADA DE 70/ A CULTURA BALLROOM É UM MOVIMENTO QUE MISTURA ARTE E POLÍTICA// ELE FOI CRIADO PELA DRAG QUEEN CRYSTAL LBEIJA COMO UMA ALTERNATIVA AOS BAILES QUE ERAM REALIZADOS ATÉ ENTÃO/ EM QUE APENAS PESSOAS BRANCAS VENCIAM AS CATEGORIAS DOS DESFILES/ O MOMENTO QUE ERA O AUGE DA FESTA//</p> <p>ESSA NOVA ONDA DE BAILES CRIADA POR LBEIJA/ FOI CONSTRUÍDa PRINCIPALMENTE POR PESSOAS QUEER/ NEGRAS E LATINAS/ QUE ERAM EM SUA MAIORIA/ PESSOAS QUE FORAM EXPULSAS DE CASA// FOI ESSA HERANÇA DEIXADA PELA DRAG QUEEN QUE FORMOU A CULTURA BALLROOM DA FORMA COMO A CONHECEMOS HOJE: UMA COMPETIÇÃO AMIGÁVEL ENTRE AS CHAMADAS “HOUSES”/ QUE SÃO GRUPOS DEFINIDOS COMO “FAMÍLIAS ESCOLHIDAS”/ EM QUE SEUS INTEGRANTES DISPUTAM POR CATEGORIAS QUE VÃO DESDE FIGURINOS ATÉ BATALHAS DE DANÇA/ COMO O VOGUE//</p>

	<p>AQUI EM ARACAJU AS BALLS ACONTECEM TANTO EM LOCAIS PÚBLICOS QUANTO EM ESPAÇOS PRIVADOS E O EVENTO DE HOJE/ VAI ACONTECER AQUI NO DOCA/ QUE É UM DOS ESPAÇOS CULTURAIS DA CIDADE//</p> <p>A MINI BALL DE HOJE FOI ORGANIZADA PELA CASA DE RATTURAS JUNTO COM A ASSOCIAÇÃO E MOVIMENTO SERGIPANO DE TRANSEXUAIS E TRAVESTIS/ SENDO UM DOS EVENTOS DA SEMANA DA VISIBILIDADE TRANS DA CIDADE//</p> <p>A QUANTIDADE DE CATEGORIAS QUE O PESSOAL DISPUTA VARIA DE BALL PARA BALL/ MAS HOJE O PESSOAL VAI PODER ARRASAR EM CINCO: FACE/ RUNWAY/ BEST LOOK/ LYPSYNC PERFORMANCE E VOGUE PERFORMANCE// DESSAS/ AS TRÊS PRIMEIRAS SÃO ABERTAS PRA PESSOAS TRANS/ TRAVESTIS E NÃO-BINÁRIES E AS OUTRAS DUAS/ PRA QUALQUER UM QUE QUISER PARTICIPAR//</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#MATEUS PERGUNTA: MAH 09148.MP4 2'19" ~ 2'30"</p>	<p>SONORA</p> <p>ENTRADA: COMO VOCÊ ENXERGA... SAÍDA: ...DA COMUNIDADE</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#GEOVANA RESPONDE: MAH09148.MP4 2'30" ~ 3'09"</p> <p>CÂMERA 2 MVI_8058.MOV 5'44" ~ 6'23"</p>	<p>SONORA</p> <p>ENTRADA: Eu acho... SAÍDA: ... nossa comunidade</p> <p>CÂMERA 2</p> <p>ENTRADA 2: Eu acho... SAÍDA 2: ... nossa comunidade</p>

<p>IMAGEM</p> <p>#MATEUS PERGUNTA: MAH09167.MP4 0'49" ~ 0'54"</p>	<p>SONORA</p> <p>ENTRADA: Como é... SAÍDA: ...de uma casa</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#KAMI E MATHEUS RESPONDEM: MAH09167.MP4 0'20" ~ 0'46" 2'55" ~ 3'58"</p> <p>CÂMERA 2 MVI_8108.MOV 0'57' ~ 2'03" 2'59" ~ 4'01"</p>	<p>SONORA</p> <p>KAMI ENTRADA: Fazer parte de uma casa... SAÍDA: ...ajudaria</p> <p>CÂMERA 2</p> <p>ENTRADA 2: Fazer parte de uma casa... SAÍDA 2: ...ajudaria</p> <p>MATHEUS ENTRADA: Quanto a mim... SAÍDA: ... fortaleza e outras coisas ele diz</p> <p>CÂMERA 2</p> <p>ENTRADA 2: Quanto a mim... SAÍDA 2: ... fortaleza e outras coisas ele diz</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#MATEUS PERGUNTA: MAH09167.MP4 11'14" ~ 11'28"</p>	<p>SONORA</p> <p>ENTRADA: COMO VOCÊS ACHAM... SAÍDA: ESPAÇOS REDUZIDOS</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#KAMI E MATHEUS RESPONDEM: MAH09167.MP4 11'28" ~ 12'42" 12'42" ~ 13'47"</p> <p>CÂMERA 2 MVI_8108.MOV MVI_8109.MOV 11'22" ~ 12'37" 11'22" ~ 12'37" 0'43" ~ 1'52"</p>	<p>SONORA</p> <p>MATHEUS ENTRADA: Eu acho que... SAÍDA: ...da ballroom</p> <p>CÂMERA 2</p> <p>ENTRADA 2: Eu acho que... SAÍDA 2: ...da ballroom</p> <p>KAMI ENTRADA: vale ressaltar que... SAÍDA: ...criar esses espaços</p> <p>CÂMERA 2</p> <p>ENTRADA 2: vale ressaltar que... SAÍDA 2: ...criar esses espaços</p>

<p>IMAGEM</p> <p>#GEOVANA RESPONDE: MAH09148.MP4 3'53" ~ 5'26"</p> <p>CÂMERA 2 MVI_8058.MOV 7'07" ~ 8'38"</p>	<p>SONORA</p> <p>ENTRADA: EU TO... SAÍDA: ...COMUNIDADE</p> <p>CÂMERA 2</p> <p>ENTRADA 2: EU TO... SAÍDA 2: ...COMUNIDADE</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#MATEUS PERGUNTA: MAH09148.MP4 5'26" ~ 5'35"</p>	<p>SONORA</p> <p>ENTRADA: COMO VOCÊ... SAÍDA: ...ATUALMENTE</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#GEOVANA RESPONDE: MAH09148.MP4 5'35" ~ 6'59"</p> <p>CÂMERA 2 MVI_8058.MOV 8'49" ~ 10'13"</p>	<p>SONORA</p> <p>ENTRADA: A GENTE ESTÁ CARENTE... SAÍDA: ...CULTURA</p> <p>CÂMERA 2</p> <p>ENTRADA 2: A GENTE ESTÁ CARENTE... SAÍDA 2: ...CULTURA</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#COMPILADO DE IMAGENS DA BALL// TELA FICA PRETA</p>	<p>TRILHA TOCANDO NO VOLUME NORMAL</p>
<p>#IMAGEM</p> <p>#TIMMY 50MM MVI-8041.MOV 1'58" ~ 2'00"</p> <p>#MATEUS PERGUNTA: MAHO9136.MP4 2'05" ~ 2'07"</p>	<p>SONORA</p> <p>ENTRADA: E POR QUE... SAÍDA: ...BALLROOM</p>
<p>IMAGEM</p> <p>#TIMMY RESPONDE: MAHO9136.MP4 2'07" ~ 23'27"</p> <p>CÂMERA 2 MVI-8041.MOV 2'00" ~ 3'19"</p>	<p>SONORA</p> <p>ENTRADA: PORQUE A BALLROOM... SAÍDA: ...TEATRO</p> <p>CÂMERA 2</p> <p>ENTRADA 2: PORQUE A BALLROOM... SAÍDA 2: ...TEATRO</p>
<p>VINHETA PRETA</p>	<p>SOBE BG</p>
<p>FOTOFILME</p>	<p>OFF: A BALLROOM É O LUGAR ONDE A PERFORMANCE VAI ALÉM DOS NOSSOS</p>

	<p>CORPOS/ ONDE O INVISÍVEL SE TORNA VISÍVEL E ONDE A VITÓRIA DO OUTRO TAMBÉM É NOSSA//</p> <p>NAQUELE ESPAÇO NO CENTRO QUE MOLDA UMA PASSARELA/ VEMOS NOSSOS IRMÃOS BRILHAREM/ AO MESMO TEMPO EM QUE SOMOS CONVIDADOS PRA BRILHAR TAMBÉM//</p> <p>A BALLROOM É AUTOESTIMA// LIBERDADE/ DIVERSÃO E UNIÃO/ MAS TAMBÉM É UMA BATALHA// NÃO DE UNS CONTRA OS OUTROS/ MAS SIM CONTRA OS LIMITES QUE O MUNDO NOS IMPÕE//</p> <p>QUANDO ESTAMOS NA BALL/ VEMOS TUDO O QUE SOMOS CAPAZES DE FAZER/ AO MESMO TEMPO EM QUE UM PENSAMENTO NOS VEM À CABEÇA: É IMPOSSÍVEL NÃO SER FELIZ AQUI//</p>
--	---

3. Diário de Campo

4.1 Lá na Parada

O episódio da Parada foi montado com vídeos que foram gravados nos dias 27 de agosto de 2023, 22 de janeiro e 11 de agosto de 2024. A primeira data aconteceu no dia do evento, em que fizemos imagens de apoio e as entrevistas. Na segunda diária, realizamos a entrevista com a coordenadora do órgão que é responsável pela realização do evento e a terceira, aconteceu novamente no dia da Parada de 2024, em que fiz algumas fotos e mais imagens de apoio.

4.1.1 27 de agosto de 2023 - Primeira diária

No dia da primeira gravação, saímos de casa às 13h30. Nesse dia, a equipe estava formada por sete pessoas, que foram divididas em dois grupos. O primeiro era formado por Lui Silva, Thaisy Santana, William Balieiro e por mim. Já o segundo, por Iasmin Santiago, Vivian Lima e William Silveira.

O primeiro grupo ficou responsável por realizar a gravação da entrevista na casa de Allan Victor (Samarah Tornado, a Drag Queen da Parada LGBTQIAPN+ de 2023), para

depois poder seguir até o local do evento. Já o segundo, ficou encarregado de ir diretamente para a Orla, com a finalidade de escolher um lugar adequado para realizar as entrevistas com o público presente no evento e para adiantar a captação de algumas imagens de apoio. Neste dia, a divisão das atividades entre os membros da equipe ficou da seguinte forma:

Quadro 1 - Atividades desempenhadas pela equipe

Nome	Atividade desempenhada
Iasmin Santiago	Assistente
Lui Silva	Captação de áudio
Mateus Ferreira	Repórter/diretor
Thaisy Santana	Operadora de câmera
Vivian Lima	Operadora de câmera
William Balieiro	Operador de câmera
William Silveira	Assistente

Na casa de Allan, fizemos a gravação da passagem que abre o episódio e depois, prosseguimos para a entrevista, que foi realizada dentro do quarto do personagem. Nesse momento, fizemos o uso de duas câmeras (uma EOS Rebel T100, com lente 50mm e uma EOS Rebel T6, com lente 18-55mm), de um gravador portátil Zoom HN4, acompanhado de dois microfones de lapela e dois tripés.

Quando nós chegamos na casa de Allan, por volta das 13h50, ele já havia começado a se maquiar. Logo nós percebemos que seria muito difícil enquadrar repórter e entrevistado na câmera durante a entrevista, pois o quarto era um pouco pequeno (além disso, as maquiagens dele estavam espalhadas na cama e ele precisava que o espaço entre o espelho e a cama ficasse livre, para que ele pudesse ficar indo e voltando para pegar o que precisava). Nesse momento tomamos a decisão de enquadrar uma câmera em mim e a outra nele, como pode ser visto nas imagens abaixo:



Posicionamento das câmeras. Foto: captura de tela



Entrevista com Allan Victor (Samarah Tornado). Foto: Captura de tela

Durante a gravação, foram feitas perguntas relacionadas à trajetória dele com a carreira de Drag Queen, os locais que costuma frequentar e fazer apresentações, a sua relação com a Parada, como foi a participação dele no processo de escolha da drag da Parada, as movimentações que ele participou até o dia do evento, o que ele iria fazer durante o evento e a importância da realização de ações como a Parada. Durante a entrevista, fizemos três pausas a fim de fazer as checagens citadas no item anterior.

A primeira parte da entrevista teve duração de oito minutos, e foram abordados a maior parte dos assuntos apontados acima, como a vida pessoal do personagem e relação com a arte Drag, experiências como a Drag da Parada daquele ano, a importância do evento para a comunidade e o processo de criação da roupa utilizada no evento. A segunda parte teve duração de quatro minutos e foram abordadas as dificuldades que ele pôde presenciar ao fazer parte da realização do evento e a percepção dele sobre os espaços voltados para as pessoas da comunidade. Já a terceira parte teve duração de dois minutos e foi questionado se ele acredita que a Parada LGBTQIAPN+ pode ter perdido um pouco da força com o passar do tempo.

A entrevista fluiu muito bem, sem muitos problemas e decidimos não nos prolongar muito pois ainda havia entrevistas a fazer lá na Orla. A ideia inicial era que esperássemos Allan terminar de se arrumar para podermos seguir todos juntos para o evento, mas isso não foi possível. Isso porque quando terminamos a gravação já eram quase 16h e não queríamos deixar para fazer as entrevistas no evento no período da noite. Por esse motivo, Lui, William e eu saímos de lá logo depois que terminamos o questionário, mas Thaisy ficou para captar as imagens do processo de montagem da Drag e ir com ela no mesmo uber para captar essas imagens do deslocamento (coisa que mais tarde descobrimos que não seria possível, pois Allan tinha três acompanhantes que iriam ajudá-lo com alguns detalhes da sua roupa e fazer algumas mídias). Dessa forma, Thaisy acabou indo em um outro carro.

Quando saímos da casa de Allan, chegamos na Orla e nos encontramos com o restante da equipe. Eles já tinham escolhido o local onde iríamos realizar o restante das entrevistas e algumas das pessoas com quem eu tinha agendado a gravação alguns dias antes já estavam junto com eles. Eles me disseram que não haviam conseguido fazer as imagens de apoio até então, pois a câmera não estava reconhecendo o cartão de memória e que o outro, que eu havia dito que estava na bolsa da câmera, não estava lá (eu tinha tirado no dia anterior para colocar no gravador, mas acabei esquecendo de colocar de volta). Com essa notícia, resolvemos adiantar o processo das entrevistas pois ainda tínhamos a necessidade de captar todas as imagens de apoio para o episódio.

Lá na Orla entrevistamos Jhonathan Willian e uma família LGBTQIAPN+: Maria Luíza Vasconcelos (filha), Anny Kelly Vasconcelos (mãe de Maria) e Julineide Gadelha (companheira de Anny). A entrevista com Leonardo durou aproximadamente três minutos e com a família de Maria Luiza, quase sete. Nelas, foram abordados os seguintes tópicos: o que eles estavam achando do evento, o que os levaram até lá, o que eles acharam sobre a escolha do tema da Parada naquele ano e o que o evento significa para eles, quais eram os lugares LGBTQIAPN+ que eles frequentavam, no restante do ano e o que eles achavam sobre as opções desses espaços aqui na cidade. Para a família, foi acrescentada uma questão sobre o peso da presença de uma família LGBTQIAPN+ no evento, bem como o sentimento de cada um dos membros de viver essa experiência. abaixo estão algumas fotos dessas entrevistas:



Entrevista com Jhonathan Willian. Foto: captura de tela



Da esquerda para direita, Julineide, Anny Kelly e Maria Luiza. foto: captura de tela

Quando finalizamos as entrevistas, já passava das 17h e partimos para a gravação da segunda passagem. Depois, iniciamos o processo de captação das imagens de apoio. Primeiro, Thaisy, William e eu nos dividimos e saímos pela orla para captarmos diferentes pontos da Parada: Palco Sobreviver, orla e trios. Depois, quando já caía a noite, nos juntamos novamente e começamos a captar imagens dos mesmos locais, mas de perspectivas diferentes (no entanto, não demorou muito para que a câmera que William manuseava descarregasse). Nesse momento os trios já se preparavam para iniciar a caminhada. Pegamos imagens do meio da multidão e depois, subimos em dois dos três trios para captar imagens com planos mais gerais, bem como das atrações que estavam em cima deles.

Após isso, descemos dos trios e fomos mais para trás da orla, pois o grupo Batalá de Sergipe estava realizando sua apresentação. Em seguida, fomos gravar a última passagem em um local um pouco mais distante do evento, a fim de evitar muita interferência do barulho do ambiente (a essa altura, Vivian e Lui já tinham ido embora e a captação de áudio ficou sob responsabilidade de William). Quando finalizamos essa etapa, foi hora de nos despedirmos de Thaisy (já deviam ser umas 19h30 da noite). Continuamos então William e eu, que permanecemos no evento até às 23h, o horário em que todas as atividades já tinham se encerrado.

No outro dia, quando fui passar as imagens do cartão para o notebook, percebi que havíamos captado mais de 800 imagens, juntando as duas câmeras (sem os vídeos que captei com o celular), contando todas as etapas de gravação (da casa da Drag até a saída dos trios), além de mais de 100 fotos. A tarefa depois disso foi fazer uma limpeza, deletando os vídeos que apresentavam algum tipo de problema (eram curtos demais ou estavam totalmente desfocados).

4.1.2 22 de janeiro de 2024 - segunda diária

Nesse dia fomos fazer a entrevista com Tathiane Araújo, a coordenadora da Astra, o órgão que é responsável pela realização da Parada LGBTQIAPN+ da cidade. A entrevista estava marcada para às 16h e quem me acompanhou nessa gravação foi Fannie Guimarães.

A gravação aconteceu na sede da Astra, na sala de Tathiane e para essa gravação levamos duas câmeras: uma Cânon EOS Rebel T100 (equipada com uma lente de 50mm), uma Sony a6000 (com lente 18-50mm), um tripé e um microfone de lapela bluetooth. O

ambiente ficava muito próximo à rua e não possuía uma iluminação muito boa, detalhes que prejudicaram um pouco a filmagem.

Enquanto a Cânon ficou posicionada no tripé, a segunda câmera ficou o tempo todo nas mãos de Fannie. A entrevista foi dividida em quatro partes e teve duração de pouco menos de 25 minutos. Na primeira parte, foram feitas perguntas mais voltadas ao contexto histórico da Parada em Aracaju e no estado, qual o cenário do movimento LGBTQIAPN+ na época em que foi feita a primeira parada em Sergipe, como as pessoas de um modo geral (LGBTs e não LGBTs) receberam o evento e qual foi a repercussão que ele causou. Esse trecho teve uma duração de cinco minutos.

Na segunda parte, Thatiane falou um pouco sobre as instituições que foram se alinhando para organizar o evento e a formação de outras delas no interior, para a propagação da Parada. Além disso, foram feitas perguntas relacionadas à participação dos LGBTs na primeira edição da Parada, qual foi o tema escolhido na época, se ela alguma vez já teve problemas para realizá-la, quais as principais conquistas com a realização da Parada e como ela define o evento. Esse trecho teve duração de 12 minutos.

A terceira parte teve duração de quase três minutos e nela foi questionado quais eram as principais dificuldades encontradas na hora de realizar o evento. Por fim, o último trecho teve duração de três minutos e nessa parte, foram feitas perguntas sobre a escolha do tema daquela edição (2023).

Nessa diária aconteceram alguns problemas que prejudicaram a qualidade do material coletado. Nessa ocasião levamos apenas dois cartões de memória (um de oito gigas e outro de 128). O de oito gigas logo encheu, o que fez com que continuássemos a entrevista apenas com a Sony a600, que mais tarde superaqueceu e parou de funcionar. Decidimos optar por encerrar a entrevista, ainda com algumas perguntas a fazer, pois Thatiane tinha um compromisso com o qual não podia faltar.

4.1.3 11 de agosto de 2024 - terceira diária

Nesse dia aconteceu a 23ª edição da Parada LGBTQIAPN+ de Aracaju, com o tema "Família é quem respeita você", e eu aproveitei a data para captar mais algumas imagens de apoio e tirar algumas fotografias, para fazer possíveis substituições no corte do episódio da parada. Além disso, fui com a intenção de ocasionalmente encontrar com todos os personagens dos três episódios para pegar imagens ou fotos deles no evento, para acrescentar

no corte final. Nesse dia, fui para a orla sozinho, às 16h30 da tarde, portando uma Canon EOS Rebel t5i com lente de 50mm, cartão de memória de 128 gigas, bateria reserva e uma LED.

Como dessa vez, meu foco era apenas captar imagens de apoio, dei preferência para filmar a interação entre as pessoas, Drag Queens e algumas imagens do palco. Lá, eu consegui encontrar com alguns dos personagens dos três episódios, mas não com todos. Novamente, fiz o máximo de mídia que consegui, encerrando as gravações pouco depois do término do evento. Ao chegar em casa, vi que tinha captado cerca de 400 vídeos e 200 fotos.

4.2 O que acontece no Vegas, fica no Vegas

O episódio do Vegas foi montado com gravações que aconteceram nos dias 18 de novembro de 2023 (em que foram captadas imagens de apoio do público presente na boate), 17 de agosto de 2024 (quando fizemos a entrevista na casa de Eduardo) e 20 de setembro desse mesmo ano (quando encerramos fazendo as entrevistas com um dos produtores da casa e com duas pessoas que a frequentam). A maior dificuldade encontrada durante a produção desse episódio foi conseguir conciliar as datas de disponibilidade das pessoas da equipe com as datas das festas das produtoras que aceitavam liberar a nossa entrada de graça na casa para realizar as gravações.

4.2.1 18 de novembro de 2023 - primeira diária

Na primeira diária de gravação desse episódio, saímos de casa às 21h30. Nessa data, estávamos com uma equipe composta por seis pessoas, que assumiram as seguintes funções:

Quadro 2 - Atividades desempenhadas pelos membros da equipe

Nome	Atividade desempenhada
Fannie Guimarães	Operadora de câmera
Letícia Silva	Operadora de câmera
Murilo Granja	Assistente
Mateus Ferreira	Repórter/diretor
William Balieiro	Captação de áudio

A festa que aconteceu nessa data foi da Produtora Cosmos e era um tema mais voltado para o público pop (os dez anos do álbum ARTPOP, da Lady Gaga). Nós chegamos no Vegas pouco depois das 22h e levamos duas câmeras, um gravador gravador portátil Zoom HN4, acompanhado de dois microfones direcionais, quatro cartões de memória (dois de 8 gigas, um de 32 e outro de 64), duas LEDs e um tripé. Naquela noite, tínhamos a intenção de fazer algumas entrevistas com o público presente, com um dos produtores e pegar imagens de apoio das pessoas e da boate.

A intenção era chegar cedo para fazer as entrevistas antes que a casa enchesse (fator que poderia prejudicar a qualidade do material coletado) e assim foi feito. Entrevistamos dois pares de amigos: primeiro Keyla Victória e Jeferson Santos (cujo tempo de conversa foi de aproximadamente quatro minutos) e depois, Carlos Martins e Guilherme Andrade, com os quais falamos por cerca de cinco minutos.



Da esquerda para direita, Keyla Victória e Jeferson Santos. Foto: Captura de tela



Da esquerda para direita, Guilherme Andrade e Carlos Martins. Foto: Captura de tela

Nós havíamos levado um gravador e dois microfones, mas acabamos não usando pois na hora em que ligamos o aparelho e inserimos o cartão, o mesmo não reconheceu. Tentamos com os outros mas o mesmo problema aconteceu, então, resolvemos fazer a captação do áudio pelo celular, o que prejudicou a qualidade do material.

Nesse dia também tínhamos planejado entrevistar Jean Menezes, o produtor, mas acabou não dando tempo, pois ele estava muito ocupado resolvendo as coisas da festa (concurso de melhor look, apresentações das Drag Queens e ele também estava na *line up* como um dos DJs). Por esse motivo, quando terminamos de fazer as entrevistas citadas acima, partimos para as gravações das imagens de apoio, em que tentamos captar as pessoas, os espaços e detalhes da casa, os looks, detalhes das maquiagens dos presentes, as interações entre as pessoas e claro, as atrações que tiveram na noite (concurso de melhor look, apresentações dos DJs e as performance das três Drag Queens). Nesse dia ficamos um pouco receosos sobre como chegar nas pessoas para filmá-las, pois muitas pessoas se mostravam tímidas ou desconfortáveis com as luzes das LEDs, motivo esse, que em um determinado momento nos fez tomar a decisão de parar de utilizá-las. Essa decisão acabou facilitando um pouco mais o trabalho. Nós encerramos as gravações por volta das 4h e naquele dia, fizemos 140 vídeos.

4.2.2 17 de agosto de 2024 - segunda diária

Na segunda diária, saímos de casa com a intenção de realizar as seguintes gravações: a entrevista na casa de Kleber Eduardo (o personagem principal do episódio), bem como o seu deslocamento até a boate, as passagens do repórter, a entrevista com o produtor da festa daquela noite, tirar algumas fotos e pegar mais algumas imagens de apoio. Além disso, devido aos problemas de áudio que tivemos com as entrevistas que foram feitas na primeira diária, pretendíamos realizar novas. No entanto, apesar de todo esse plano de gravações, a nossa prioridade era a entrevista com Eduardo. Por esse motivo, naquele dia saímos de casa um pouco mais cedo, às 21h.

A festa daquela noite era da Batidinha Produções e o tema era “*Girl Groups*”. Saímos de casa portando quatro câmeras (uma Canon EOS T5i com lente de 50mm, uma T6i com lente de 18-55mm, uma R100 com lente de 18-45mm e uma handycam), uma bateria reserva, um gravador portátil Zoom HN4, kit microfone boom, três LEDs, um tripé, dois microfones de lapela bluetooth e quatro cartões de memória (dois de oito gigas, um de 64 e um de 128). Já a equipe, estava formada por seis pessoas.

Quadro 3 - Atividades desempenhadas pelos membros da equipe

Nome	Atividade desempenhada
André Loius	Co-direção
Júlia Medeiros	Operadora de câmera/iluminação
Júnior Santos	Captação de áudio/iluminação
Kamilly Carvalho	Operadora de câmera
Mateus Ferreira	Repórter/diretor
Najela Camila	Boletim de áudio e câmera/assistente/iluminação

Nós chegamos na casa de Eduardo por volta das 21h30 e antes de iniciarmos a entrevista, resolvemos gravar as primeiras passagens, na frente da casa dele. Acabamos demorando um pouco mais que o demorado nessa parte, pois começamos a gravar as passagens enquanto eu caminhava, mas isso sempre acabava comprometendo o foco da imagem, foi então que decidimos gravá-las sem movimento. No entanto, até tomarmos essa decisão já havíamos perdido muito tempo, aproximadamente uma hora e meia.

Quando finalizamos essa primeira parte, fomos montar os equipamentos dentro da casa. Nessa hora, também acabamos demorando um pouco para ajustar os equipamentos (a iluminação e principalmente o áudio, pois o microfone estava captando muito os ruídos do ambiente). Isso demorou aproximadamente meia hora e enquanto fazíamos esse processo gravamos cenas de *making of*. Foram posicionadas duas câmeras: uma na porta do quarto de Eduardo (que captou uma imagem mais aberta) e outra dentro (que pegou um plano mais fechado do rosto do entrevistado).



Disposição da equipe e dos equipamentos. Foto: Captura de tela



Imagem captada pela câmera posicionada na porta do quarto. Foto: Captura de tela



Imagem captada pela câmera de dentro do quarto. Foto: Captura de tela

A entrevista foi dividida em quatro partes. A primeira teve duração de cinco minutos e durante a conversa foram feitas perguntas sobre a vivência dele como uma pessoa LGBTQIAPN+ em Aracaju e no bairro em que ele mora, como foi o processo dele se descobrir enquanto uma pessoa da comunidade e como foi que as pessoas que convivem com ele reagiram a isso, quando foi que ele começou a conviver com outras pessoas da comunidade e como ele reagia a essas pessoas. A segunda parte durou pouco mais de sete minutos e foram feitas perguntas sobre quando ele começou a sair com outras pessoas da comunidade, quais os lugares que ele costumava ir com elas, qual o lugar mais frequentado entre todos, como era o Vegas na época em que ele começou a frequentar, como ele costuma se sentir quando está lá em comparação a outros lugares e o que ele acredita que existe no Vegas que torna a boate o local mais frequentado pelos LGBTQIAPN+.

A terceira parte teve duração de quatro minutos. Um pouco antes de iniciarmos essa gravação tivemos que fazer a substituição das pilhas do gravador e trocar a bateria da câmera que estava dentro do quarto (achamos um pouco estranho, pois as baterias acabaram mais rápido do que o imaginado). Nesse trecho, foram feitas perguntas sobre como que acontecem as interações lá na boate, como que a festa pode proporcionar o sentimento de pertencimento a um grupo.

Quando finalizamos esse trecho, ele já tinha acabado de fazer a maquiagem. Por isso saímos do quarto para que ele vestisse a roupa e enquanto esperávamos, decidimos gravar alguns dos *offs* e mais algumas cenas de *making of*. A essa altura, já eram quase 00h30. Quando ele saiu do quarto, prosseguimos para a última parte da entrevista, que teve duração

de cinco minutos e em que abordamos questões mais voltadas para a vida dele com produção de festas para a comunidade, principalmente as que foram feitas no Vegas. Assim, foi questionado sobre de onde veio a ideia de fazer festas voltadas para esse público, qual a diferença que ele percebe entre produzir e tocar em uma festa para o público LGBTQIAPN+ e outra voltada para o público hétero. A essa altura da noite, já tínhamos gastado as duas baterias (acredito que uma delas não estava completamente carregada). Só tínhamos então mais uma bateria, a da T6i e da R100 (que não demorou muito para descarregar depois que chegamos no Vegas).

Quando terminamos a entrevista fizemos mais algumas imagens de *making of* da interação entre a equipe e o entrevistado, e quando deu aproximadamente 1h, decidimos nos deslocar até o Vegas. Houve um pouco de problema para conseguir achar carro. Só conseguimos de fato ir quando já estava próximo das 1h20. Fizemos algumas imagens de apoio do caminho e de nossa chegada ao estabelecimento, e em seguida, gravamos mais algumas passagens na frente da boate. Quando acabamos, já se aproximava das duas da manhã e decidimos não realizar entrevistas com o público, pois a boate já estava cheia, (inclusive o local onde pretendemos filmar estava com quase todos os lugares tomados). Então, fomos atrás de Yago Andrade, o produtor da festa daquela noite, para realizarmos a entrevista.

Ele disse que também seria interessante entrevistar Fernanda, que também era uma das produtoras, e que seria bom fazer isso depois que ambos tocassem (ela às duas e ele às três da manhã). Nós aceitamos e partimos então para fazer algumas fotos do público e pegar mais algumas imagens de apoio. Não demorou muito para que a bateria da R100 acabasse, por volta das duas e meia da manhã. Por esse motivo, resolvemos encerrar as gravações naquela data, até porque a bateria da T6i também já estava na última barra. Foi então que vimos que seria necessário mais uma diária. Naquele dia, fizemos aproximadamente 89 mídias.

4.2.3 20 de setembro - terceira diária

A última diária aconteceu em uma festa da Produções Hipnose, a qual tinha o tema “*The R’n’B Party*” (que celebrava a carreira da Rihanna e da Beyoncé). Nesse dia saímos de casa às 21h30, portando três câmeras (uma Canon EOS T5i com lente de 50mm, uma T6i com lente de 18-55mm e uma R100 com lente de 18-45mm), uma bateria reserva, três LEDs, um tripé, dois microfones de lapela bluetooth e três cartões de memória (dois de oito gigas e um de 128). Já a equipe, estava formada por quatro pessoas.

Quadro 4 - Atividades desempenhadas pelos membros da equipe

Nome	Atividade desempenhada
André Loius	Co-direção/assistente/operador de câmera
Júlia Medeiros	Operadora de câmera/iluminação
Kamilly Carvalho	Operadora de câmera/iluminação
Mateus Ferreira	Repórter/diretor/captação de áudio

Foi nessa diária que realizamos as entrevistas com Junior Rocha (o produtor da festa da vez), com Pedro Henrique (DJ), com Victor Rafael e com Alessia Moreira (frequentadores da casa), fizemos mais algumas imagens de apoio e além disso, regravamos algumas passagens logo no início, assim que chegamos na boate (tomamos essa decisão porque nos vídeos que foram feitas na gravação anterior, algumas palavras saíram com a pronúncia arrastada, o que poderia dificultar o entendimento do espectador).

Nessa data, apenas duas áreas do Vegas estavam em funcionamento (a pista interna e a pista lateral), foi então que Junior sugeriu que as gravações fossem feitas na pista externa e nós acabamos aceitando, pois lá a possibilidade de que fôssemos interrompidos seria inexistente. No entanto, só poderíamos estar lá quando Junior estivesse também. Nesse dia ele estava na *line up* e ia tocar por volta das 23h (ou seja, só poderíamos iniciar as entrevistas depois das 00h, pois seria o horário que ele estaria disponível tanto para dar a entrevista quanto para nos acompanhar no restante das gravações). Então, nesse meio tempo convidamos Victor e Alessia para participarem, e fizemos algumas fotos e imagens de apoio.

Nesse dia não levamos o gravador e nem os microfones do DCOS, e o áudio foi captado pelos microfones bluetooth e pelo meu celular. Esse foi um detalhe que causou um pouco de dor de cabeça, pois o meu celular costuma descarregar muito rápido e os microfones que estávamos nesse dia possuíam um tipo de entrada que só conectava em celulares como o meu (um Iphone). Não demorou muito para que o celular descarregasse (antes mesmo de iniciarmos as gravações). Um pouco antes de iniciarmos as gravações eu vi que um amigo meu estava lá e me emprestou o celular dele e quando deu o horário de iniciar as gravações, já estávamos com tudo pronto (até um determinado ponto da madrugada).

Iniciamos as entrevistas por volta das 00h30 e começamos com Junior. Em cada caixa dos microfones tinham dois aparelhos que dava pra conectar ambos no celular ao

mesmo tempo. No entanto, ao realizar alguns testes, percebemos que quando utilizávamos os dois (um em mim e o outro no entrevistado), um dos microfones apresentava um áudio muito abafado ou muito estourado. Esse motivo nos levou a tomar a decisão de usar um microfone só. Na entrevista com Junior fizemos três tentativas. Na primeira, André, Júlia e Kamilly perceberam que a iluminação não estava boa o suficiente. Na segunda, eu iniciei a entrevista e em um determinado momento resolvi fazer uma pausa para checar se estava tudo bem com o áudio (foi quando percebi que o microfone havia descarregado e nada foi captado). Então troquei o microfone por outro e recomeçamos a entrevista.

Na terceira tudo aconteceu aparentemente bem. A gravação teve duração de cinco minutos e nela, foram feitas perguntas sobre o tempo em que ele produzia festas, se elas eram voltadas para o público LGBT, porque os eventos para essa comunidade costumam ser feitos mais em espaços privados, quantas festas ele já fez no Vegas, qual a importância de fazer festas voltadas para esse público, se ele já teve algum problema em realizar festas para esse público em outras casa, e por fim, como ele acredita que esses espaços podem ajudar a criar um sentimento de pertencimento, reforçar o movimento LGBT e ajudar a mudar a realidade em que vivemos.



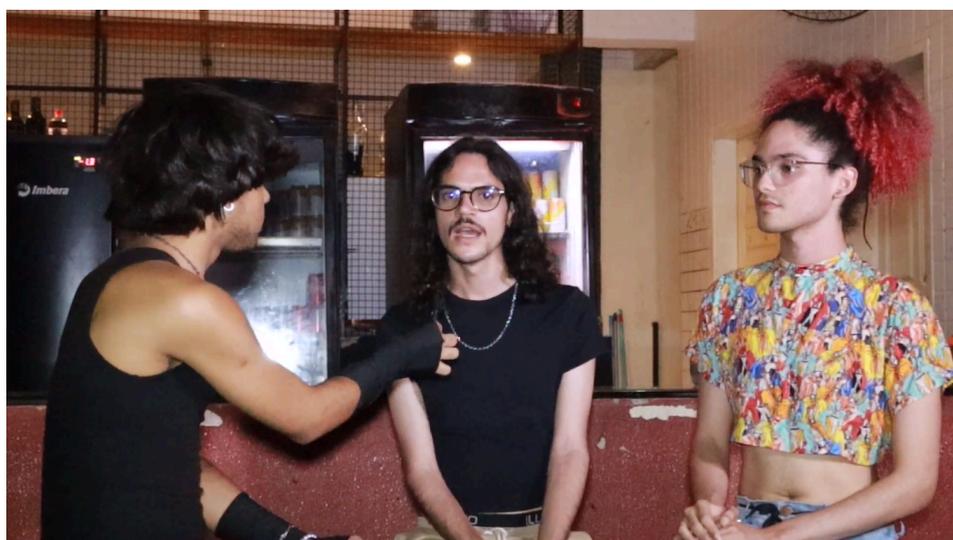
Entrevista com Junior Rocha, produtor da Produções Hipnose. Foto: Captura de tela

Quando terminamos a entrevista com Junior já se aproximava das duas da manhã e foi hora de nos despedirmos de Kamilly, que precisou ir embora mais cedo porque ela teria um compromisso às 9h da manhã daquele sábado. Além disso, o meu amigo que havia me emprestado o celular dele também já estava indo embora e conseqüentemente ele levou o aparelho. Naquele dia eu não estava com o meu carregador na mochila, mas por sorte, quando

fomos atrás de Alessia e Victor, e conversamos um pouco, Alessia mencionou que tinha um carregador e que poderia me emprestar, foi então que coloquei o celular para pegar um pouco de carga, para podermos prosseguir com as entrevistas.

Junior se ofereceu para conseguir um terceiro entrevistado, que foi Pedro e enquanto o celular carregava, aproveitamos para conferir a bateria das câmeras e das LEDs, e peguei os termos para que os entrevistados assinassem. Cerca de 30 minutos depois o celular já tinha bateria o suficiente e então prosseguimos com as entrevistas.

Os da vez foram Alessia e Victor. A entrevista com eles teve duração de aproximadamente dez minutos e o único problema que aconteceu foi na metade da entrevista, quando o cartão de memória encheu. No entanto, os meninos não quiseram interromper e o restante do vídeo foi gravado apenas com uma câmera. Durante a conversa, foram feitas perguntas sobre o que eles estavam achando da festa naquela noite, se eles frequentam muito a boate, porque eles gostam de ir pra lá, de onde eles eram, como eles se sentem frequentando outros espaços da cidade e o Vegas, como é ser LGBT no lugar onde eles moram, como eles se sentem no trajeto da casa deles até o Vegas, se eles costumam ver héteros na boate, como eles se sentem com a presença deles lá e se quando há situações desconfortáveis, se isso acaba totalmente com a boa experiência do rolê.



Entrevista com Alessia e Victor. Foto: Captura de tela

Após isso, partimos para a última entrevista da noite, com Pedro, que naquela noite foi DJ, mas também frequenta a boate. Nessa hora fizemos duas tentativas: na primeira, em um determinado momento da conversa eu percebi que a luz do microfone (que indicava que ele estava ligado) não estava acesa, foi então quando interrompi, chequei o áudio e percebi

que nada tinha sido captado (o microfone tinha descarregado). Na segunda tentativa (já com um novo microfone), fomos até o final. A entrevista teve duração de três minutos, no entanto, ela foi gravada com o suporte de apenas uma das câmeras, pois a R100 descarregou bem no início da filmagem e novamente, os meninos que estavam operando a câmera optaram por não interromper a gravação. Pedro respondeu as mesmas perguntas que Alessia e Victor, mas em uma quantidade menor. Para ele, perguntei onde ele morava, se ele costumava ver héteros na boate, como ele costuma ver a presença deles lá, como é ser LGBT onde ele mora e como ele se sente em outros espaços da cidade, como ele costuma se sentir quando vai pro Vegas, se ele acredita que é possível construir relações lá na boate e por fim, como ele avalia as opções de lazer voltadas para o público LGBT em Aracaju.

Quando terminamos tudo já se aproximava das quatro da manhã e naquela diária, fizemos aproximadamente 80 mídias, entre fotos e vídeos. Até então tudo parecia ter ocorrido bem. No entanto, no outro dia, quando fui olhar o material das entrevistas, percebi que o foco de uma das câmeras estava no automático e isso prejudicou a qualidade do material coletado, pois o vídeo focava e desfocava com certa frequência. No entanto, pensei que daria para salvar esse material na hora da edição, visto que boa parte das entrevistas foi gravada com duas câmeras.

4.3 E POSE!

O episódio da Ballroom foi montado com imagens que foram feitas em cinco diárias. Devido à experiência que tivemos com o episódio do Vegas, resolvemos colocar mais datas para que fizéssemos as gravações com mais calma e não precisar realizar diárias tão longas e cansativas. Assim, dividimos elas em dias de coleta de imagens de apoio, realização das entrevistas e por fim, gravação das passagens do repórter.

4.3.1 5 de setembro de 2024 - Primeira diária

A ball em questão aconteceu na UFS e foi realizada pela Kiki Casa DiBarro em parceria com o Coletivo Camarim. Com o tema “Independência ou Ball, ato II”, o evento fazia referência ao dia 7 de setembro. Nesse dia, eu fui sozinho para fazer imagens de apoio e estava portando uma câmera (uma Canon EOS Rebel T6i, equipada com uma lente 18-55mm). Na ocasião, eu cheguei na UFS por volta das 20h30 (o evento ainda não havia iniciado) e fui embora por volta das 23h. Além das gravações, esse dia também serviu para

que eu conhecesse algumas pessoas que fazem parte da comunidade Ballroom, como a Drag Queen Purple May DiBarro, Alisson Basilio (da House of Mangue) e Wendel Andrade (que é 007³⁴), com quem conversei um pouco sobre o tempo que eles frequentam os eventos. Nesse dia eles disseram que estava sendo legal ver mais pessoas conhecendo a cena.

4.3.2 31 de janeiro de 2025 - Segunda diária

Nessa data, a ordem do dia era realizar gravações em dois lugares: na casa da entrevistada (a Princess DiBarro Timmy Tchang) e na Doca Centro, o local onde aconteceu a MiniBall da Visibilidade, que foi organizada pela Casa de Ratturas em parceria com a Associação e Movimento Sergipano de Transexuais e Travestis (Amosertrans) para fechar a programação da XI Semana da Visibilidade Trans. Nesse dia, a equipe estava formada por sete pessoas, que foram divididas em dois grupos, com a finalidade de dividir a diária. O primeiro era formado por Junior Santos, Tatiane Macena, Wandson Silva e por mim. Já o segundo, por Diego Lima, Kamilly Carvalho, Lillian Pimentel e eu.

A ideia de dividir as equipes nesse dia se deu porque Timmy havia me dito que iria começar a se arrumar a partir das 16h (a ball na Doca só começaria 20h). Além disso, Diego, Kamilly e Lillian teriam aula no turno da tarde. Por esse motivo, fazer essa divisão foi a maneira encontrada para garantir a gravação do episódio, não prejudicar ninguém e não fazer uma diária muito cansativa.

Junior, Tatiane, Wandson e eu saímos de casa por volta das 15h30, para às 16h estar na casa de Timmy (que iria se arrumar mais cedo porque um amigo dele, que já tinha um compromisso mais tarde, iria maquiá-lo). Para essa gravação, levamos três câmeras (uma Sony a6000, equipada com uma lente de 16-50mm, uma Canon EOS Rebel T7, com lente de 50mm e uma câmera digital), uma bateria reserva para a Sony, um kit microfone boom, um gravador portátil Zoom HN4, quatro microfones de lapela bluetooth, dois tripés, uma ring light, três LEDs e três cartões de memória (um de 128gb, um de 64gb e um de 32gb). Na ocasião, a divisão de tarefas ficou da seguinte forma:

Quadro 5 - Atividades desempenhadas pela equipe

³⁴ Na Cultura Ballroom, 007 é o termo utilizado para se referir às pessoas que não possuem uma casa.

Nome	Atividade desempenhada
Diego Lima	Operador de Câmera
Junior Santos	Captação de áudio
Kamilly Carvalho	Operadora de câmera/iluminação
Lillian Pimentel	Iluminação/captação de áudio
Mateus Ferreira	Diretor/repórter
Tatiane Macena	Operadora de câmera/captação de áudio
Wandson Silva	Captação de áudio/assistente

Logo quando chegamos tivemos que esperar o amigo de Timmy, que só foi chegar lá por volta das 18h. Nesse meio tempo, aproveitamos para conversar, fazer imagens de *making of*, montar os equipamentos e testar alguns locais onde poderíamos posicionar as câmeras. Além disso, Timmy mostrou os looks que iria usar naquela noite. A entrevista só foi começar por volta das 18h20 e a ideia inicial era dividi-la em três partes. No entanto, durante as gravações aconteceram vários imprevistos, o que acabou resultando em uma divisão de seis blocos.

A primeira parte teve duração de quase sete minutos e os questionamentos feitos foram mais voltados para a experiência de Timmy com o mundo das Balls. Essa entrevista foi interrompida porque a bateria da Canon descarregou. Então, fizemos uma pausa de aproximadamente cinquenta minutos, para que a bateria pegasse um pouco de carga, porque não levamos bateria reserva. Enquanto esperávamos, foi momento de nos despedirmos de Junior, que precisou sair porque ele teria gravação com outra equipe naquela noite.

Quando a bateria pegou um pouco de carga, iniciamos o segundo bloco, que teve duração de cinco minutos e no qual foi falado sobre como acontecem as interações entre as pessoas nas balls, como é participar de uma ball e como elas podem acrescentar coisas positivas na vida das pessoas que participam. Esse bloco também foi interrompido porque a bateria da Sony descarregou, mas para essa, tínhamos levado uma bateria reserva. Então fizemos a troca e continuamos esse bloco em um outro vídeo, que teve duração de dois minutos, em que foi falado sobre como costumam ser os eventos organizados pelas casas.

A quarta parte da entrevista teve duração de quase nove minutos. Nele foi falado sobre as casas que existem na cidade, sobre como a comunidade Ballroom dá apoio às pessoas

que passam por algum tipo de problema familiar (como jovens que são expulsos de casa), sobre as movimentações que eles fazem nos espaços da cidade e como as pessoas costumam reagir a isso, sobre o crescimento da Cultura dentro da cidade e sobre as diferenças que ele vê ao organizar balls em espaços públicos e privados. Quando finalizamos esse trecho, Diego, Kamilly e Lillian chegaram na casa de Timmy. O combinado era que eles fossem direto para a Doca, mas por conta do atraso na entrevista acabei pedindo para que eles fossem para lá, para nos ajudar.

Quando todos estavam posicionados, iniciamos a gravação do bloco 5, que teve duração de dois minutos e em que foi falado sobre o motivo que leva o movimento a organizar eventos em mais de um lugar e se é a intenção dele trazer mais a cultura sergipana para dentro das balls. Nesse bloco, a bateria da Canon voltou a descarregar. A essa altura, o horário já passava das 20h30 e o amigo de Timmy já estava finalizando a maquiagem. Esse motivo, aliado ao fato de Timmy já estar um pouco atrasada para o evento, nos fez tomar a decisão de gravar o último trecho utilizando o celular de Lillian. Então, aproveitamos para colocar a bateria da Canon para carregar.

O último bloco teve duração de quase quatro minutos e nele, foram comentadas as experiências de Timmy com os espaços frequentados pelas pessoas da comunidade, a reação das pessoas que não fazem parte desse universo à presença dela quando ela está montada e sobre como o movimento Ballroom pode contribuir para o estabelecimento de uma Cena Queer em Aracaju. Quando finalizamos esse trecho, Timmy já estava pronta e precisou ir antes de nós, porque ela iria competir em algumas categorias naquela noite. Nós ficamos porque precisamos desmontar e arrumar os equipamentos. Quando terminamos já passava das 21h, foi quando pedimos transporte para irmos até a Doca.



Entrevista com Timmy Tchanga DiBarro. Foto: Captura de tela

Chegando lá, a intenção era fazer algumas imagens de apoio e entrevistas com o público presente. Por sorte, a ball em si ainda não tinha começado. Quando entramos lá, nos deparamos com Geovana Soares, que é Conselheira Fiscal da Amosertrans e uma das produtoras do evento da noite, que aceitou nos dar a entrevista. Com ela, fizemos quatro blocos.

O primeiro, teve duração de dois minutos e foi falado sobre a importância de realizar esse tipo de evento na cidade. O segundo, teve duração de sete minutos e foi perguntado se ela encontrou alguma dificuldade para realizar o evento daquela noite naquele espaço. Além disso, ela também falou sobre o projeto de Lei protocolado pela deputada Erika Hilton naquela semana, que visa reconhecer a Ballroom como patrimônio cultural do Brasil, sobre como ela enxerga o crescimento desse movimento na cidade, sobre como eventos como esse podem ajudar a reduzir a LGBTfobia nos espaços da cidade e sobre como ela enxerga a quantidade atual de locais disponíveis para a comunidade. Os dois últimos blocos tiveram duração de aproximadamente dois minutos cada. E neles, ela falou sobre a experiência dela em viver tudo isso e como a Ballroom tem sempre um peso político por trás de cada evento. Quando finalizamos, a ball já havia começado. Foi então que aproveitamos o momento para fazer as imagens de apoio.



Entrevista com Geovana Soares. Foto: Captura de tela

Não demorou muito tempo para que as baterias das câmeras descarregassem novamente. Foi então que decidimos captar as imagens de apoio pelo celular enquanto as baterias das câmeras carregavam, pois ainda pretendíamos fazer algumas entrevistas, dessa vez, com os filhos das casas. E assim fizemos. Só voltamos a fazer as entrevistas depois que os desfiles de todas as categorias já haviam acabado, o que aconteceu por volta das 00h.

Foi quando chamei a Princess Kami e Purple May DiBarro para me darem um depoimento. Com eles, tivemos que fazer a gravação na frente do Doca, porque um dos rapazes responsáveis pelo estabelecimento naquela noite nos disse que não poderíamos ficar no espaço onde realizamos a entrevista com Geovana, pois aquele era um lugar reservado para os funcionários da casa e que lá, só poderíamos deixar os equipamentos. A essa altura da noite as pessoas estavam começando a se reunir ali na frente, fator que prejudicou um pouco a qualidade do material porque além do barulho da conversa das pessoas, também tinham carros e motos passando na avenida e um cachorro latindo.

A entrevista com eles durou cerca de 13 minutos e dessa vez, não fizemos nenhuma interrupção. Com eles, foram abordados assuntos sobre como é fazer parte de uma casa de Ballroom, como é a relação entre os membros, o que participar desse universo trazia de bom para eles, como eles se sentem ao participar das categorias e como as balls podem ajudar a reduzir a LGBTfobia nos espaços da cidade.



Entrevista com Princess Kami (esq) e Purple May DiBarro. Foto: Captura de tela

Por fim, eu queria trazer a perspectiva de uma pessoa de outra House, então convidei Perola Negra Rattura. A entrevista durou quase três minutos e também foi feita na rua. Para ela, foram feitas perguntas sobre como é viver a Ballroom, como uma ball ajuda ela enquanto pessoa e como esse tipo de evento pode contribuir para que todos os tipos de preconceito sejam combatidos.



Entrevista com Perola Rattura. Foto: Captura de Tela

Quando terminamos todas as entrevistas já eram quase 02h30 da manhã, horário em que fomos para casa. No dia seguinte, fui conferir todo o material, momento no qual percebi que algumas coisas precisariam ser descartadas por problemas técnicos, mas até então não fiquei muito preocupado porque tínhamos conseguido fazer muita coisa. Só fiquei chateado com a entrevista de Perola, pois ela me deu boas respostas, mas infelizmente o foco da câmera não estava bem ajustado.

4.3.3 21 de fevereiro de 2025 - Terceira diária

Nesta data, aconteceu a *Vogue Night* com Casa de Ratturas, evento promovido pelo Coletivo inferninho e que foi realizado na praça do Rosa Elze. Para esse evento, levei uma Sony a6000 e uma LED, e a diária foi destinada para fazer algumas fotos e imagens de apoio. O evento começou por volta das 23h e terminou às 00h, foi uma diária bem tranquila.

4.3.4 28 de fevereiro e 1 de março - últimas diárias

Nessas datas fizemos as gravações das passagens do repórter. Nelas, tive a companhia de William Balieiro (operador de câmera) e Murilo Granja (iluminação). A ideia era que fizéssemos tudo em apenas um dia, nos turnos da tarde e começo da noite, mas no dia 28 acabei saindo do estúdio um pouco depois do esperado. Além disso, não conferi o cartão antes de sair de casa, então quando chegamos no local onde iríamos fazer as imagens, percebemos que ele estava cheio. Voltamos então para casa para esvaziá-lo e quando terminei, já era noite (quase 19h). Depois disso, perto das 20h, fomos ao Doca, para gravar algumas passagens lá na frente. Nesse momento tudo ocorreu bem, mas não fizemos tudo pois William tinha um compromisso com uma amiga naquela noite e eu gostaria que a primeira passagem que aparece no episódio fosse gravada no turno da tarde, pois foi o horário em que chegamos na tarde de Timmy.

Por esse motivos, colocamos mais uma diária para o dia seguinte, em que fomos gravar próximo ao Parque da Sementeira, pois eu iria aproveitar a ocasião para pegar algumas imagens das ruas daquele bairro. Saímos de casa por volta das 16h e retornamos por volta das 19h. Essa também foi uma diária bem tranquila.

ANEXOS

1. Briefing de Projeto: Identidade Visual Yag City

Informações do Projeto

Tipo de projeto

Criação de identidade visual Redesign de Identidade Visual

Tipo de marca

Pessoal Corporativa Negócio Digital Evento

Outro: Projeto audiovisual

Naming

O projeto/empresa já possui nome? Sim Não

Se sim, qual o nome? Yag City.

Itens desejados

Cartão de visita Cartão de visita digital interativo Assinatura de e-mail

Pasta A4 Envelope A4 Envelope Carta Papel timbrado

Outro(s): motions (tela de apresentação de personagens, contendo fotos e vídeos dos mesmos, além de informações como nome, ocupação e idade.

O projeto incluirá um Manual de Marca? Sim Não

Prazo de entrega desejado (aproximado)

14 dias 30 dias 45 dias 60 dias

Agora que já sabemos o básico sobre nosso projeto de identidade visual, que tal aprender um pouco mais sobre como vamos trabalhar? Essas informações são extremamente importantes para o bom desenvolvimento do projeto.

Características da Empresa

Posicionamento

Como a empresa se posiciona? Qual é o objetivo da marca? Exemplo: Loja online que vende roupas para o público masculino que gosta de bandas de quadrinhos de super-heróis.

Websérie documental de três episódios que propõe apresentar a Cena Queer da cidade de Aracaju.

Diferencial

Qual é o principal diferencial da marca frente aos concorrentes existentes no mercado?

Não há produções semelhantes a nível de websérie com mesmo tema, mas o diferencial principal é que os episódios tenham um feeling semelhante a videoclipes de divas pop. Uma pegada dinâmica e ritmo mais acelerado, com uma certa quantidade de elementos visuais.

Mensagem

Qual é a mensagem que a marca deseja transmitir ao seu público alvo? O que o consumidor deve pensar quando for impactado com a marca?

Não seria bem uma mensagem, mas sim uma reflexão acerca do direito à cidade para pessoas LGBT, que possuem uma vivência urbana diferente de pessoas que se encaixam nos padrões heteronormativos. Basicamente seria entender e reforçar a importância desses lugares como locais de resistência e reforçadoras de identidades. Além disso, acredito que a principal mensagem é que LGBTs também podem ser protagonistas de histórias felizes (digo isso porque boa parte das vezes que pessoas da comunidade aparecem na mídia é por meio de notícias que tratam sobre as mazelas dessa população).

Resumo

Em poucas palavras, como descreveria a marca/empresa de forma geral para alguém que não conhece a mesma?

A Yag City é uma websérie documental que visa fazer um mapeamento dos locais que formam a Cena Queer da cidade de Aracaju, e apresentá-los como lugares de resistência, lazer e diversão, em que os indivíduos da comunidade encontram seus iguais e compartilham suas experiências.

Slogan

A marca/empresa possui slogan? Se sim, por favor, preencha abaixo.

Não tem.

Público Alvo

Em detalhes, como descreveria o público alvo da empresa?

Jovens e adultos entre 14 e 35 anos, de qualquer gênero e pertencentes à comunidade LGBT e simpatizantes, usuários de redes sociais e plataformas como instagram, tik tok e youtube, que gostam do mundo pop e curtem documentários. Ter proximidade com produtos da cultura pop e LGBT é importante para conseguir entender as referências.

Referências

Agora, informe o nome de algumas empresas/marcas que tem como referência de logotipo, sem importar o segmento, setor ou mercado de atuação.

Referência 1

Pink Friday 2 - Nicki Minaj

Referência 2

Chormática - Lady Gaga

Referência 3

Future Nostalgia - Dua Lipa

Referência 4

Vício Inerente - Marina Sena

Referência 5 -

Brat - Charli XCX

Referência 6

C,XOXO - Camila Cabello

Características do Logotipo

As informações abaixo servem como sugestão para o desenvolvimento e não garantem a inclusão no projeto. É importante lembrar que a marca será desenvolvida de acordo com as características técnicas necessárias, por um profissional de Design Gráfico, considerando estudos e pesquisas da área.

Estilo do logotipo

Marque uma ou mais opções.

- Moderno Conservador Descontraído Popular Leve
- SériO Colorido Monocromático 3D Flat
- Outro(s):
-

Melhor cor: Rosa, azul, roxo.

Pior cor: Preto

Outras considerações

Gostaria de deixar mais alguma observação?

Gostaria de acrescentar que em relação ao estilo, a preferência é por algo mais Y2K e urbano. Se possível acrescentar coisas que conversem um pouco com a cidade de Aracaju, coisas que façam parte da cultura da cidade e/ou do estado, para trazer essa ideia de localidade, que também é importante para o projeto.